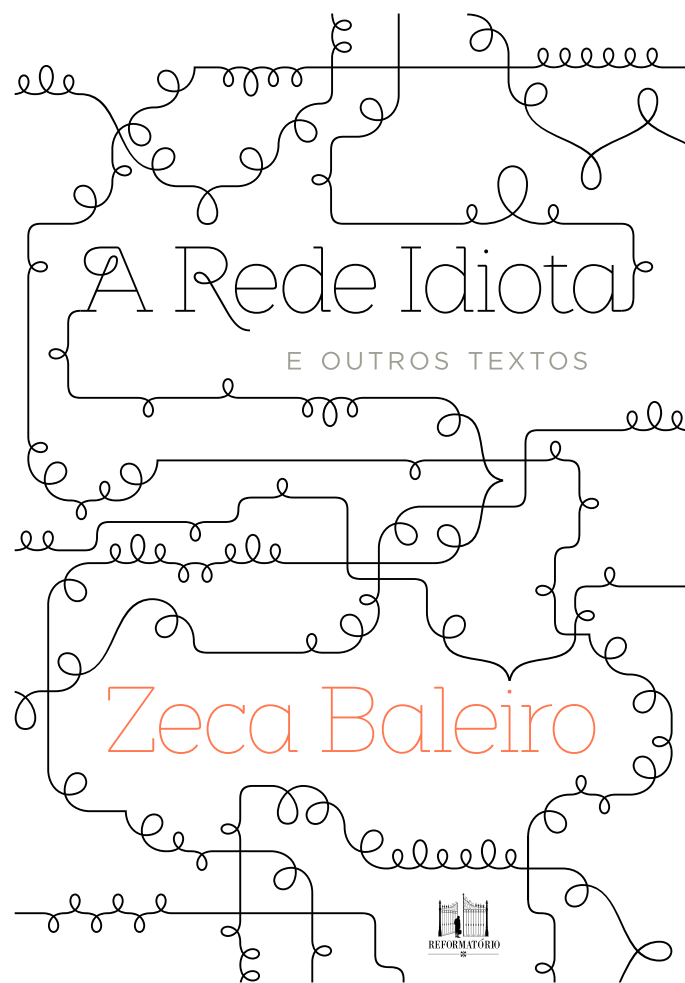


A Rede Idiota

E OUTROS TEXTOS

Zeca Baleiro





A Rede Idiota

E OUTROS TEXTOS

Zeca Baleiro



Por exatos cinco anos, entre 2008 e 2013, escrevi textos mensais para a coluna *Última Palavra*, da revista *IstoÉ*. Cinquenta desses textos compõem a maior parte deste livro, o capítulo 1.

O capítulo 2 é dedicado a textos sobre música, que escrevi para o blog *Questões Musicais*, da revista *piauí*.

O capítulo 3 é composto de textos eventuais e esparsos, escritos sob encomenda para jornais e revistas como *Correio Braziliense*, *Folha de S.Paulo* e *Globo Rural*, entre outros.

E o capítulo 4 contém arroubos de livre-pensar, divagações a esmo sobre o absurdo mundo em que vivemos. São textos inéditos, escritos especialmente para encerrar este conjunto de alfarrábios de botequim. A quem se dispuser, bom desfrute!

Zeca Baleiro

JUNHO DE 2014

Apresentação

Zeca Baleiro é um generalista capaz de lembrar quem toca guitarra num disco obscuro lançado em 79, qual atriz beijava o bonitão de alguma novela da antiga TV Tupi e quem era o meia-esquerda da Seleção Polonesa de futebol da Copa de 74, quem interpretou 007 depois de Sean Connery etc. Mas, não satisfeito por esgrimir a informação, quase sempre ele tem e expressa uma opinião bastante pessoal (e muitas vezes ferina) sobre aquela guitarra, o galã e a tal atriz beijoqueira, os deslocamentos e o potente chute do futebolista, qual o melhor e qual o pior 007.

O homem é um leitor voraz, um noveleiro assíduo, um ex-católico que sabe de cor as músicas de Pe. Zezinho e os sotaques de boi do Maranhão, sua terra natal. Enfim, um polemista nato fortemente vocacionado para encontrar interlocução. E que às vezes diverte-se em acuar o interlocutor. Mas é também reservado, arisco. Uma espécie de tímido eloquente, se é que isso existe. Eu o conheci através de seu conterrâneo Celso Borges, jornalista e poeta, que nos falara de como nos identificaríamos. De fato nos identificamos e fiquei sinceramente encantado com a poética algo atordoada de suas canções chegadas quentinhas do Meio-Norte e a mim apresentadas na edícula em que eu morava no bairro de Santo Amaro (SP), onde fomos pegar um amplificador meu emprestado para ele fazer um show num barzinho chamado Pourquoi Pas, na zona oeste de São Paulo. Não sabíamos ainda, mas a Z.O. logo se tornaria reduto e oficina de nossa parceria artística e fraterna.

Naquela mesma noite de seu primeiro show na Pauliceia, no palco e na mesa em que nos reunimos depois, descobri o provocador capaz de rir e

nos fazer rir de nós mesmos. Não tardou e alugamos um cafofo na sempre barulhenta e de rica fauna Rua Heitor Penteado, depois de sermos surrupiados na sociedade de um estúdio na Avenida Pompeia. Aí o papo ia do pop ao papa até chegar no papangu. É possível que, às vezes, ele tenha a mesma opinião que você, mas pode mudá-la para aquecer a conversa ou colocar outro ponto de vista na discussão, caso não haja. Exemplo: se você é Beatles, ele pode ser Stones; se você é Arrigo, ele vai ser Itamar, Roberto x Erasmo, Humberto Teixeira ou Zé Dantas, Fevers ou Renato e Seus Blue Caps, Gonzaga x Jackson, Pelé x Garrincha. Ou tudo ao contrário. E vai embasar, não importa de que lado fique. Justo pra mostrar que há mais de 50 tons de todas as cores. Já brigamos muito por isso, mas aí que nos divertimos muito, ao fazer as pazes aumentando a “pendura” na Padaria Ceará ou no Retiro do Caçador e escolhendo alguém para Cristo de nossa desembestada verve.

Ter suas crônicas reunidas em livro é um privilégio para nosso tempo, pois é sobre ele sua reflexão – aquele tipo de reflexão que não pretende guardar nenhuma verdade definitiva, mas nos alertar de que há mentiras demais se propagando pela simples falta de pensar. Pena que o leitor não poderá provar suas iguarias maranhenses na cozinha. Eu provei. Boa leitura, leitor incauto – irmão meu.

Chico César

Sumário

ÚLTIMA PALAVRA

[50 TEXTOS ESCRITOS PARA A COLUNA ÚLTIMA PALAVRA, DA REVISTA ISTOÉ]

Nós e o Tibete

A Fé que Voa

Na Contramão

Gentileza e Simplicidade

Pense Grande!

Caymmi e o Fim

Um Brasileiro Chamado Waldick

O Cinema Nu

Era uma Vez uma Infância

Poderosos Chefs

Obama e Lobato

Entretantos e Finalmentes

Maranhão, Engenhosa Mentira

Dream Show

O Mundo É uma Favela

Admirável Mundo Limpo

A Rede Idiota

Paz no Ibirapuera

Sobre Palavras Curiosas e Outras Bossas

Invenções Divinas e Invenções do Diabo

Imortal

Palavrões e Poesia

O Google, Minha Amiga Joana e o Mundo

Meu Primeiro Encontro com o Diabo

Rock Pai, Pop Filho

Rastreado por Jesus

Máximas de Marão

Carnívoro *Versus* Vegetariana

Que P... É Essa?

A Moral do Cascudo

GPS

O Ex-Comunista

São Marçal
Cabeça
2 Pequenas Histórias sobre Nomes
A Biblioteca do T-Rex
Máquinas Voadoras
Fundamentalistas
Sobre Hinos
Ufânio e Contreiras
Sofisticação
Enquanto Isso, na Sala de Criação
Jorge Dória
Os Mortos Escrevem
Críticos
A Vingança dos *Nerds*
Clarice e o Senso Comum
Apontamentos sobre a Morte
O Cinéfilo
O Mundo Mudou

QUESTÕES MUSICAIS

[13 TEXTOS ESCRITOS PARA O BLOG QUESTÕES MUSICAIS, DA REVISTA PIAUÍ]

1973 – O Ano que não Terminou (para a Música Brasileira)
As Canções Envelhecem?
O Gênero Brega
O *Marketing* dos Movimentos
Mulheres Autoras
Futebol e Música 1
Futebol e Música 2
Versão Brasileira 1
Versão Brasileira 2
Poetas da Canção
Esta Dona Prosódia
Música Jovem
Era uma Vez uma Discoteca

ESPARSOS E DISPERSOS

[8 TEXTOS ESPALHADOS POR AÍ]

O Dia em que Exu Caveira Baixou no Planalto
CORREIO BRAZILIENSE

Refrigerante de Tamarindo
REVISTA GLOBO RURAL

Ilha de Maré
REVISTA SERAFINA – FOLHA DE S.PAULO

A Música e o Silêncio
REVISTA VIRTUAL ESTAÇÃO PONTO DE LUZ

Marley – O Som que Mudou o Mundo
REVISTA SERAFINA – FOLHA DE S.PAULO

Canção do Interior
FOLHINHA – FOLHA DE S.PAULO

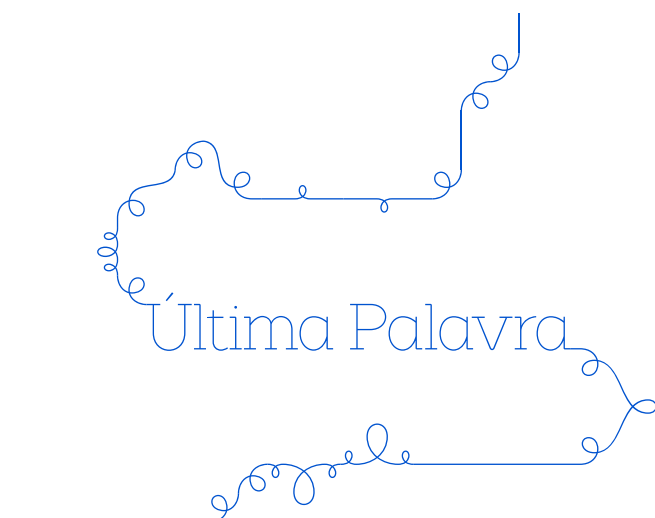
A Cantilena do Fim da Canção
REVISTA E – SESC SP

Sobre Chorão
O GLOBO

BREVÍSSIMAS REFLEXÕES E MEMÓRIAS LONGÍNQUAS [5 TEXTOS INÉDITOS]

Brevíssima Reflexão sobre Arte e Loucura
Brevíssima Reflexão sobre a Riqueza
Brevíssima Reflexão sobre o Fanatismo
Brevíssima Reflexão sobre a Sofisticação
Brevíssima Reflexão sobre a Ausência

Agradecimentos
Créditos



“Quem procura a paz
está com medo”

JOSÉ CHAGAS, EM “OS CANHÕES DO SILÊNCIO”

Nós e o Tibete

Sempre me impressionou a capacidade de as pessoas se mobilizarem por causas distantes. E quando falo distantes não me refiro apenas à distância geográfica. Nada de errado em se compadecer do risco de extinção do peixe-gato do Mekong ou da sangrenta guerra civil de Ruanda, pois ambos os casos dizem respeito a toda a humanidade. Mas para o bom samaritano (e brasileiro) que quiser fazer algo de nobre em sua vida não faltarão, tenho certeza, causas cruciais a um quarteirão de sua casa.

Reflito sobre isso depois de receber vários *emails* conclamando a lutar pela causa do Tibete. Pedem que eu compareça tal dia em frente à embaixada chinesa para protestar (consultando minha agenda, vejo que nesse dia terei dentista, tratamento de canal, coisa séria, os monges que me perdoem). Como qualquer mortal que use vez por outra a razão, lamento o jugo imposto pela China ao Tibete e a dor do povo tibetano. Mas, se a questão é de fato lutar contra injustiças, por que ir tão longe? O primeiro *email* com a convocação para a manifestação foi de um chegado carioca, que nunca vi empunhando bandeiras, nem nacionais nem regionais. Pergunto-me se depois da chacina da Candelária este sujeito também saiu por aí a distribuir filipetas solidárias à miséria.

Há algo de extremamente vaidoso – e ingênuo – nestas conclamações coletivas. Não descreio completamente da mobilização popular. A História registra casos em que o povo saiu às ruas e, armado de revolta e coragem, conseguiu mudar a cena política, depor presidentes, denunciar abusos e desmandos. Fala-se que o brasileiro é bastante acomodado, que nunca se mobiliza. Só se for com as próprias causas, pois não canso de receber

chamados à luta. À luta pela preservação das baleias do Greenpeace, pela não extinção dos coalas australianos, que pouca gente sabe como são, pelos expatriados do Kosovo, que pouca gente sabe onde fica. Mas por quê, se teríamos o mesmo a fazer pelo melancólico peixe-boi, pelo prosaico tatu-bola, pelos moradores do Nordeste profundo, ainda maltratados pela seca de sempre?

É como se lutar por causas internacionais conferisse maior nobreza, talvez glamour, à luta. Mesmo o chato Bono Vox, tão empenhado contra a fome da África, faria melhor se olhasse com igual fervor para seus irmãos irlandeses, afinal a Irlanda, segundo dados da União Europeia, é um dos quatro países do Velho Mundo com a maior taxa de pobreza infantil.

Com o perdão da psicologia de botequim, penso que isso deve ser próprio da natureza humana, aspirar ao que está fora de alcance, olhar antes para longe e só depois em redor. No caso de nós, brasileiros, nunca vi melhor explicação que o clássico “complexo de vira-latas”, cunhado por Nelson Rodrigues. Qual seja, esta nossa provinciana e colonial vocação para nos ajoelharmos aos pés do mundo enquanto desdenhamos de nossas próprias bossas (e mazelas). Quanto aos clamores em prol do Tibete, dedicarei minhas preces aos tibetanos esta noite – à distância, como faz o Dalai Lama, enquanto profere palestras a endinheirados pelo mundo afora. Mas não me peçam mais que isso, pois tenho mais o que fazer. Bem aqui, debaixo do meu nariz.

ABRIL DE 2008

A Fé que Voa

Entre as bizarras notícias que circularam nas últimas semanas (e foram tantas!), poucas me impressionaram tanto como a viagem suicida do padre voador, pelo que a história tem de tragicômica e simbólica. Desde os tempos de Ícaro até os dias atuais, de esportes perigosamente radicais, o homem sempre cultivou a louca obsessão de planar nos ares, para estar “mais perto de Deus”, ou por causas científicas, ou simplesmente pelo êxtase de transpor os limites humanos.

Diz sábio ditado popular que “Deus não dá asa a cobra”. A crer em adágios, Deus é mesmo pleno de sabedoria, afinal não me pareceria razoável um mundo povoado de serpentes aladas. É certo também que Deus não deu asas ao homem, mas deu-lhe coisa maior, ao dotá-lo de poderosa imaginação, que o levou a voos sem fim. Mas, ao que parece, os “voos da imaginação” que o homem realizou, seja no exercício da arte, da ciência, do esporte, da religião ou apenas de sua demasiadamente humana loucura, nunca lhe bastaram. Era preciso flutuar sobre os demais mortais, ir o mais longe que fosse capaz, se possível tocar o Sol, cruzar a Via Láctea, ir a outros planetas nunca antes explorados, como se voar pudesse reabilitar a nossa espécie do seu triste destino, de sua finitude, sua limitação física até.

Dessa fantasia de voar surgiram coisas úteis, essenciais e fantásticas, e outras nem tanto. Pelas mãos e mentes de Santos Dumont e dos irmãos Wright veio a incrível invenção do avião; pelas mãos de outro padre, o pioneiro jesuíta Bartolomeu de Gusmão, criou-se o balão, e muito mais se fez. No caso deste padre aventureiro, causam impressão alguns fatos,

como o noticiado despreparo para a empreitada e a sua crença aparentemente inabalável no êxito de seu voo. Padres são homens devotados à liturgia da religião, às causas da fé, têm uma presumida proximidade com o Céu, não o céu físico, astronômico, mas o Céu metafísico, espiritual. O fato de um padre lançar-se às alturas sem maiores cautelas pode ser revelador de uma certeza que só é dada a crentes muito convictos. Para voar, também há uma liturgia e, neste sacramento, segundo a voz dos especialistas, o padre teria pecado.

Dizem que a viagem do padre tinha o objetivo de arrecadar fundos para a construção de um alojamento para caminhoneiros. Outra versão diz que ele buscava prêmios, marcas e mesmo celebridade, o que torna o mítico “subir aos céus” mais mundano, menos nobre. Nada que cause tanto espanto, afinal já nos acostumamos, nestes tempos espetaculosos, a padres aeróbicos, pastores *pop stars* e gurus marqueteiros. Nada de errado, pois, com um religioso cuja elevação necessite de balões de gás e GPS.

Pensando bem, o mito de voar desde sempre esteve relacionado à fé. As Escrituras narram, embora não expliquem como, que Cristo teria “subido aos céus” depois de ser crucificado e morto e de ter ressuscitado ao terceiro dia. Entre todas as formas possíveis de ascensão, porém, creio ser pouco razoável imaginar o Filho de Deus sendo alçado ao céu por mil balões de gás hélio.

Na Contramão

O episódio da bancária que andou alguns quilômetros na contramão da turbulenta Avenida 23 de Maio, em São Paulo, dias atrás, é o quinto “caso de contramão” registrado na cidade e arredores nos últimos cinco meses. Impossível não perguntar pois: o que estaria acontecendo a essa gente ou, quem sabe, à contramão?

Como metáfora de transgressão, estar “na contramão” já teve charmoso *status* em outros tempos – algo como a mescla de consciência política com espírito anárquico, que passava pela quebra de regras de comportamento e afronta à sociedade, quase sempre pelas vias das drogas e da liberação sexual. Isso lá entre os anos 60 e 70. Não à toa, esses anos tiveram seu apogeu artístico batizado de contracultura, quando ser “do contra” era o máximo em termos de postura política – postura que às vezes nem política de fato era. Como se vê, até a cultura era “contra”, embora nem todos soubessem exatamente contra o quê.

Minha porção filósofo de botequim não se contém e indaga: o que estaria levando as pessoas de hoje a esta contramão literal e suicida (em fevereiro, outro bancário morreu na contramão da Rodovia Castelo Branco ao bater de frente com um caminhão; em março um ônibus entrou na contramão da Rodovia dos Bandeirantes e chocou-se com um carro, matando seus dois ocupantes)? Seria o óbvio desespero de se ver num trânsito sem saída, a pressão do dia a dia febril numa megalópole sem aparente solução? Um desprezo irresponsável pelas regras básicas de civilidade? Apenas isso? Ou mais?

O que havia de transgressão na expressão “andar na contramão” perdeu o ar contestador. Com o tempo, muitas palavras e atitudes perderam o estofo transgressor e tudo se tornou passível de desconfianças. A indústria cultural apropriou-se da rebeldia, fabricando produtos talhados para a ânsia de chutar o balde, comum a adolescentes e jovens; a publicidade lançou suas garras de cinismo sobre o mundo e toda contestação foi se tornando vazia de sentido e credibilidade. Naturalmente, todo gesto que era honestamente contra o estabelecido passou a estar sob suspeição (a propósito, há minutos, vendo um site de *games* com meu filho, li um reclame que dizia: “seu celular também pode ser rebelde” – “rebelde”, aqui, fazendo alusão ao seriado mexicano que virou febre entre crianças e *teens*, não a uma atitude rebelde genuína, coisa que os celulares, inanimados como são, não seriam capazes de ter, imagino eu).

Esvaziados os sentidos – e o peso – de se contrapor a algo, seja ao sistema político em voga ou ao rumo que a vida tomou neste tempo consumista e veloz, e dada a falta de controle sobre o próprio destino, as pessoas agora se lançam nesta contramão desesperada, talvez até como uma forma de dizer ao mundo, de um jeito radical, no limite da sanidade: “Retrocedam, voltem atrás, mudem o curso, ainda há tempo”. Mas talvez seja tarde demais para andar na contramão.

JUNHO DE 2008

Gentileza e Simplicidade

Há alguns meses, estava eu numa lanchonete quando vi, do outro lado de uma pesada porta de vidro, um casal se aproximando com bandejas nas mãos. Vendo sua dificuldade em abrir a porta com as mãos ocupadas, e vendo que ninguém ali no recinto esboçara qualquer atitude, saí da mesa em que estava confortavelmente sentado e puxei a porta para que os dois passassem. Passaram. E eu fiquei esperando um agradecimento qualquer, por tímido que fosse. Mas que nada!... Tempos depois, na recepção de um hotel, abri a porta para uma senhora que carregava sua mala com certo sacrifício e, de novo, nem um mísero “obrigado” ouvi.

Não que eu tenha feito tais favores com a intenção de ser condecorado em praça pública, laureado com chave da cidade, comenda, quermesse e festa no sambódromo, mas penso que é muito alentador ouvir agradecimentos quando se presta um favor a alguém. Instaure-se uma tal atmosfera de amistosidade que, ainda que por um momento, nos dá a esperança de vivermos num mundo mais gentil, menos bárbaro.

Conto essas histórias para ilustrar a minha percepção de que hoje as pessoas raramente agradecem, talvez porque entendam a gentileza apenas no contexto dos serviços. O porteiro que carrega a mala, a recepcionista que dá a informação, o taxista que abre a porta, a aeromoça que retira a mala do bagageiro... A gentileza é um serviço, não um gesto espontâneo e desinteressado, logo agradecer seria um detalhe, não uma obrigação.

Gosto de fazer favores, como gosto de agradecer. Dar a vez no trânsito hoje em dia é um gesto com mais poder transformador que qualquer manifestação na porta do Congresso ou passeata na Avenida Paulista.

“Gentileza gera gentileza”, dizia o folclórico profeta contemporâneo. E gratidão é nobreza, costuma dizer um amigo, poeta de padaria.



Zapeando a tv dia desses, vi por acaso matéria sobre a São Paulo Fashion Week, disputado evento da moda brasileira, quase-alta-costura que ganhou verniz de alta cultura nos dias que correm. Lá pelas tantas a repórter entrevistava personalidades que falavam da grande tendência do momento: a simplicidade. Diziam eles: “Superprodução é *fake*, o lance é se vestir com simplicidade”; “tem que ser básico, nada de figurinos superproduzidos”; “simplicidade é a palavra”... Bem, concluo então que as pessoas agora se produzirão para parecerem simples, o que vai de encontro à real ideia de simplicidade. No dicionário, entre muitos sentidos da palavra “simples”, há: “que evita ornamentos dispensáveis ou afetação” e “desprovido de elementos acessórios”, tudo o que a moda não pode ser.

JULHO DE 2008

Pense Grande!

“Faça como todo líder – PENSE GRANDE. Descubra o maior segredo de Donald Trump.” Impossível não notar o anúncio no jornal, com o “pense grande” destacado em letras graúdas, a foto da capa do livro ao lado e o telefone da editora para entrega rápida e gratuita. Não tenho dúvidas de que será um *best-seller* esta obra da lavra do magnata Trump, com receitas infalíveis de sucesso. Isso, a busca do sucesso, é, queiramos ou não, uma marca de nosso tempo.

A priori, o sucesso é bem-vindo em qualquer projeto. Não deve haver quem comece a fazer algo já desejando o fracasso de sua própria empreitada – e aqui deixo de fora os casos de divã. É saudável depositar as melhores energias em qualquer tarefa que se leve a cabo, seja ela pessoal ou profissional. Mas “sucesso”, tal como é lido hoje em dia, significa “chegar ao topo” – e aqui pouco importa a que custo (ou que topo!) –, conquistar dinheiro, fama e poder, ascender a um patamar muito acima dos mortais (em grande parte destes casos, sem maiores escrúpulos morais), para receber regalias e paparicos que o mundo tem a oferecer. Empreender um projeto mirando seu êxito pode ser algo nobre, mas a ideia de “sucesso” que hoje prolifera em livros, *outdoors* e comerciais de tv tem sabor mundano, tacanho, arrivista.

Não sei qual o segredo de Donald Trump. Tampouco tenho disposição para ler seu livro a fim de descobri-lo (tenho falhas irreparáveis no meu currículo de leitor que quero sanar ainda nesta encarnação, portanto não me sobrará tempo para manuais de sucesso). “Por trás de toda grande fortuna há um crime”, disse um cruel e implacável Balzac, ele próprio um

nome a constar nessa lista acima mencionada. E por trás de toda grande sede de poder e ascensão deve haver uma grande falta correspondente, imagino eu.

Pesquisadores da Austrália recentemente descobriram curiosa relação entre o gosto pelo excesso de velocidade de seus conterrâneos e o tamanho do pênis. Correr seria uma forma viril de compensar a falta de envergadura – aqui sem metáforas. Um amigo filósofo de balcão de bar defende tese semelhante. Ele crê que a atração por carros muito grandes, que hoje infestam as ruas das congestionadas cidades brasileiras e causam transtornos infernais, tem origem na mesma insegurança que assombra os velozes motoristas australianos. Isso me remete automaticamente ao lema de Trump – “pense grande” – e, iluminado pelas pesquisas que vêm da terra dos coalas e pela tese de quiosque do meu amigo, penso (nem tão grande assim!...): como tudo faz sentido, meu deus!

Mas sabemos que julgamentos como esses podem ser levianos, embotados pela maledicência e inveja populares. Vai ver o homem tem mesmo um método secreto, brilhante e eficaz de gerir empresas, revolucionário talvez, humanista quem sabe. Ou talvez o segredo de sua força, à semelhança do bíblico Sansão, resida tão somente na portentosa (e ridícula) cabeleira que ele ostenta na capa do livro, símbolo *kitsch* de sua riqueza e de sua trajetória de sucesso, modelo que tem copiadores – e aprendizes – pelos quatro cantos do mundo. Menos no Brasil, claro.

AGOSTO DE 2008

Caymmi e o Fim

Foi minha filha Vitória, de 10 anos, quem me deu a notícia: “Pai, pai, o Dorival Caymmi morreu!”... Fiquei duplamente comovido. Primeiro, por conta da própria partida de Caymmi. Apesar de já estar com 94 anos e de, com sua silhueta de mulato contemplativo e *bon vivant*, poeta brejeiro, amante do mar e da gente da Bahia, ter-se eternizado em nosso imaginário como um sujeito que viveu a vida devidamente, achei lamentável e simbólico que o último de nossos clássicos compositores tenha-se ido (Braguinha partira havia pouco tempo, às vésperas de completar 100 anos). E depois, por ter notado a tristeza sincera com que minha filha me repassou a notícia, após tê-la lido na internet. Ela, apesar de conhecer não mais que duas ou três canções de Caymmi – gosta especialmente da primeira parte da *Suíte dos Pescadores*, com seu encanto de canção de ninar (“minha jangada vai sair pro mar...”) –, sabe da importância histórica do baiano e me deu a má notícia com uma voz tristonha, num tom choroso, como se falasse da morte de um parente querido, embora distante.

Em meio à comoção vi uma esperança, por intuir, apesar do ceticismo que por vezes me domina, que manifestações tão altas do espírito humano, como a obra de Caymmi, por exemplo, estão fadadas à eternidade, e aquela manifestação consternada de minha filha, alvo fácil (e também público-alvo) de bandas *teenagers* e outros bombardeios covardes da indústria cultural, era uma prova incontestante disso.

Falo que a morte de Caymmi é simbólica por pontuar a passagem de um tempo, uma era da qual a canção foi um grande emblema, dada a importância que tinha na vida das pessoas. Há pouco tempo, uma

declaração de Chico Buarque sobre o “fim da canção” causou grande polêmica. Rebuliço maior se deu nos meios acadêmicos quando, anos atrás, Francis Fukuyama decretou o “fim da História”. A palavra “fim”, em ambos os casos, não significa um fim de fato, antes simboliza uma transformação de sentido, de importância, de valor. Falar em fim da História seria falar da falência de uma perspectiva histórica, diante da urgência de nossos dias, da ditadura do agora, da desimportância do resíduo da História num tempo que só vislumbra o presente imediato. Assim como falar em fim da canção deve antes significar o fim da relevância da música popular no mundo contemporâneo, de sua grande influência nos costumes da sociedade (já não tão grande assim), como se dava outrora. Não me espantará se algum filósofo contemporâneo alardear para breve o “fim da cultura”, se é que já não cantaram essa bola.

O certo é que a ideia de cultura, tal como se conheceu em séculos anteriores ao nosso, parece se desmantelar diante da força implacável da indústria cultural (que, apesar de se apropriar do tutano da cultura, quase nunca lhe rende tributos), da desinformação cada vez maior num mundo paradoxalmente cada vez mais cheio de informações, e num desinteresse crescente pela História, em parte propiciado pelo paraíso artificial da tecnologia, que traz a ilusão de autossuficiência e onipotência aos mortais.

Curiosamente, lembro-me agora de uma entrevista que li da Nana Caymmi, herdeira do legado do mestre baiano, há alguns meses. Na entrevista, Nana lamentava por não ver mais estantes com livros nas casas de hoje em dia, fato para ela revelador da falta de importância da cultura na vida das pessoas. Dizer porém que esta nossa época é uma idade sem cultura seria um equívoco. O dinheiro, eis a cultura de nosso tempo.

SETEMBRO DE 2008

Um Brasileiro Chamado Waldick

Não tenho intenção de fazer deste espaço um obituário da música brasileira, mas, assim como foi impossível não falar da morte de Caymmi no texto do mês passado, agora também é inevitável que eu dedique algumas mal traçadas linhas à memória de outro grande, Waldick Soriano.

Alguns artistas tornam-se vítimas de seu próprio folclore. E nessa lista podem figurar de Raul Seixas a Oswald de Andrade, de Tim Maia a Gilberto Gil. Diante da força desse “folclore”, não é tarefa fácil fazer uma avaliação crítica justa dos seus trabalhos. Mesmo Glauber Rocha, tido quase que unanimemente como o maior cineasta brasileiro de todos os tempos, não raro é mais lembrado por sua pitoresca biografia que por sua estupenda obra.

Também aconteceu com Waldick. Por trás do personagem cafona, com cara de durão, óculos escuros e chapéu de Durango Kid, eternizado como o cantor das dores de corno e autor do clássico brega (e igualmente folclórico) *Eu não Sou Cachorro, não*, havia (há) um compositor fabuloso cujo repertório de canções passionais não deixa a dever a nenhum dos gigantes *hermanos*, como Agustín Lara ou Rafael Hernández, consagrados autores de boleros com reconhecimento internacional.

A trajetória de Waldick é retrato e símbolo do Brasil profundo, um Brasil que não figura nos cadernos de cultura dos jornais, que sobrevive excluído dos grandes planos políticos, que forja a sua história com os mínimos recursos que tem. Pouco escolarizado, o artista se orgulhava do fato de suas canções não conterem erros grosseiros de português. E basta uma rápida revisão nas suas letras para atestar a verdade de sua fala. Nos

últimos anos, foi resgatado de certo ostracismo pela atriz Patrícia Pillar, que lhe dedicou documentário e produziu seu último e belo registro, um cd/dvd ao vivo, gravado em Fortaleza no ano de 2006. Por acaso eu estava lá e assisti comovido ao desfile de clássicos imbatíveis como *Tortura de Amor*, *A Carta*, *Vestida de Branco* e *O Moço Pobre*.

Antes, o livro *Eu não Sou Cachorro, não*, do historiador Paulo Cesar de Araújo, o mesmo que tempos depois escreveria a polêmica biografia do rei Roberto Carlos, já buscara restaurar a dignidade – e importância histórica – dos artistas ditos cafonas, revendo suas obras com olhar generoso e inserindo-as no contexto da história política brasileira recente, ao discorrer sobre os trabalhos de nomes como Odair José, Paulo Sérgio e o próprio Waldick durante os anos de chumbo da ditadura militar.

Eu diria que o rótulo de *cafona* ou *brega* é um patrimônio cultural brasileiro, e, não se enganem, isto é uma provocação sim. O brasileiro culto e urbano que vira as costas para os artistas populares e “cafonas” de nossa música é o mesmo que aplaude a cafonice estilizada dos filmes de Almodóvar, por exemplo, mas a cafonice deste, levada à tela sempre com maestria, está blindada pela aura de *cult*, moderna. Waldick não, Waldick é uma face do Brasil que o Brasil não quer ver, que não reconhece como legítima, que folcloriza para reduzi-la. Emblemática uma história contada pelo próprio, durante a gravação de seu dvd. Disse ele, com sua garrafinha de uísque barato ao lado: “O Frank Sinatra vem aqui ao Brasil, canta com seu copo de uísque na mão, todo mundo acha lindo. Agora se o Waldick toma seu uisquinho, aí ele é um cachaceiro!...”. Viva Waldick Soriano, quiçá o mais brasileiro de todos os artistas brasileiros!

OUTUBRO DE 2008

O Cinema Nu

Sexo é o lirismo do povo, disse Baudelaire, com ironia mas não sem razão. Talvez por isso novelas, canções, comerciais de tv e filmes estejam tão impregnados de sexo e/ou de sugestões sexuais, porque seus idealizadores sabem, intuitiva e malandramente, do apelo que o sexo – ou ao menos as fantasias sobre este – tem sobre o público, em especial nas camadas mais populares.

Quando eu era adolescente, o mundo já havia se despido (literalmente) de maiores preconceitos a respeito do sexo; já não era necessário recorrer a quadrinhos proibidos de Carlos Zéfiro ou romances lascivos de Adelaide Carraro e Cassandra Rios, por exemplo, ícones da transgressão sexual de outros tempos. No meu tempo – e quando o sujeito fala nesse tom é porque já reconhece a própria velhice – as revistas de mulheres nuas já eram uma instituição, a masturbação já não era um imenso tabu e certos cânones morais como a virgindade já não tinham o mesmo peso de antes.

Escrevo isso tudo para introduzir (com o perdão da palavra!) minhas considerações sobre a recente polêmica em torno das declarações do ator Pedro Cardoso sobre o excesso de nudez no cinema brasileiro. Concordo com o que ele disse, e quem fala isso não é um censor moralista nem um inquisidor medieval, mas um entusiasta do cinema nacional que sempre lamentou a gratuidade do nu nas telas tupiniquins, ainda que isso tenha rendido algumas pérolas, como as hilárias e toscas pornochanchadas, que se consagraram como um autêntico “gênero” de filme por estas plagas entre a década de 70 até meados da década de 80, gerando ícones impagáveis e eternos como Helena Ramos e Nuno Leal Maia, e cuja

volúpia respinga (com o perdão da palavra mais uma vez!) na cinematografia brasuca até hoje.

Tão curiosa quanto as próprias pornochanchadas foi a repercussão da frase do ator, entre moções de apoio e farpas de condenação, como a folclórica declaração do sátiro Zé Celso Martinez Corrêa de que “o nu é o melhor figurino”. Diretores de cinema magoados repeliram também o “manifesto” do ator, alegando que os atores não são obrigados a tirar a roupa diante das câmeras, mas que, depois de aceita a empreitada, não lhes é dado o direito a reclamações. Razoável, me pareceu.

O que não me parece razoável de fato é o que vejo quase como um vício do cinema brasileiro, a tal gratuidade do sexo. Ainda hoje, mesmo quando não parece necessário ou essencial à narrativa, mesmo quando filmado sem poesia ou rigor, quase sempre lá está o recurso fácil da nudez, os atores despídos e em ação, “sapecando o couro”. Bom frisar que o nu e o sexo já renderam cenas antológicas no cinema, seja pela plasticidade, lirismo ou violência (ou por tudo isso junto), e de pronto me acorrem à memória a clássica “cena da manteiga” protagonizada por Marlon Brando e Maria Schneider em *O Último Tango em Paris*, o estupro de *Laranja Mecânica* e a bela e brejeira nudez de Sônia Braga em *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, para não me estender demais.

Inegável é que, ao longo dos anos, a nudez deixou seu posto de instrumento transgressor e afrontador da sociedade para ganhar *status* publicitário, banalizada em *outdoors*, comerciais e programas de tv, *big brothers* da vida e programas de auditório. Em tempos de excessos, pois, haverá maior transgressão que a sobriedade?

OUTUBRO DE 2008

Era uma Vez uma Infância

Matéria publicada nesta revista em outubro sob o título *Grandes antes da Hora* discorria sobre a “agenda” de crianças com menos de 2 anos, já divididas entre aulas de inglês, teatro e música, isso tudo “para auxiliar o desenvolvimento”. Profissionais especializados como psicanalistas, psicólogos e psiquiatras ouvidos pela reportagem alertavam para o perigo que tal precocidade pode trazer à infância e para o evidente fato de que, nessa idade, quanto mais espontâneas as atividades, melhor.

Há hoje um sem-número de ofertas de serviços e cursos destinados a crianças, algo que já se configura como uma tendência e um crescente mercado em que, por certo, nem todos os profissionais devem ter a formação e experiência devidas para tratar de matéria tão literalmente delicada. Admitindo que o buraco é ainda mais embaixo, me pergunto: o que leva pais a gesto tão notoriamente absurdo? Ausência?... E então as atividades seriam uma forma de compensá-la?... Uma ansiosa expectativa de competitividade na vida adulta do filho? Transferência de suas próprias aspirações e desejos? Imaturidade? Ou a boa e velha loucura que assola o mundo neste novo século? Fico com a última alternativa.

Não é de hoje que noto pais e mães ansiosos com o lugar de seus filhos no mercado de trabalho (?). Lembro-me de, numa reunião a que fui certa vez em uma escola mais conservadora onde meus filhos não viriam a estudar, ter visto um pai pedir a palavra e perguntar à coordenadora, em alto e bom som: “O que a escola faz para preparar as crianças para o mercado de trabalho?”. Um silêncio desconcertante tomou conta da sala, e então, jeitosamente, a moça tentou explicar àquele apressado sujeito que

escolas fundamentais não têm essa função, que são responsáveis por um ensino mais elementar etc. Detalhe: as crianças em questão eram pirralhos de 6 anos de idade prestes a entrar para o 1º ano do Ensino Fundamental.

O torto questionamento desse pai, infelizmente, deixa claro que esse é um pensamento mais comum do que a nossa vã filosofia pode imaginar, e a existência de escolinhas destinadas a ensinar inglês a crianças de 6 meses confirma isso – como diz a canção, “quando acabar o maluco sou eu!”. Assim, deixa-se de lado o que de mais precioso a infância pode ter, a própria infância – a fantasia, o lúdico e a ignorância (se é que me faço entender) –, dando lugar ao compromisso, ao desempenho e à obrigação, atributos do mundo adulto. Diz a matéria que as escolinhas em questão “associam o aprendizado a recursos lúdicos”. Quando me vejo em dúvida sobre o sentido das palavras, como agora, recorro ao dicionário. Diz o *Houaiss* sobre “lúdico” – “que se faz por gosto, sem outro objetivo que o próprio prazer de fazê-lo; atividade que vise mais ao divertimento que a qualquer outro objetivo”.

Curiosamente, o mesmo dicionário explica a origem latina do vocábulo “infância”: “dificuldade ou incapacidade de falar; mudez”. Não deixa de ser irônico imaginar crianças em sua primeira idade, a idade da mudez, estudando um idioma que nem seu é. Diante disso, não há como não perguntar: para que serve mesmo a infância? De minha parte, prefiro um mundo povoado por cidadãos monolíngues mas com repertório afetivo e lúdico do que por profissionais competitivos, políglotas e sem alma.

NOVEMBRO DE 2008

Poderosos Chefs

– Antes de mais nada, não entendo por que chamar cozinheiros de *chefs*. Chefes de quê? De quem? Depois, como é que eles se tornaram deuses do nosso tempo? Tá bom, há ótimos cozinheiros por aí, mas...

– Não são apenas ótimos cozinheiros. Há verdadeiros artistas criando novos pratos, reinventando a cozinha, fazendo fusões de culturas, pesquisando ingredientes...

– Tá, reconheço que há gente talentosa, mas há um certo exagero no *status* atual dos cozinheiros, não acha? Os caras são astros *pop*, celebridades unânimes, grifes de luxo... São paparicados e tratados com um mimo que, em outro tempo, só os grandes e prestigiosos artistas teriam.

– Mas eles são artistas!

– Sei não, sei não. Há algo errado nisso tudo.

– Como assim?

– Não é estranho que os “artistas” de hoje façam comida e não arte?... Sem falar que os pratos estão cada vez mais mínimos e mais caros, uma loucura.

– É, a cozinha moderna é assim mesmo.

– Então prefiro a velha, mais *vieille cuisine* e menos *nouvelle*!...

Precisamos criar uma Renascença na cozinha contemporânea, voltar aos velhos cozidos, ensopados, porções generosas... Mais condimento e menos comedimento!

– Não tem mais volta, *darling*. As pessoas querem novidade.

– É, eu sei, é por causa dessa sede de novidade que alguns medíocres com senso de oportunidade vencem, se estabelecem... Quer ver qual o truque mais banal usado hoje pelos grandes restaurantes? Cardápio! O cardápio é mais apetitoso que a própria comida. Ora, ninguém come cardápio, come?

– Você enlouqueceu.

– É verdade, vai por mim. Ah, outro truque banal é o uso de ingredientes exóticos, diferentes. Quanto mais esquisito melhor. Tipo “recheado com ervas hidropônicas das Ilhas Fiji” ou “picanha de lhama maturada nas ruínas de Machu Picchu” ou “ovas de esturção centenário em mel de floradas de eucalipto”; e por aí vai...

– Que exagero!

– E ainda tem a balela das harmonizações. Em que Bíblia está escrito que não posso comer peixe acompanhado de vinho tinto? Paladar é como impressão digital, cada um tem o seu. Gosto se discute sim. E também se forja, se inventa. Esse papo é catequese *hype*, pra confundir a cabeça de quem não tem personalidade.

– Ih, pirou na batatinha... Papo mais conspiratório!

– E o pior é que a coisa que aparentemente as pessoas hoje mais prezam é “personalidade”, o que nego mais quer é ser “diferenciado”. Mas aí vai a um restaurante e pede o prato que todos pedem, porque ouviu dizer que é “o máximo”. Vai comprar um vinho, compra aquele que o *sommelier* que acabou de se formar num curso intensivo de 20 dias sugere, o que todos estão bebendo... Esse povo ama ter personalidade por uma razão muito simples: porque não tem!

– As pessoas querem cultivar o bom gosto, não há pecado nenhum nisso, há?

– Mas bom gosto de quem, pra quem? Quem ensinou esse bom gosto, quem disse que era bom? Bom gosto é o “seu” gosto, é assumir o que você sinceramente quer.

– Você tá muito filosófico hoje, tá demais pra mim.

– É simples, o mundo tá precisando é de mais Bocage e menos Bocuse.

– Bocage? Quem é, algum novo cozinheiro catalão?

– Não, era português. Poeta.

– Mas... cozinhas?

DEZEMBRO DE 2008

Obama e Lobato

Quando, em 1926, Monteiro Lobato escreveu *O Presidente Negro*, não poderia imaginar, mesmo sendo o visionário que foi, que mais de 80 anos depois um negro com o estranho nome Barack Obama seria eleito presidente dos Estados Unidos da América (país cuja vocação “progressista” tanto encantava o escritor brasileiro), amparado por razoável superioridade nas urnas. Na verdade, não precisaríamos ir tão longe. Se alguém fizesse tal profecia há dez, mesmo cinco anos, não seria levado a sério, isso se não fosse francamente ridicularizado.

Fato é que, para surpresa do mundo, um negro chega enfim ao poder em um país com triste histórico de segregação racial. E chega embalado por uma euforia internacional que beira a histeria. Torço por Obama. Seu êxito no comando da Casa Branca será algo educador, um alento num cenário de cinismo e hipocrisia, uma lição política e humana exemplar. Mas não será tarefa fácil governar um país arrasado por grave crise política e financeira.

De todo modo, o que me interessa comentar aqui não é a cena política (afinal não teria autoridade para tanto), mas a “psicologia de botequim” em torno do fenômeno Obama. Dias atrás, todos os canais de televisão cobriam com estardalhaço sua posse, os jornais idem, as conversas de padaria giravam em torno dele, até programas de esporte abordavam seu perfil esportivo, de garoto amante do basquete, porte atlético etc. Ainda agora, passados os primeiros dias de governo, sua figura esguia e elegante é onipresente. Muito se falou e especulou sobre o lastro histórico que Barack deixará como “presidente da América”. Foi num programa de tv

que ouvi a seguinte afirmação: “A chegada de um negro à Casa Branca fará com que outros negros se sintam encorajados a buscar cargos de importância na política”. Ok, compreensível. Mas o princípio aqui não escapa do senso comum que faz crer que uma menina humilde do Paraná que vence o *Big Brother* abrirá caminhos para outras meninas humildes do Paraná, em suma um princípio arrivista, mesmo antidemocrático e, por que não dizer, amoral.

Foto divulgada à exaustão há alguns dias mostrava-o assinando ordens executivas (e na pauta estava o fechamento de Guantánamo), rodeado de homens brancos que poderiam ser arianos de um filme de Spielberg. Emblemática. É natural, portanto, que Barack Obama seja visto como um restaurador da autoestima negra. Mas se ele pode deixar um legado real à humanidade, além de um governo justo e comprometido com os prementes problemas americanos, é uma visão não revanchista, sem recalques, sobre a questão racial, lá e no mundo.

Na fábula de Lobato, figura polêmica acusada de racismo por corroborar as teses eugenistas, que apregoavam a purificação étnica, há uma crítica feroz à perda de raízes e à imitação dos costumes alheios – em especial ao “embranquecimento” da comunidade negra como forma de adaptação à sociedade, o que resultaria em perda de identidade (e ele nem poderia sonhar com o caso Michael Jackson àquela altura).

Não é necessário que Obama seja o Messias, o redentor de todas as mazelas humanas, como o mundo agora o trata. Basta que ele seja Barack Hussein Obama Jr., o primeiro presidente negro dos Estados Unidos. Não um “negro de alma branca”, apenas um negro com alma.

JANEIRO DE 2009

Entretantos e Finalmente

Eu era menino quando o compositor Paulo Diniz musicou o belo e verborrágico poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade, e fez o público cantar palavras pouco comuns ao vocabulário da canção, como *utopia* e *teogonia* – uma grande façanha, não resta dúvida. O povo cantou também *inzoneiro*, *merencória* e *trigueiro*, contidas na pernóstica letra de *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso, que gerou uma sequência de sambas-exaltação com palavras igualmente raras e às vezes inadequadas, quase sempre como uma propaganda interesseira do Estado Novo, isso bem lá atrás.

Antes ainda, bem antes, eram os seresteiros que faziam a turba cantar versos parnasianos, cheios de palavras nada usuais, que pareciam escolhidas a dedo no dicionário. Catulo da Paixão Cearense, Cândido das Neves, o “Índio”, e Vicente Celestino, “o ébrio”, foram alguns desses artífices de versos pomposos como: “Prossegue sempre em flóreas sendas, sempre ovante”. Ou: “Álgida saudade me maltrata”, e por aí vai.

Ex-ministro do governo Collor, Antonio Magri não é lembrado por nenhum feito político. Mas ninguém se esqueceu do absurdo certa vez por ele proferido, que consagrou o uso da inexistente “imexível”. O ex-presidente Fernando Henrique também deixou sua marca no vernáculo presidencial ao reabilitar o velho e brejeiro “nhe-nhe-nhem”.

Além de poetas, compositores, ministros e presidentes, personagens de novela e humoristas a bordo de seus criativos bordões tornaram-se responsáveis por algumas invenções vocabulares dessas que o público assimila e reprocessa e cujo uso se cristaliza em nossa fala corrente quase

sem que se perceba. O genial trapalhão Mussum, por exemplo, deu mais contributos à nossa língua que muito acadêmico empolado e cheio de teses. Em seu “dialeto”, bunda ganhou as lúdicas alcunhas de “poupança” ou “forévis”. Cachaça, em sua boca, virou “mé”. É dele também a mais expressiva interjeição de espanto que já se ouviu: “Cacildis!”.

E quem não repetiu as blagues inspiradas do personagem de Paulo Betti em *Tieta do Agreste* – “nos trinquês”, “Sum Paulo” etc. –, exageradas pelo sotaque baiano da TV Globo? O clássico personagem Odorico Paraguaçu, de Dias Gomes, eternizado na tv pelo imenso ator Paulo Gracindo e agora revivido no teatro por Marco Nanini, também deixou seu legado de firulas e *gags*, entre estas a impagável “vamos deixar de lado os entretantos e partir pros finalmente”.

Havia um locutor esportivo no Maranhão que, sempre que queria enfatizar a grande confusão dentro da área, berrava: “Olha o lançamento... que cu de boi na grande área!”. Não tenho conhecimento veterinário suficiente para saber que terrível aspecto pode ter o ânus (ou furico ou fiofó ou zé de quinca ou oritimbó) bovino, mas pela expressão penso que posso deduzir. Ainda hoje, quando me deparo com uma grande zona, na rua, em casa, na mesa do escritório, exclamo, quase sem querer:

– Eta cu de boi!...

FEVEREIRO DE 2009

Maranhão, Engenhosa Mentira

O Maranhão é um estado do Meio-Norte brasileiro, um preciosismo para nomear a região geograficamente multifacetada que é ponto de interseção entre o Nordeste e a Amazônia. Com área de 330 mil km², pleno de riquezas naturais, tem fartas agricultura e pecuária, uma culinária rica e diversa e uma cultura popular exuberante. Não obstante tudo isso, pesquisa recente coloca o estado como o segundo pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do país, atrás apenas de Alagoas.

Sou maranhense. Nasci em São Luís, capital do Maranhão, no ano de 1966, mesmo ano em que o emergente político José Sarney assumiu o governo estadual, sucedendo o reinado soberano do senador Vitorino Freire, tenente pernambucano que se tornou cacique político do estado, a dominar a cena estadual por quase 40 anos. De 1966 até os dias de hoje, são outros 40 anos de domínio político no feudo do Maranhão, este urdido pelo senador eleito pelo Amapá José Sarney e seus correligionários, sucedâneos e súditos, que gerou um império cujo sólido – e sórdido – alicerce é o clientelismo político, sustentado pela cultura de funcionalismo público e currais eleitorais do interior, onde o analfabetismo é alarmante.

O senador José Sarney, recém-empossado presidente do Senado em um jogo de caras barganhas políticas, parecia ter saído da cena política regional para dar lugar a ares mais democráticos, depois de amargar a derrota da filha Roseana na última eleição ao governo do estado para o histórico pedetista Jackson Lago. Mas eis que volta, por meio de manobras politicamente engenhosas e juridicamente questionáveis, para não dizer suspeitas, orquestrando a cassação do governador eleito, sob a acusação de

crime eleitoral, e conduzindo a filha outra vez ao trono de seu império. Suprema ironia, uma vez que paira sobre seus triunfos políticos a eterna desconfiança de manipulações eleitoreiras (a propósito, entre os muitos significados da palavra “maranhão” no dicionário há este: “mentira engenhosa”).

Em recente entrevista, um político veterano (não lembro se o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso ou o ex-senador Jarbas Vasconcelos) disparou frase cruel, algo como: “Querem transformar o Brasil num grande Maranhão”. A frase, de efeito, aludia a uma provável política de troca de favores praticada pelo Planalto atualmente, baseada em jogo de interesses regionais tacanhos e tráfico de influências. Como alguém nascido no Maranhão, e que torce para que o estado alcance um lugar de mérito na história do país (potencial para isso não lhe falta, afinal!), lamento o comentário, mas entendo a ironia, pois o Maranhão tornou-se, infelizmente, ao longo dos tempos, um emblema do que de pior existe na política brasileira. Não é de admirar que divida o *ranking* dos “piores” com Alagoas, outro estado dominado por conhecidas dinastias familiares.

Em seus tempos de apogeu literário, São Luís, a capital do Maranhão, ficou conhecida como a “Atenas brasileira”. Mais recentemente, pela reputação de cidade amante do *reggae*, ganhou a alcunha de “Jamaica brasileira”. Não me espantará que num futuro próximo o Maranhão venha a ser chamado de “Uganda brasileira” ou “Haiti brasileiro”. A semelhança com o quadro de absoluta miséria social a que dois célebres ditadores levaram estes países – além do apaixonado apego ao poder, claro – talvez justificasse os epítetos.

Dream Show

Há uma canção antiga do compositor Sérgio Sampaio, *Dona Maria de Lourdes*, em que ele crava um lindo verso: “... Escondido das notícias, entre as feras / nas revistas sem assunto, meu amor”. É uma alusão óbvia às revistas de fofocas de celebridades que começaram a proliferar entre os anos 60 e 70, época em que a palavra “celebridade” ainda não era popular, mas a fofoca sim. Na carona do sucesso arrasador da recém-chegada televisão, ali pelo final dos anos 50, algumas revistas, como as clássicas *Revista do Rádio* e *Intervalo*, viraram manias nacionais plantando boatos ou relatando rumores de casos amorosos, separações, processos e picuinhas de e entre famosos, especialmente gente que punha a cara na tv, cantores e atores à frente. Naquela época, ninguém, nem mesmo o mais visionário cidadão, poderia imaginar que, décadas depois, essa mesma tv escancararia seu horário nobre para anônimos em busca de fama e dinheiro, onde exporiam não só sua intimidade, mas também suas partes íntimas, mazelas e anseios tacanhos, à vista de todos, em tempo real, em programas de um gênero chamado *reality show*.

Curioso pensar que a tv, assim como toda a indústria cultural, nasce do desejo por fantasia, pelo sonho, como um antídoto contra a dura e embrutecedora realidade. Era a alegria do circo em contraponto à dureza da luta pelo pão de cada dia. Pois a primordial sede de ilusão deu lugar à mórbida curiosidade pelo cotidiano mais mesquinho, que vemos através de programas policiais que exploram a miséria sem pudor, outros que expõem a vida dos casais ou seus conflitos com filhos drogados, rotina de

obesos, duelos de *performance* sexual etc., um verdadeiro circo de horrores.

Foi a febre por “realidade” que fez com que milhões de espectadores legitimassem a fábrica de ouro e fama *Big Brother*, um modorrento programa estrelado por bando de mequetrefes cuja maior aspiração na vida é a fama e cujo maior talento é a cara de pau para atingi-la. Esse público ávido, não só pela vida privada dos outros como pela própria privada destes, começa a dar mostras de cansaço, e oxalá isso seja sinal de uma real mudança (a última edição, a nona, teve o menor índice de audiência desde o início do programa, em 2001). Portanto, em vez da aridez humana dos *reality shows*, proponho às tvs que façam um *dream show*, um show de sonhos, produto hoje tão em falta no mercado.

P.S.: Há dez anos uma amiga compositora me disse, em tom profético, que a fama, tal como é, uma instituição da modernidade, tinha seus dias contados. Pra ilustrar seu discurso, ela elegia a *pop star* Madonna como a heroína deste novo tempo, que, com sua postura iconoclasta, ensinaria despojamento, despindo-se do figurino da fama e da celebridade. Ao longo dos últimos anos, porém, Madonna fez de sua vida privada um grande espetáculo de efeitos visuais – casamento, separação, nascimento dos filhos, adoção de crianças africanas, tudo está sob holofotes e à vista de espertos *paparazzi*, com o quê, aliás, ela deu novo sopro à carreira, que já parecia em declínio. A última notícia sobre a cantora é risível de tão aparentemente íntima: Madonna teria contratado uma professora para melhorar o precário inglês de seu novo namorado, um modelo brasileiro ironicamente batizado de Jesus. É, cada era tem a Madonna (e o Jesus) que merece.

O Mundo É uma Favela

Ouvi falar do filósofo Paulo Arantes depois que a imprensa repercutiu réplica do compositor Caetano Veloso à tese da “brasilianização do mundo”, que o intelectual da USP defende e propaga. Assumo a minha ignorância a respeito da literatura sociológica no Brasil. É que em minha opinião a grande sociologia brasileira, ou pelo menos a mais eficaz, foi escrita por nossos compositores. Penso que não existe maior sociologia que a canção brasileira. Dorival Caymmi, Nelson Cavaquinho e Waldick Soriano explicam o Brasil mais que qualquer acadêmico soterrado por livros de Adorno e Hegel.

A tese da “brasilianização” corrobora o pensamento colonizado dos que só têm olhos para as mazelas do malfadado caráter brasileiro, que não conseguem ver que da barafunda social e moral que formou o Brasil saíram também nossos grandes feitos. Nossa riqueza cultural e humana advém disso – o futebol e a música são exemplos óbvios e imensos, mas não só. Da improvisação que forjou nosso espírito nasceram obras fantásticas e belas, isso é inegável. Como é inegável que essa gênese nacional canhestra gerou coisas deploráveis, e a atuação dos nossos políticos nos dias que correm é um exemplo que se impõe, lamentavelmente. E tudo acaba por cair na conta do famigerado “jeitinho brasileiro”, coitado. Digo isso porque mesmo algumas “terríveis” façanhas brasucas, como a favela, sempre associada ao que de pior existe – bandidagem, pobreza extrema, tráfico de drogas –, se olhadas por outro viés, e com olhos menos hostis, podem ser vistas como um milagre da

criatividade, da capacidade de improvisação numa perversa guerra de sobrevivência.

E o que diz a tese? Que o Brasil estaria exportando a “zona”, contaminando negativamente as culturas tidas como superiores em termos de civilidade, “favelizando” o mundo. Não leva em conta que os grandes países europeus só agora vivem um forçoso fluxo migratório, coisa que o Brasil conhece desde sua torta origem, e é por isso que nossa formação foi tão caótica quanto natural. Não à toa, a Europa vive um tempo de grande convulsão social, causada em parte por essa tardia imigração dos filhos de suas colônias, que desorganizaram a ordem desses países. Como conviver com isso agora, com o desmantelamento de sua integridade cultural, de sua alardeada ética civilizatória, quando os “bárbaros” ameaçam seu império? Estou certo de que o Brasil pode ensinar ao mundo mais do que apregoa tão pernóstica tese.

Uma divagação: o Brasil tem, entre incontáveis mazelas, um notório racismo. Vez ou outra presenciamos algumas atrocidades racistas, mas nada que se assemelhe à atuação de uma Ku Klux Klan, quando pendurava negros em árvores e linchava-os em praça pública. Ninguém há de negar que o convívio racial no Brasil é algo sob certo controle e, em algumas regiões, um exemplo de instável mas autêntica harmonia.

Agora uma hipótese delirante: se a Áustria fosse acometida de um súbito empobrecimento extremo, possivelmente ninguém teria a ideia de construir favelas. Talvez fizessem *bunkers* de sobrevivência, semelhantes àquele em que Josef Fritzl manteve a filha em cativeiro enquanto a estuprava sem cerimônia durante 24 anos.

Hmmm... Pensando bem, apesar da torcida contra de intelectuais e pensadores, só posso concluir que o brasileiro ainda é um povo com uma saúde social (e também mental e sexual) invejável.

JUNHO DE 2009

Admirável Mundo Limpo

Não sou fumante. Pelo menos não tecnicamente. Vez ou outra saco uma cigarrilha ou um charuto do bolso numa roda com amigos ou às vezes, em noites longas e solitárias pelas estradas do país, acendo um cigarro para, como diz um amigo, filósofo de padaria e, esse sim, um fumante convicto, “fazer pensamento”. Não vejo glamour em fumar, mas entendo a necessidade que alguns mortais têm de se amparar em hábitos como o cigarro. Como nunca fui dado a vícios compulsivos (há controvérsias!), sinto-me à vontade para discorrer imparcialmente sobre o tema.

Leis que interferem arbitrariamente no presumido direito do indivíduo são sempre discutíveis. As discussões se dissipariam caso a humanidade tivesse juízo. Mas não tem. Se as pessoas nunca dirigissem bêbadas, não precisaria haver a Lei Seca, isso é óbvio. Se todos os fumantes tivessem o bom senso de não fumar em restaurantes, lugares fechados, na presença de crianças ou próximo demais de qualquer pessoa, não haveria a necessidade da lei antifumo, isso também é óbvio. De todo modo, mesmo não sendo da categoria “fumante”, considero a nova lei um grandessíssimo exagero. Agora caçam-se pessoas que fumam como se caçavam comunistas nos Estados Unidos na era McCarthy; ou como se rastreavam guerrilheiros nas encostas do Araguaia em tempos de ditadura militar no Brasil. Mas... que crime hediondo terão cometido? Qual a origem de tamanha ira contra os “fumadores”?

Até concordo que fumantes são quase sempre inconvenientes. Não bastasse a impopular fumaça que lançam nos pulmões alheios, ainda espalham baganas por todo lado, fazem copos e pratos de cinzeiros e, o

que é pior, fazem móveis de cinzeiros, causando aqui e ali pequenos desastres. Mas a polêmica lei contra o fumo é apenas a ponta do *iceberg* – ou, se preferirem, a ponta do *fog* – de problema bem maior. A questão é: por trás dessa e de outras leis, no bojo dessa cruzada pela assepsia pública, parece haver um desejo da humanidade (inconsciente ou não) de sanear, de limpar o mundo de tudo o que é torto, sujo, do que sugere desordem, desarmonia, como se o mundo pudesse algum dia ser um lugar plenamente limpo e confortável, livre de contágios e impurezas. Quando digo “limpar o mundo”, isso inclui desde fumantes até carros velhos, pessoas pobres, gente malvestida, atitudes “inadequadas” e falas politicamente incorretas.

Das virtudes, as bíblicas e louváveis, não se vê nem sombra. A ideia de virtude hoje sugere mais uma indústria de bons modos e bem-viver – e toda a atual propaganda cultura de bem-estar, conforto e “civilidade” burguesa espelha esse quadro irretocável, cuja moldura é a hipocrisia – do que uma verdadeira inteireza moral. Talvez só Deus possa saber quão suportável será um mundo cheio de tantas virtudes. Todas vãs.

O poeta francês Baudelaire dizia algo como: “O amor é sujo. Para desinfetá-lo, a sociedade criou o casamento”. Aderindo ao pensamento baudelairiano, poderia dizer que a vida é suja e para limpá-la criamos leis que nos protejam das ameaças, que nos blindem dos perigos, da doença, da contaminação. Enquanto isso, indiferente às leis humanas, o vírus influenza A avança, com a promessa funesta de milhares de mortes. Entre baforadas bissextas, grito do convés aos marujos limpinhos: salve-se quem puder!

AGOSTO DE 2009

A Rede Idiota

Segundo leio no Google, num site aberto ao acaso, a Internet surgiu com objetivos militares, ainda em plena Guerra Fria, como uma forma de as forças armadas americanas manterem o controle caso ataques russos destruíssem seus meios de comunicação ou se infiltrassem nestes e trouxessem a público informações sigilosas. Outro site diz: “Eram apenas quatro computadores ligados em dezembro de 1969, quando a Internet começou a existir, ainda com o nome de Arpanet e com o objetivo de garantir que a troca de informações prosseguisse, mesmo que um dos pontos da rede fosse atingido por um bombardeio inimigo”.

Entre as décadas de 70 e 80 estudantes e professores universitários já trocavam informações e descobertas através da rede. Mas foi a partir de 1990 que a Internet passou a servir aos simples mortais. Hoje há um bilhão de usuários no mundo todo, afirma outro site. Outro informa que o Brasil é quinto no *ranking* dos países com mais usuários. Tem hoje cerca de 50 milhões de internautas ativos, atrás apenas de Índia, Japão, Estados Unidos e China, estes últimos com 234 e 285 milhões de usuários, respectivamente, informa ainda outro site.

Ilustro com essas informações (suspeitas, como todas que vagam no espaço virtual) a abrangência que tem hoje a Internet em todo o mundo, em especial no Brasil. Quase nada acontece hoje sem que passe pela grande rede. Não pretendo demonizá-la, até porque sou bastante dependente dela. De todo modo, é histórico o mau uso que os humanos fazem de meios fantásticos de comunicação, e o rádio e a tv estão aí e não me deixam mentir. De todas as ilusões que a Internet alimenta, a que julgo

mais grave é a terrível onipotência que seu uso desperta. Todos se acham capazes de tudo, com direito a tudo, opinar, julgar, sugerir, depreciar, mas sempre à sombra da marquise, no confortável “anonimato público” que o mundo paralelo da rede propicia. Consultam o Google como se consulta um oráculo, como se lá repousasse toda a sabedoria do mundo. Pra que livros, enciclopédias, se há o Google? – perguntam-se.

No livro *A Marca Humana*, de Philip Roth, um personagem fala: “As pessoas estão cada vez mais idiotas, mas cheias de opinião”. Não sei o que vem por aí, é cedo para vaticínios sombrios, mas posso antever um mundo povoado por covardes anônimos e cheios de opiniões. O sujeito se sente participando da “vida coletiva”, integrado ao mundo, quando dá sua opinião sobre o que quer que seja: a cantora que errou o Hino Nacional, o discurso do presidente, a contratação milionária do clube, o novo disco do velho artista etc. Julga-se um homem de atitude se protesta contra tudo e todos em comentários no *blog* de economia e abaixo do vídeo no YouTube. Faz tudo isso no escuro, protegido por um *nickname*, um endereço de *email*, um avatar, uma máscara. Raivosa. Mas covarde.

SETEMBRO DE 2009

Paz no Ibirapuera

- Então, preparado pra passeata?
- Que passeata?
- A passeata pela paz, neste domingo, no Ibirapuera!...
- Ah, não, vou passar longe!
- Por quê? É uma bela causa.
- Não, não, tô fora, não acredito na paz.
- Que isso, rapaz? É só uma passeata, não precisa filosofar.
- Não tô filosofando, só entro no que acredito. Não vou participar de uma passeata pela paz só pra parecer bacana.
- Não pra isso, mas pra mobilizar as pessoas.
- A quê? A viver em paz? Não nascemos pra ter paz. Isso não é um atributo dos humanos. Os homens nasceram pra guerra, pra inquietação, pro movimento, não para a paz.
- Não entendo. E as pessoas que viveram pela paz? Os grandes líderes religiosos?
- Isso não é paz, é outra coisa.
- Eu acredito na paz, acho que a humanidade ainda viverá em paz.
- Quem acredita nisso ou é ingênuo demais ou é pilantra. O mundo precisa é de guerra. São as pessoas nervosas que mudam o mundo, que fazem a roda girar.
- E Gandhi, Jesus, Buda?...
- Gandhi ok, talvez. Jesus não, era um subversivo, um baderneiro, um riponga porra-louca, bagunçou o coreto do império romano, pregava o amor livre – “amai-vos uns aos outros”...

– E aquela imagem de Buda em meditação eterna?

– Aquilo não era paz, era sobrepeso. Como o cara não podia se mover, ficava lá, parado, só curtindo, tirando onda de sereno. A paz não tá com nada, já falei. Puro marketing.

– Como assim, marketing?

– Tem causa mais simpática do que essa? É claro que isso angaria a simpatia dos normais. Fale sobre a paz em um show, uma peça, uma conversa de bar e você verá o efeito que causa nas pessoas. Algumas são até capazes de chorar.

– Você tá é amargo, isso sim.

– E você tá crédulo demais pro meu gosto. Não há nada que venda mais que a bondade, meu caro. Vá a uma livraria, veja quantos livros falando de amor, de compaixão, do bem contra o mal... Balela, tudo balela.

– O bem existe, não é balela.

– Mas o mal é mais forte.

– Eu acredito na paz.

– Eu não.

– ...

– A paz vende, meu caro. A paz é um bom negócio. Se bobear, mais rentável que a guerra.

– Eu também não acredito em paz plena, mas acho que um gesto como esse, uma passeata, as pessoas de branco, mãos dadas, tem um simbolismo forte...

– Tem, tem sim... O cara vai à passeata, dá as mãos a um estranho, prega a paz, fala manso e, na volta pra casa, arre pia no trânsito e xinga o primeiro cristão que cruzar seu caminho, que não lhe der a vez, que buzinar nas suas costas...

– Deus do céu!...

– Você acha que neguinho tá preocupado com a paz no mundo? Tá preocupado é com a paz no seu mundo, só isso. Seu mundinho, seu conforto de condomínio, todos com medo do entorno. Escreve o que eu digo, essa passeata é um ato de egoísmo.

– Isso pra mim tem nome, é amargura.

– Então tá, vou organizar uma passeata pela afirmação da amargura...
Estão todos muito felizes, todos muito empenhados nessa cruzada pelo bem-estar, pela paz... Mas na real, no dia a dia, nego só quer o seu pirão primeiro.

– Eu acredito na paz.

– E eu em duendes.

– Pra mim chega, você tá impossível hoje. Tchau, fica com deus!

– Vá com ele. E descanse em paz!

OUTUBRO DE 2009

Sobre Palavras Curiosas e Outras Bossas

Se Herodes não tivesse ordenado que todas as crianças nascidas naqueles dias em Belém, na Judeia, fossem mortas, por temer que o Messias – o enviado de Deus que o sucederia, segundo as profecias – estivesse entre elas, certamente Maria e José não precisariam ter saído em fuga desesperada. E Jesus, o Filho do Homem, não teria nascido numa manjedoura, mas em sua própria casa, como deviam ser os partos naquela época. Fosse assim, talvez o mundo não conhecesse até hoje a palavra “manjedoura”, ou apenas poucos, muito poucos, soubessem o seu significado (ou quem sabe manjedouras nem existissem, vai saber!...).

Do universo bíblico, também saíram expressões eternas como “lazarento”, que originalmente significava “leproso”, pois dizia respeito a Lázaro, doente que Jesus fez curar num milagroso gesto. Hoje, já destituída de seu sentido primeiro, tem a serventia de insultar com fúria deus e o mundo, e pode significar o que o insultador quiser que signifique.

Outras palavras entraram em nosso vocabulário de maneira no mínimo pitoresca. Reza a lenda que a palavra “fiasco”, tal como se conhece hoje, no sentido de fracasso, vexame, teria nascido no meio teatral, depois que um produtor, sei lá eu de onde, investiu milhões numa superprodução, com a expectativa de sucesso estrondoso. Mesmo assim a produção teria fracassado. O nome da peça? “Fiasco”. Outra lenda diz que a palavra, usada nesse contexto, teria vindo da expressão italiana “*fare il fiasco*” (fazer uma garrafa), que era utilizada num jogo em que o perdedor pagava a próxima rodada de bebidas. Pagava pelo vexame de perder, pelo fracasso.

O capitão inglês Charles Boycott era capataz de uma fazenda na Irlanda quando os camponeses começaram a reivindicar preços mais justos para as terras que arrendavam do fazendeiro. Como o capitão tomasse partido do patrão, os trabalhadores irlandeses resolveram excluí-lo da vida social da comunidade. Passaram a não dirigir-lhe a palavra, a não servi-lo em lojas e bares, e o isolaram na igreja. Desde então esse gesto passou a ser conhecido como... “boicote”.

Há casos mais gaiatos e folclóricos, como o uso que Tim Maia fazia de “garrastazu”, segundo conta o jornalista Nelson Motta em seu livro *Vale Tudo – O Som e a Fúria de Tim Maia*, biografia do cantor. Em plena ditadura militar, nos chamados anos de chumbo do governo do general Emílio Garrastazu Médici, Tim, sempre que queria detonar um de seus imprescindíveis baseados, procurava o recanto ideal e seguro, que batizava sem cerimônia de “garrastazu”.

Na minha curiosa ignorância, às vezes me pergunto se a palavra “benjamim”, aquele adaptador para tomadas, o “T”, seria uma alusão a Benjamin Franklin, gênio cujas descobertas científicas têm a ver com a eletricidade. E bem recentemente ouvi uma gíria de músicos que não conhecia, pra lá de inusitada: “caligular”, qual seja, “arrematar; aparar as arestas, calibrar”. Só não me perguntem o porquê, não saberia explicar qual a relação de Calígula com acordes e partituras.

Essa conversa sobre palavras estranhas e músicos me fez lembrar de Gygante Brazil, saudoso baterista, cantor e filósofo de botequim, autor de inúmeros provérbios e expressões, pérolas que dariam uma bíblia. Gigante, que não à toa tinha tal apelido, negro e alto, sempre que era chamado de “negão”, aproveitava para ironizar a onda do politicamente correto, respondendo, do alto dos seus quase dois metros de altura: “Negão, não. Afrodescendentão”.

NOVEMBRO DE 2009

Invenções Divinas e Invenções do Diabo

O século 20 passou rápido demais. Tão rápido que nem nos demos conta de quão geniais foram alguns inventos e descobertas. Escrevo isso depois de quedar-me boquiaberto diante da engenhosidade de um – já aos nossos olhos primitivo – abridor de latas. Isso porque precisei de um. Que simples, que inteligente, que preciosa invenção. Segundo relatos, o primeiro abridor de latas inventado parecia uma cruz de baioneta com foice e data da segunda metade do século 19. O abridor, tal como se conhece hoje, é criação do americano William Lyman, patenteada em 1870.

Tenho pela máquina de escrever – um invento, assim como o abridor, ultrapassado – um carinho de jornalista aposentado. Guardo comigo uma Olivetti Lettera 32, onde escrevi algumas de minhas primeiras letras de canções. Meus filhos olham para ela como se houvesse sido retirada do acervo do homem de Neanderthal. Mas a máquina de escrever não é uma invenção tão antiga quanto o advento do computador pessoal a fez parecer. Sua primeira patente data do século 18 e foi concedida ao inventor Henry Mill. Um século depois, o projeto de Mill foi aperfeiçoado, mas as tentativas, segundo consta, estavam mais próximas de um piano que de uma máquina de escrever. Sua autoria passa a ser disputada por inventores americanos, franceses e até um brasileiro, o padre paraibano Francisco João de Azevedo, que, conta a lenda, teria sua patente roubada por três inventores americanos, que a teriam apresentado à firma Remington, fabricante de armas. Daí por diante a história é imaginável.

A correria tecnológica transformou muito rapidamente em obsoletos objetos relativamente modernos – basta ver a primeira geração de celulares, parecem apetrechos medievais. Monitores compactos e de tela plana fazem os antigos monitores parecerem fogões a lenha. Assim é também com as máquinas fotográficas anteriores ao advento das digitais. Curioso é que, no mesmo ritmo em que as engenhocas evoluem freneticamente, uma certa “febre *vintage*” assola a humanidade. Nunca se viram tantos produtos a replicar modelos antigos – desde carros até geladeiras, instrumentos musicais, roupas, móveis, acessórios de moda e o diabo a quatro. Talvez isso possa ser explicado por uma espécie de nostalgia atávica da raça humana, eternamente dividida entre o ímpeto com que avança para o futuro e a saudade vã com que olha para o passado.

Assim como as invenções fantásticas, algumas das quais mencionei acima, há outras que são verdadeiras invenções do diabo. A expressão “invenção do diabo” faz presumir que o diabo vive a criar coisas para nos atormentar, pobres mortais. Isso me leva a deduzir que é engenhoso então o coisa-ruim em seus inventos, tamanho o inferno que causam em nossas vidas.

Citarei algumas de minha (não) predileção, mas a lista pode ser fartamente aumentada: pires com o buraco da xícara fora do centro (para quê, me pergunto, já que a função do pires seria enquadrar a xícara?...); etiquetas de bagagem de mão, que antes, bem antes do embarque você já terá deixado cair distraído enquanto toma um café; chaves de hotel magnéticas, que fatalmente estarão desmagnetizadas quando você voltar às 2 da manhã, cansado, com sono e dois degraus acima da normalidade; talher de peixe (uma inutilidade completa) e as famigeradas janelas persianas, aquelas de enrolar, certamente criadas por algum demônio persa com a finalidade de testar a santa paciência dos cristãos.

DEZEMBRO DE 2009

Imortal

Chegou em casa excitado. Jogou a pasta sobre o sofá e subiu a escada ágil como um menino.

– Mulher, mulher! – gritou, enquanto sentava na cama e tirava os sapatos, à espera ansiosa de que a mulher interrompesse a conversa ao telefone. Então...

– Mulher, você não acredita! O método é mesmo incrível, não falha!

A mulher lançou-lhe um muxoxo desconfiado.

– Vai valer a pena. É caro, mas, meu deus, estamos falando de imortalidade!... Isso não tem preço, não é?

A mulher permaneceu em silêncio, com ar cético, embora fosse toda ouvidos ao entusiasmo do companheiro.

– É assim: a cada mês, o doutor Armstrong faz uma aplicação de fluido lunar. Dura uns 15 minutos, tudo rápido e sem dor. Se eu fizer isso por mais dez anos, não morrerei de velhice, mulher. É como se os órgãos e as células fossem congelados, entende? Suas funções permanecem como agora, não degeneram, ou pelo menos envelhecem muito mais lentamente.

A mulher ouvia tudo impassível.

– Claro, sempre pode acontecer um acidente... Mas, de certa maneira, não vou envelhecer, fisiologicamente paro aqui, nos meus 60 anos... Quem sabe eu não chegue aos 150 de idade? – dizia, rindo como um tolo.

Era um homem jovial, embora não fosse atlético. Esbanjava energia e bom humor. Ostentava uma pequena barriga saliente, fruto de sua paixão inveterada por cervejas. Era um *expert* no assunto. Conhecía todas as marcas, colecionava embalagens, discorria sobre o tema com incrível

propriedade. Achava cerveja a bebida mais democrática do planeta: “Todos bebem, do favelado ao presidente” – gostava de dizer. Diferente do vinho – continuava –, que *sommeliers* deslumbrados fazem parecer algo mais nobre do que realmente é.

Economista aposentado, trabalhava como consultor financeiro de uma empresa de computação. Erguera um pequeno patrimônio em quase 40 anos de trabalho, que lhe dava tranquilidade e certo conforto. Criara dois filhos, hoje casados, tinha dois netos. Era razoavelmente feliz. Mas tinha uma obsessão: a imortalidade. Ou, no mínimo, a longevidade.

Quando soube do revolucionário método de aplicação do fluido lunar (uma nova tecnologia desenvolvida pela Nasa e ao alcance de apenas alguns poucos), não sossegou enquanto não marcou consulta com o doutor Armstrong, médico americano em temporada na cidade.

– Foi uma fortuna, mas vai valer a pena – disse ainda esfuziante com o início do “tratamento”. – Você também devia ir lá, amor.

A mulher apenas balançou a cabeça, mas era um não, ele sabia.

– Querido, tenho 55 anos, me sinto bem, saudável, não pretendo viver pra sempre... Por que iria lá?... Sem falar que esse papo de fluido lunar ainda não me convenceu, parece papo de charlatão.

– Ora, mulher!

Parou aqui, sem argumentos. Foi para o banho. Sentia-se bem, espírito forte, indestrutível, coração pleno de coragem. Dormiu sereno. A mulher, na sua costumeira insônia, ligou a tv. Passava o telejornal da meia-noite. Já quase nocauteada pelo sono, foi despertada pela chamada em tom de alarme do apresentador: “Veja a seguir – preso médico americano acusado de charlatanismo”.

Sentou-se na cama nervosa, à espera da matéria reveladora. A seu lado, o marido dormia o sono dos justos, semblante calmo e apaziguado. Na tv,

o repórter esclarecia: “Foi preso há algumas horas o médico americano de passagem pela cidade que se dizia um dos criadores do método de aplicação de fluido lunar, com o qual prometia a seus pacientes nada menos que a imortalidade. Investigadores da Polícia Federal afirmam que tal método já levou à morte mais de 20 pessoas”.

A mulher olhou aterrorizada para o marido. Pôs a mão no seu coração, tentou sentir sua respiração. Em pânico, notou que seu corpo estava frio, imóvel. Soltou um grito estridente como uma sirene rasgando a noite. Ele estava morto. Mas não viu a morte cara a cara. À sua maneira, havia conseguido o que mais desejava, driblar a Indesejada. Era, pois, um imortal.

FEVEREIRO DE 2010

Palavrões e Poesia

A absurda lei “Pimenta na Boca” entrou em vigor no início de março. Proíbe palavrões, atos violentos e gestos obscenos nos estádios da Paraíba. Preventiva e educativa – diz o jornal onde li tal notícia –, não há punições previstas na lei por enquanto, mas, dependendo da falta de decoro, a coisa pode virar caso de polícia.

Óbvio que concordo que atos violentos e gestos obscenos tenham que ser punidos (e bem punidos), afinal não sou um bárbaro, embora vez ou outra pareça um. Mas... proibir o palavrão? E logo num estádio? Que p... é essa, minha gente? O palavrão é um recurso dadivoso da língua, um presente da Natureza, tem efeito libertador, purificador, depurativo. Sou capaz de jurar que alguns torcedores vão ao estádio especialmente para, naquela terra de ninguém, naquela arena dionisíaca, naquele oásis sem censura, xingar e xingar e urrar e berrar e insultar sem amarras, sem medo da repressão, sem pudor nem cerimônia.

Falo de cátedra, até porque, quando vou a estádios, gasto todo o meu repertório laico em vitupérios e infâmias anônimas. Também já testemunhei velhinhas com ares de vovós mandando o juiz àquele lugar sem nome; crianças de 10 anos espinafrando o zagueiro por ter falhado no gol com vocabulário “requintado” para a pouca idade; casais maduros e empertigados caluniando a progenitora do bandeirinha e outras coisas que até deus duvida.

O palavrão é um patrimônio cultural brasileiro. E não só. Lembro de ter visto certa vez, pra minha enorme surpresa, num vilarejo no interior de Portugal, duas velhas senhoras, com trajes que as faziam parecer

personagens saídas de um conto medieval, numa prosa improvável, aqui reproduzida na íntegra (afinal jamais esqueci de tal acontecimento), em frente à pequena banca onde eu comprava jornais.

– Mas aquele fornicador do teu genro, hein? Achei que tinha tomado jeito, ora pois!...

– Qual o quê, caralho! Aquela porra não serve nem para morrer.

– Que caralho!...

Ousaria eu dizer, com minha parca autoridade de psicólogo de botequim, que o palavrão tem função terapêutica. Mas, claro, há que ter poesia também, não pode ser uma coisa totalmente indiscriminada e sem critério. E não estou falando isso para parecer politicamente correto – mesmo porque jamais o seria –, mas para preservar o lirismo mesmo que por vezes pode estar lá, embutido num chulo palavrão.

A lei “Pimenta na Boca” pode até emplacar, mas vai roubar um tanto da graça das torcidas e do calor e poesia das contendidas. É, para as autoridades paraibanas, pimenta no c... do torcedor é mero refresco.



A propósito do assunto – poesia e palavrões –, lembro do imenso poeta José Paulo Paes. Paulista de Taquaritinga, nasceu em 1926 e faleceu em 1998, aos 72 anos. Esteve próximo do movimento da poesia concreta em seu início. Publicou vários livros, desde ensaios literários até obras destinadas ao público infantil. Dedicou-se a traduções de poemas em diversos idiomas – inglês, francês, italiano, alemão, espanhol e grego moderno. Uma de suas principais obras é a antologia *Poesia Erótica*, em que traduziu poetas sátiros que penetraram fundo (com o perdão da expressão!) na lírica erótica, desde os primórdios até a modernidade. Aqui reproduzo *Epigrama*, poema saído da pena do francês La Fontaine, aquele

mesmo, autor das célebres fábulas que todo pai um dia por certo contou ao seu filho na hora de dormir.

Amar, foder: uma união
De prazeres que não separo
A volúpia e os desejos são
O que a alma possui de mais raro.
Caralho, cona e corações
Juntam-se em doces efusões
Que os crentes censuram, os loucos
Reflete nisto, oh minha amada:
Amar sem foder é bem pouco,
Foder sem amar não é nada.

MARÇO DE 2010

O Google, Minha Amiga Joana e o Mundo

Dou uma busca no Google à cata de informações sobre a temporada que o lendário cantor Cauby Peixoto faz num bar tradicional de São Paulo. Há tempos faço planos de ir ver seu show, fã que sou do Cauby, herança de meu pai, que o colocava, ao lado de Nelson Gonçalves, como o maior cantor brasileiro de todos os tempos. Pois bem, um dos primeiros resultados da busca diz que “o cantor brega Cauby Peixoto se apresentará etc. etc. etc.”... Bom, Cauby pode ser muita coisa, menos “brega”, a não ser que os cantores veteranos sejam automaticamente alçados à categoria de brega só porque envelheceram. O homem foi (e é) um ícone de elegância, tanto vocal quanto pessoal – seu caprichado figurino é uma de suas marcas –, e, se bem me lembro, o reducionista rótulo de brega significa exatamente o contrário disso – chulo, vulgar, subcultural, popularesco.

Noutro site, há um vídeo anunciando: “Cauby canta *Sampa*”. Dou *play*, nunca ouvi Cauby cantando *Sampa*, a clássica homenagem de Caetano Veloso à cidade de São Paulo. Então ouço: “Volto pra casa abatida, desencantada da vida...”. Espera!... Mas... essa canção não é *Sampa*, e sim *Ronda*, outro clássico, este de Paulo Vanzolini, outro grande mestre da canção brasileira. Confusão até compreensível, uma vez que a música do baiano faz uma alusão melódica e poética à canção do paulista, ao parafrasear o verso “cena de sangue num bar da Avenida São João”. Sim, compreensível, mas imperdoável. Enfim, alguns *sites*, *blogs* e muitos

dados errados depois, eis que chego a uma informação segura e confiável, com todo o serviço do show – hora, data, local, preço etc. Ufa!

Lembrei-me imediatamente de Joana, uma amiga que tive, um tipo muito curioso. Inteligente, articulada e com uma grande capacidade de absorver informações, mas com uma mente dotada de uma mecânica muito particular, caótica até, Joana embaralhava as mil informações que sugava como uma esponja, repassando-as de modo confuso, sempre por aproximação, o que fazia dela uma personagem engraçada, quase folclórica.

Se alguém dissesse a Joana que o novo técnico da Seleção Brasileira é o Dunga, ela seria capaz de repassar a informação de duas maneiras: “Sabe quem é o novo técnico da Seleção? O Falcão”. Ou então: “O Zangado é o novo técnico do Brasil, sabia?”... Exageros à parte, era assim que funcionava a cabeça de Joana, com conexões mentais muito próprias e apressadas, que chegava à verdade dos fatos por vias muito tortuosas e que, por isso, transformou-se em motivo de risadas e chacotas na turma.

Mal comparando, o Google é como Joana. O Google, este pequeno feitiço tecnológico, é uma dádiva, não resta dúvida. Mas é bom, muito bom, para quem tem informação e filtro – e pode peneirar os difusos e infinitos dados ali postados –, e ruim, ou mesmo pernicioso, para quem não os tem. E nesse particular jovens em formação (não só cultural) são as maiores “vítimas” da facilidade e da instantaneidade do Google. Como se cria filtro? Com educação e cultura, com repertório. Não há mágica. Para criar senso crítico, há que se conhecer. Pouco vale ter o acesso à informação se não há estofo para julgá-la.

O que talvez nem Joana nem o Google saibam é que Cauby Peixoto foi (e continua a ser) um dos maiores intérpretes da música brasileira, um artista versátil como poucos, que gravou desde clássicos românticos de

nossa música até versões de tangos, rumbas e calipsos, verdadeira febre no Brasil dos anos 50. É de Cauby também a proeza de gravar o primeiro *rock* composto em português, cujo nome é... Um momento, deixe-me consultar o Google rapidamente... É... Deixa ver, hum, cadê, não, ah, aqui, achei: *Rock 'n' Roll em Copacabana*, autoria de Miguel Gustavo, lançado em 1958. Acredite se quiser.

ABRIL DE 2010

Meu Primeiro Encontro com o Diabo

Eu tinha 6 anos quando vi o diabo pela primeira vez. Lá estava, num livro de ilustrações bíblicas, o arcanjo Miguel enfiando sua lança no ventre do horrendo Satanás, com pés de cabra, chifres pontudos e tez de um marrom demoníaco. Foi tamanho o espanto que perdi o sono por algumas noites depois de tão assustadora visão.

Até o começo da adolescência, aquele diabo me perseguiu com sua feiura e seu mistério. Sempre temi o coisa-ruim, na mesma medida em que me sentia atraído por seu aparente ar sedutor e sua carnalidade, o extremo oposto do rival Deus, sempre envolto em barbas brancas, túnicas esvoaçantes e bondade infinita.

No interior, “no tempo de eu menino”, como diria o poeta, ouvia muitas histórias, todas nascidas da imaginação voluptuosa do povo. Histórias como a de Dona Teófila, que virava porco em noite de lua cheia, parte do seu pacto com o ferrabrás. Ou vez por outra surgia na cidade um sujeito “feio como o diabo”, o que bastava pro povo achar que se tratava do próprio. Lembro também da família que diziam ter feito um pacto com o capiroto e que por isso teria criado fortuna tão rápida quanto misteriosamente.

O certo é que a possibilidade da existência do diabo, no campo ou na cidade, a sério ou em anedotas, no passado ou no presente (vide as telereleções de hoje), com menos ou mais intensidade, sempre encheu as mentes humanas de perversa e satânica curiosidade. E se existir de fato aquele inferno dos cristãos, com labaredas de fogo sem fim e caldeirões de breu enfumaçados, com condenados urrando *ad aeternum*? E se a morte

nos reservar, a nós, pecadores, o terrível destino da eternidade nesse lugar tenebroso e inóspito?

Havia um amigo da rua que jurou ter visto o diabo em seu quintal ao fim da tarde, em carne e chifres. Passamos vários dias, eu e outros meninos vizinhos, indo ao seu quintal no lusco-fusco das 6 horas, com uma ansiedade tamanha que superava nosso medo, para checar tal “informação”. Nunca vimos nada, graças a Deus (acho eu!), e a dúvida acerca de sua existência permaneceu em nossas mentes anos afora.

O romancista que “compôs” o diabo é de um gênio inigualável, pois não pode haver personagem mais sedutor e temido e eterno e misterioso que este. Nem Deus em toda a sua glória, nem Jesus Cristo, nem Maria, nem João Batista, nem Salomé, nem Barrabás. Se nunca se falou tanto em Deus, também o diabo nunca esteve tão em alta – apesar da crença de que o inferno fica *abaixo* da terra. Ele, o tinhoso, com sua loção fedorenta de enxofre, continua à solta, mais vivo que nunca. Agindo a torto e a direito, fazendo o diabo a quatro, cheio de demoníacas artimanhas. Afinal, como alguém já falou antes de mim, o inferno é (e pra sempre será) mesmo aqui.

P.S.: Uma curiosidade: o verbete “diabo” ocupa muitas linhas no dicionário. Seus sinônimos passam de uma centena e vão desde os brejeiros *anhangá*, *beijudo*, *cifé* e *labrego* até os sonoros (e assustadores) *zarapelho* e *manfarrico*. “Deus” ocupa menos espaço.

MAIO DE 2010

Rock Pai, Pop Filho

O *rock* surge na década de 50, depois da Segunda Guerra, em meio à desolação do mundo e à necessidade de recriá-lo. O *rock* vem com a força de um furacão e mexe de forma definitiva no comportamento das pessoas e com a indústria cultural como nunca dantes visto. É transgressor, subversivo, questionador, abusado, rompe com valores estabelecidos, afronta a caretece vigente. A eclosão do *rock* coincide com o surgimento da televisão e é a pedra filosofal do que se conhecerá adiante como *cultura pop*.

Chego então aos dias de hoje. Para constatar como a cultura *pop*, criada a partir do advento do *rock'n'roll*, foi-se diluindo, diluindo, até chegar a um ponto que equivale à sua própria negação. “O que ontem era novo hoje é antigo”, afirmava o poeta Belchior nos anos 70. Seu verso poderia derivar para “o que era transgressor hoje é careta”, tamanha a inversão de valores que há no mundo atualmente.

Pois o *Big Brother* e todos os sórdidos *reality shows* que infestam a tela da tv, a publicidade cínica vestida de rebeldia cosmética, o circo do *showbiz* e seu ridículo manual de atitudes, a pândega vale-tudo dos programas de humor, o *rock* programático e meloso das bandas *emo*, tudo que existe de mais acintosamente anti-*rock'n'roll* no mundo hoje é, por incrível que pareça, cria do *rock*. Foi o *rock* que arrombou a porta e por essa picada aberta agora desfila um teatro de horrores sem estofo e a serviço de uma triste ideologia: o benefício próprio, o enriquecimento fácil, o culto à fama mais que ao trabalho, a desmoralização de toda e qualquer virtude, o desprezo pelo passado e pela memória e o hedonismo

mais perverso e sem charme de todas as eras. Se o *rock* lutava contra o estado de coisas do seu tempo, seus herdeiros lutam para manter as coisas como estão.

Caos x Cosmo

Os místicos creem que após todo caos surge um cosmo, como os historiadores sabem que após toda idade de trevas surge uma nova era luminosa. Nunca porém o mundo esteve envolto nesta névoa de instantaneidade e fugacidade que a tecnologia digital nos trouxe. Em nenhuma outra época, a ditadura do presente e a conectividade foram tão valorizadas como agora, por um motivo certamente banal: há ferramentas para isso. “Se há ferramentas, por que não usá-las?” – perguntam-se todos.

Conheço umas três ou quatro pessoas que optaram por não ter celular. Engana-se quem pensa que vivem no mato, como ermitões em busca da paz e da sabedoria perdidas. Não, são pessoas urbanas, ativas e ligadas à comunicação. Não têm celular para não perderem outra conexão, mais cara a elas: a conexão consigo próprias.

O mundo hoje é pura evasão. Não à toa, há um *boom* notável no turismo internacional. A arte aspira a ser só entretenimento. E a informação, transformada em espetáculo. Mesmo territórios quase sagrados, como a literatura, agora vivem no fio da navalha. Recentemente foi publicada bombástica notícia. Dois adolescentes adaptaram clássicos da literatura universal para o Twitter. Ou seja, transformaram a literatura no oposto do que ela pretende ser. O que era fruição lenta, reflexiva, prazerosa e gratuita agora é expressa, rasa e a serviço da *performance*.

O mundo futuro será alimentado de informações segundo a segundo. Eventos interativos a todo instante. Tudo dividido entre todos os mortais. Menos o dinheiro, o afeto e o respeito.

Rastreado por Jesus

Alguns metros à minha frente, o vidro do carro ostentava a surreal mensagem: “Rastreado por Jesus!”. Logo imaginei a cena: Jesus era o todo-poderoso chefe do Serviço de Controle do Tráfego da Terra, nos vigiando do céu, monitorando imprudências e barbeiragens dos motoristas do planeta, assessorado por apóstolos e seguidores, numa sala aparelhada com tecnologia de ponta e equipamentos implacáveis.

– Pedro, como estão as marginais de São Paulo? E o trânsito em Detroit?

– Um inferno, Senhor!

– Veja o que pode fazer para melhorar. Essa gente está comendo o pão que o diabo amassou.

– Tem razão, Senhor, não posso negar.

– Simão, o que faz esse motorista australiano? Parece bêbado.

– E está, Senhor. Se continuar dirigindo assim, acabará mandando alguém para a vida eterna. É o quarto dia neste mês que dirige embriagado. Não vejo salvação para ele, Mestre!

– Interdite-o!

– Como, Senhor?

– Mande para lá imediatamente uma aparição de Nossa Senhora. Vamos iluminá-lo. Criaremos a Nossa Senhora de Sydney. Ela o converterá.

– Ok, Mestre. Positivo e operante.

– Olá, Tomé! Como estão as coisas?

– Díficeis, Senhor. Meu monitor deu defeito. Já chamei a manutenção, mas estão demorando.

– O trânsito de Xangai está um caos, Tomé. É área de sua responsabilidade, dê logo um jeito nisso.

– Mas, Senhor, hoje pela manhã havíamos contornado a situação. O caos estava sob controle.

– Pois o caos voltou. Lá agora são 5 da tarde e todas as vias estão congestionadas, acredite!

– Vou esperar a chegada dos monitores, Senhor. O Senhor sabe, preciso ver para crer.

– André, relatórios, por favor.

– Estou em apuros, Cristo. Os motoristas de vans de Luanda são uns loucos. Não há semáforos nem faixas de pedestres... Tô perdendo o controle.

– Lance o germe da gentileza e da paciência no coração desse povo, André.

– Como faço, Mestre?

– Simule um grande acidente, mas não quero vítimas fatais, as dependências do paraíso estão superlotadas. Quero uma catástrofe, mas sem mortos. Isso vai sensibilizá-los.

– Certo, Mestre! Tomara que funcione.

– Eles precisam mais de sinais divinos que de semáforos.

– Mestre, por favor!

– Que foi, Bartolomeu?

– Estou há dias monitorando este motorista de Bucareste. Ele deveria levar 15 minutos de sua casa ao local de trabalho. Mas leva duas horas, porque fica cedendo a vez em todos os cruzamentos... Nunca vi nada igual... Mesmo com pressa, ele sempre dá a vez, Senhor!

– Humm... Mande um *email* para Bento. Vamos canonizar este homem.
Será um novo marco do Cristianismo, um motorista santo... Finalmente!

SETEMBRO DE 2010

Máximas de Marão

Conheci Mário Celso de Abreu, o Marão, há mais de 20 anos, em sua Belo Horizonte natal, ao conhecer sua filha Rossana, que se tornaria minha amiga e depois viria a trabalhar comigo quando abracei a carreira musical, como produtora primeiramente e depois como minha empresária. Desde o início, senti grande afinidade com Marão. Técnico de futebol (agora ex), um tipo ranzinza e simpático, com um mau humor lapidar e tiradas de fina ironia, ele e eu tínhamos sempre assunto de sobra quando nos encontrávamos.

Como as lembranças dos times que treinou, entre eles a invicta campeã Seleção Mineira de 63 e o mítico Cruzeiro de Wilson Piazza, Tostão e Dirceu Lopes – trio de ouro que ele lançou em 64 e que alcançaria o pentacampeonato estadual – ou os títulos conquistados no Atlético, América, Náutico e Sport Recife. Eram assuntos recorrentes em nossas conversas também as muitas patacoadas e canalhices do futebol e do *showbiz*, mundos tão semelhantes entre si, apesar de aparentemente tão distantes e distintos.

Mas, além de todas as saborosas histórias de boleiro e amante da música popular (o homem é admirador do chamado “sambão joia”, “gênero” consolidado por craques como Luiz Ayrão, Luiz Américo e Originais do Samba, além de fã de carteirinha do imortal Jamelão), o que eu mais gostava de ouvir eram suas sábias e sarcásticas frases, provérbios apócrifos, ditos populares recriados, que só um sujeito com um senso de observação muito agudo poderia proferir.

Para quase todos os temas Marão guardava um golpe verbal. E fatal. Sobre festas, costumava dizer para as filhas: “Se a festa começar às nove, fiquem até a meia-noite. Se o que vocês esperavam encontrar não aparecer, então vão embora. Ou tudo que vão achar é sobra”. Sobre Kombis: “Cuidado com motorista de Kombi, ele não tá nem aí. Ou a Kombi é velha ou não é dele”.

Sobre restaurantes, ele tinha a clássica: “Desconfie de restaurante vazio. Se está vazio, não deve ser bom”. Em sua sábia artilharia, divagava também sobre filas: “Só entro em fila se for pra receber algo. Pra pagar, nunca”. Ou sobre casas de campo e outras aquisições suspeitas: “Quem compra sítio ou casa de praia tem duas grandes alegrias. Uma quando compra, outra quando vende”.

De todas, a frase mais enigmática do homem era esta: “Não frequente sempre o mesmo lugar, senão você cria concorrência”. Demorei a entender tamanha filosofia. Mas o subtexto da sentença era: se você vai muito ao mesmo lugar, acaba encontrando as mesmas pessoas, e as mesmas pessoas em um mesmo lugar devem ter algum objetivo comum. Logo, ir repetidas vezes a esse lugar deixaria o sujeito a descoberto, vulnerável à “concorrência”.

Figura de cinema o Marão. Remanescente de um tempo em que o futebol era um terreno fértil para a filosofia popular, a sabedoria de botequim, a boa e brejeira malandragem. E não o pasto de arrogância e conversa mole pra boi dormir em que se transformou hoje, com seus teóricos chinfrins, sua verborragia “motivacional”, sua “erudição” marqueteira e vazia, suas técnicas de apostila, seus *slogans* de entusiasmo repetidos como palestras em programas de tv.

“O segredo é não parecer pretensioso”, gostava de repetir. É, os profissionais do futebol de hoje precisavam conhecer Marão. E ouvi-lo.

Trocariam seu “futebolês” empolado e ininteligível por palavras e gestos simples. Bola no chão e a cabeça mais além, morando na filosofia.

NOVEMBRO DE 2010

Carnívoro *Versus* Vegetariana

Caro Sr. Mohamed,

A história da humanidade já passou por muitas eras. Desde os tempos primitivos até os tecnológicos dias atuais, a alimentação sempre foi assunto vital. Tudo o mais que envolve a existência humana é secundário ao fato de as pessoas necessitarem se alimentar. A cultura, a educação, a filosofia, a arte e mesmo a saúde são atributos posteriores à prioridade de comer. Talvez por isso haja tantas formas de pensar sobre o assunto – e consequentemente tantas formas de comer.

Defendo a minha. Há mais de 20 anos que não como carne. Várias razões me moveram a isso. Razões estritamente pessoais, como o fato de me sentir mais saudável após abolir a carne do meu cardápio, e outras de natureza ética (e mesmo estética), como ser contrária ao sacrifício de animais para o nosso desfrute alimentar, bem como aos perversos modos de abatê-los.

Foi assim que me converti a uma alimentação baseada em grãos, legumes e verduras. Desde então minha vida se transformou, sinto-me leve e disposta. E também mais de acordo com os princípios da Natureza, com a ideia primordial de harmonia cósmica e, porque creio, com Deus.

Trabalho para que o homem evolua na sua forma de pensar a alimentação e, naturalmente, de se alimentar. Não vivemos mais no tempo de Isaac, em que animais precisavam ser abatidos para conter a ira divina. Nem há escassez de recursos naturais no mundo que justifique a não inclusão de vegetais à nossa ração diária. A natureza é pródiga e o homem tem capacidade de produzir vegetais que abasteçam a população mundial.

Torço para que os homens acabem com a matança de seres inocentes cuja vida merece outro destino.

Jane Lettuce

(presidente da Ordem Vegetariana Mórmon “Radicais e Livres”)

Prezada Sra. Jane,

Posso entender a necessidade de um humano se alimentar de repolhos, acelgas e vagens, o que não suporto é ter que ouvir suas abobrinhas. Dizer, por exemplo, que o abate do boi é “desumano” é de uma boçalidade bovina, uma vez que o boi nunca foi homem. Além do quê, o boi é um bicho besta, quase uma mula de tão besta. Passa o dia pastando (não é à toa que a expressão “vai pastar” tornou-se insulto feroz) e ruminando e engordando. Só poderia ter mesmo esta serventia na vida: nos dar leite e carne. Aliás, é o que confere alguma razão e nobreza à sua existência, do contrário sua vida seria um grande desperdício. Até concordo que o abate poderia ser mais brando, mas aí já é outra conversa.

Filósofos *vegan* argumentam que a diferença entre comer animais e plantas está no fato de que os bichos têm “vida psicológica”, ao passo que os vegetais não. Ora, que papo é esse? Será que teremos, daqui por diante, profissões tais como psicólogos para bois e vacas? “Psicoterapia lacaniana para novilhos traumatizados à véspera do abate”?... E que compaixão toda é essa por um animal cujo destino bíblico parece ser nos alimentar e só? Será que nutrem a mesma solidariedade por seus irmãos humanos, desamparados e famintos que se avolumam por aí? Considero isso um desvio, conversa pra boi dormir. Além do mais, está provado por A + B que nossa dentição pede carne, que nosso organismo tem necessidade de proteína animal e que, não raro, comedores de algas tornam-se anêmicos.

Sei que uma boa salada de folhas após a carne facilita – e muito – a digestão (eventualmente ajuda a diluir a culpa também). Mas nenhum argumento me convencerá do contrário. Lugar de boi é na mesa, bem ou malpassado, e sua serventia é nosso pasto. Isso para mim são favas contadas.

Mohamed Al Catra

(churrasqueiro de Cabul e sócio-fundador do restaurante “Entrecôte de Adão”)

JANEIRO DE 2011

Que P... É Essa?

– Bom dia!

– Bom dia!

– Tudo bem com você? Foi bom o fim de semana?

– Péssimo!

– Mesmo? Por quê?

– Ah, um horror, deu tudo errado!...

– Você não ia pra praia com a família?

– Pois é, fui, mas... foi a maior confusão.

– Ah, agora me deixou curioso. Vai ter que contar.

– O chefe passa já por aqui, melhor a gente trabalhar...

– Não, fala baixinho, ninguém vai notar.

– Hmmm...

– Conta, vai.

– Bom, minha amiga emprestou a casa dela no Guarujá, lá fomos nós.

Sol a pino, céu azul, tudo levava a crer que íamos ter um belo fim de semana...

– E?...

– Já entrando na rodovia aconteceu um incidente.

– Bateram o carro?

– Não, fomos parados numa *blitz*. Um cara nos parou e falou que um dos faróis tava quebrado.

– E tava?

– Ora, um tico de nada, uma lasquinha só... No uniforme dele, atrás, estava escrito “agente da mobilidade urbana”...

– Quê?

– Isso mesmo!

– Que p... é essa?

– É isso mesmo que você ouviu. Guarda coisa nenhuma, “agente da mobilidade urbana”.

– Multou vocês?

– Não, Arnaldo argumentou com ele, falou que ele que raspou na garagem, que ia consertar mas esqueceu... Enfim, safou-se.

– Ainda bem, ninguém merece, né?

– Aí mal chegamos na casa, o irmão do Arnaldo aparece, bêbado.

– Xi!...

– Chamou meu marido de lado e começou o maior blá-blá-blá...

Perguntou se podia ficar lá no fim de semana também... E já foi pedindo dinheiro emprestado... Disse que tava “negativado”...

– Que p... é essa?

– Tava liso, duro, quebrado... Mas, pra sensibilizar o irmão, usou palavra bonita.

– Vixe!

– Aí fomos pra praia. Com um sol daqueles...

– E o irmão?

– Foi junto o encosto... Fazer o quê, né?

– Sim, sim.

– Aí resolvi cair no mar.

– Delicioso?

– Nada. Já veio um salva-vidas e me disse que a praia tava com baixo nível de “balneabilidade”...

– Que p... é essa?

– É assim tipo... a praia não tá boa pra banho, sabe?

- Mas precisa de um palavrão desse?
- Pois é...
- Mas depois ficou tudo bem, imagino...
- Qual o quê, menino? Encrenca atrás de encrenca.
- Que mais que rolou?
- Resolvemos ir a um restaurante de frutos do mar. Você sabe, Arnaldo é doido por caranguejo... Lá fomos nós.
- Bom?
- Uma delícia, mas...
- Mas o quê?
- Clara, minha caçula, passou mal, teve uma intoxicação... Lá fomos todos pro pronto-socorro...
- Meu deus, que zica, hein?...
- Pois é. Ficou lá, tomou soro, o doutor passou um remedinho e pediu pra eu passar uma semana fazendo um tal de “recordatório alimentar”.
- Que p... é essa?
- É tipo um relatório de tudo que come... Pra saber se foi só uma coisa eventual ou se ela tem algum problema alérgico grave...
- Que coisa, hein?
- Aí falei, não. Pelamordedeus, preciso de um café... Saí e fui até um café. Pedi um expresso.
- Um café nessas horas é tudo, né, amiga?
- Aí vem o garçom e me pergunta: “Pode ser um café ‘restrito’, senhora?”.
- Q p... é essa?
- Ah, é um tipo de café metido a besta...
- Tomou?
- Tomei. Mas nessa altura eu já tava p da vida.

- Foi pra casa?
- Não, lá era um cibercafé, tinha o *check-in* de uma viagem pra fazer, resolvi fazer logo... Alguma coisa tinha que dar certo naquele sábado.
- E deu?
- Coisa nenhuma. Fui tentar imprimir os dados e nada.
- O que aconteceu?
- Apareceu na tela do computador: “impressão inibida”...
- Que p... é essa?
- E eu lá sei? Só sei que não consegui imprimir p... nenhuma.
- Que dia, hein?
- É, mas chega, não quero mais falar de mim, chega. E você, como foi o seu fim de semana?
- Foi bom, tranquilo. Mas tomei uma decisão.
- Ah, é? Qual?
- Vou fazer um curso.
- Nossa, que bom. Qual?
- É um curso de “análise fundamentalista”.
- Que p... é essa?
- Ah, é um curso de análise econômica. Preciso voltar a estudar, senão me acomodo.
- Nome mais terrorista!...

A Moral do Cascudo

Tempos atrás uma deputada brasileira criou projeto de lei que propunha que o cidadão que presenciasse um pai batendo no próprio filho teria o direito de denunciá-lo. Este pai, por sua vez, poderia vir a ser condenado caso se comprovasse a “agressão”. Curioso, pensei. E perigoso também. Antes de tudo, é preciso diferenciar agressão, espancamento e outras barbaridades com o direito – legítimo, penso eu – de pais e mães aplicarem bons “corretivos” nos seus petizes, apesar de isto parecer cada vez mais obsoleto neste tempo de correções políticas e farta hipocrisia.

Há modalidades várias de corretivos, é bom lembrar. Vão desde a hoje folclórica palmada na bunda até a chinelada clássica. Meu pai, um homem amoroso mas firme, conta, com orgulho interiorano, ter batido nos seus filhos mais velhos com um “relho”, chicote de cavalos feito com couro trançado. Fala rindo. E diante dos risos dos filhos castigados, que se deliciam nas festas familiares com a (felizmente) longínqua lembrança. Não era um gesto violento, mas uma atitude de efeito “moralizador” – costuma ele dizer. Nenhum dos filhos parece ter ficado com alguma sequela psicológica, muito menos física. Eu, por ser a “rapa de tacho” da família, escapei da terrível sentença. Mas levei, aqui e ali, um tapa-no-pé-do-ouvido ou pescoção. De todos os “castigos” que recebi na infância, no entanto, o que sempre me pareceu mais cruel (e por isso, quem sabe, mais eficaz) foi o cascudo.

Para quem não se lembra ou não está ligando “o nome à pessoa”, aqui vai: “cascudo”, segundo o dicionário *Houaiss*, é uma “pancada na cabeça com o nó dos dedos dobrados”. Sei que a palavra “pancada” faz o gesto

parecer mais violento do que de fato é, mas no mesmo dicionário há outros sinônimos mais brejeiros – cacholeta, cocorote, coque, castanha etc.

Não quero aqui fazer apologia da violência, absolutamente não. Primeiro porque não sou adepto de nenhuma prática que use ou abuse da força. Mas também porque sei que é um suicídio falar nesse assunto publicamente nestes tempos de patrulha de comportamento, de catequese de boas maneiras sociais. Pobre do pai que confessar bater nos filhos hoje em dia. Será automaticamente condenado. Portanto, não parece tão absurdo que alguém imagine uma lei de tal natureza como essa de que falei acima. Há um livro, *O Reizinho Mandão*, verdadeiro clássico da literatura infantil, da escritora Ruth Rocha, que narra a história de um reizinho mimado e autoritário que dita regras estapafúrdias como “é proibido cortar a unha do dedão do pé direito em noite de lua cheia” ou “é proibido dormir de gorro na primeira quarta-feira do mês”. O cara só se ajeita quando ao final recebe o merecido castigo.

Ok, deixemos cada pai com seus próprios métodos corretores. Mas poderíamos pensar em manter a prática do cascudo para algumas personalidades públicas brasileiras com o perfil do personagem de Ruth – mandão, mimado, autoritário e cheio de si. Bastaria um, um bem aplicado cascudo, sem violência de lynchador, mas com firmeza de pai, para dotar o cidadão de bíblica humildade e repentina lucidez, fazendo-o despertar de seu transe de onipotência e arrogância, de sua embriaguez oligárquica.

Tivesse eu autoridade para tal, sairia por aí distribuindo cascudos a um monte de gente – políticos pés de chinelo, jornalistas irresponsáveis, celebridades chulas, jogadores de futebol indolentes e artistas demagogos. Tudo com apenas um, um cascudinho bem aplicado no quengo do cristão. Nada mais.

GPS

Entrei no táxi e falei o meu destino.

– Rua Arariboia, por favor.

– Arariboia? Espera um minuto!... – rebateu o homem.

Programou então seu GPS e arrancou.

– Não precisa de GPS, amigo. Sei mais ou menos onde fica. Posso lhe orientar.

– Ah, não. Não saio mais de casa sem isto – declarou.

Resmunguei em silêncio. E lá se foi o taxista seguindo seu brinquedinho falante – “vire à esquerda”; “a 50 metros vire à direita”; “daqui a 300 metros faça o retorno à esquerda”...

De repente, entre uma e outra prosa, vi ele se afastando da direção que eu julgava ser a correta.

– Amigo, acho que você está na direção contrária. Tinha que ter entrado naquela rua à direita, melhor fazer o retorno na frente.

– Não, não, olha aqui – apontou pra geringonça orgulhoso como ele só.
– É esse mesmo o caminho.

Cocei a cabeça irritado. Embora eu não soubesse exatamente qual o trajeto a seguir, sabia que aquele caminho que ele fazia era estupidamente mais longo e complexo.

Argumentei mais uma vez, já na iminência de explodir.

– Moço, desculpe, mas tenho quase certeza de que você está fazendo um caminho muito mais longo do que devia.

– Não esquentar a cabeça não, companheiro. Tá aqui no GPS, ó. Não vou discutir com a tecnologia, né, amigo?

“Não vou discutir com a tecnologia.” Sim, eu havia ouvido aquilo. E mais que uma frase de efeito de um chofer de praça, aquilo era uma senha que explicava muita coisa, talvez explicasse até toda uma época. O sujeito deixava de lado sua inteligência (se é que a tinha), a experiência de anos perambulando a bordo do seu táxi pelas quebradas da cidade e o próprio poder de dedução para seguir uma engenhoca surda e cega – mas “tecnológica” – sem questioná-la, e sem que eu também pudesse fazê-lo.

Não quero parecer um dinossauro (embora por vezes eu inevitavelmente pareça), mas sempre defendi um uso inteligente, comedido e crítico dos apetrechos eletrônicos. Conheço pessoas que, por comodidade, condicionamento ou deslumbramento com o novo mundo cibernético, não se deslocam mais à esquina para comprar pão sem que façam uso de GPS, Google Maps e o escambau.

Tenho um sobrinho, um pensador irreverente de botequim, que gosta de dizer o seguinte:

– As rodas de bar ficaram muito chatas depois dos *smartphones*. Ninguém mais pode ter dúvida alguma. Se alguém perguntar: “como é o nome daquele cantor que cantava aquela música?”; ou então: “quem era o centroavante da seleção de 86?”, logo algum bobo alegre vai acessar a internet e buscar a resposta. E aí acabar com a graça, a magia e o mistério... Não sobra assunto pro próximo encontro.

Outro amigo tem uma tese/profecia tenebrosa sobre o uso sem critério dos tecnobreguetes. Diz ele:

– Num futuro próximo, as pessoas deixarão de ter memória. Para que lembrar, se tudo caberá num hd externo?

É. Faz bastante sentido a tese do meu amigo. Aliás, há tempos não o vejo, o... o... Como é mesmo o nome dele, gente? Aníbal, não. Átila, não...

É um nome assim, meio que histórico... Desculpem aí, vou ter que espiar na agenda do meu celular.

ABRIL DE 2011

O Ex-Comunista

– O mundo precisa dos pobres. Demorei a entender isso, mas agora sei: o mundo sem pobres é inconcebível.

Aquela frase dita assim, de chofre, no meio de uma conversa informal, me chocou, confesso.

– Por muito tempo algumas pessoas lutaram pelo fim da pobreza. Eu próprio fui um deles. Mas agora entendo que a pobreza é necessária ao equilíbrio do planeta – ele continuou.

– Equilíbrio? Como assim?

– Imagine um mundo só de ricos... Um mundo em que ninguém precise de nada, que seja autossuficiente e abastado...

– Hmm...

– Viu? Você nem consegue imaginar, porque é mesmo impossível. São esses pobres que sustentam o capitalismo, não os ricos. São os pobres que fazem a roda do capital girar. Onde há pobreza há desejo. Onde há desejo há consumo. Se as pessoas consomem, a rede da economia gira, entende?

Eu permanecia mudo. Embora reconhecesse que havia algo de tecnicamente correto naquele raciocínio, sua fala me soava demasiadamente cínica. Prosseguiu em sua teoria.

– Quem são os maiores vendedores de discos?

– Os artistas populares, imagino – falei.

– Pois é, artistas populares, aqueles que são ouvidos pelos pobres, certo?

– Acho que sim.

– Quais as lojas com maior receita? As lojas que vendem artigos populares, certo?

– Acho que sim também, não sei...

– Eu sei, vai por mim. Melhor ter um boteco em Pirituba do que uma loja de chapéus de grife no Shopping Iguatemi. O custo/benefício é mais vantajoso.

– Nunca parei pra pensar nisso.

– Rico não consome porque tem um desejo genuíno ou uma necessidade vital. Rico consome pelo glamour, porque quer ser visto com o barco, o carro novo, a casa projetada pelo arquiteto *hype*... Pobre não. Pobre faz seu “puxadinho”, ergue sua laje e fica feliz da vida, porque, ainda que se orgulhe em mostrar pro vizinho, não o fez só por isso. Fez porque tinha a real necessidade daquilo. E quem precisa fazer, faz. Quem precisa comprar, compra.

– Mas o capital está nas mãos dos ricos.

– Sim, mas foi ganho à custa de pobres, não de outros ricos.

– Sim, mas há serviços que pobres não consomem, apenas ricos.

– Sim, há. Mas nenhuma fortuna é erguida sem a participação dos pobres.

– Como assim?

– Tá vendo aquele condomínio de luxo? Imagina quantos pobres trabalharam para erguê-lo? E quantos outros agora trabalham para mantê-lo funcionando?

– Não sei.

– Muitos, acredite. Tá vendo aquele shopping acolá? Entre e faça uma enquete. Aposto que há mais pobres circulando por lá do que ricos.

– Mas...

– Acredite no que tô falando. Dinheiro para o rico é esporte. Para o pobre, é paixão.

MAIO DE 2011

São Marçal

Neste mês de junho, o brasileiro celebra a festa junina. Ou festa de São João – que também é festa de Santo Antônio e São Pedro. No Maranhão, meu estado natal, há um quarto santo que também é celebrado. Engana-se quem pensou em José de Ribamar ou santo similar. Seu nome é São Marçal.

De todas as festas populares brasileiras que presenciei na infância, a festa junina é a de que me lembro com mais carinho e saudade. Lembro com precisão da mágica que era caçar os gravetos para fazermos a fogueira, da família de fogueteiros vizinhos que sempre inventavam uma nova geringonça que atirava fogos multicoloridos aos céus e das saborosas comidas à venda nos “arraiais” com barracas feitas com palha de ariri ou pindoba, e que tinham, vez ou outra, um parquinho de diversões.

A festa, de origem portuguesa, era na origem festa *joanina*, dizem, por aludir a São João Batista, o profeta primo de Cristo cuja cabeça acabou na bandeja de Salomé por ordem de Herodes. Aproveitando o ensejo, outros santos queridos passaram a ser festejados no mesmo mês, caso do casamenteiro Antônio e do pescador Pedro. Conta a lenda que o costume de acender fogueiras nesta época teria nascido de um pacto entre as primas Maria e Isabel, que se comunicavam e se socorriam mutuamente através de fogueiras, algo como os sinais de fumaça dos índios norte-americanos.

Ok, sabe-se – ao menos por alto – da história de João, de Pedro e de Antônio, e da origem dos fogos, dos comes e bebes, da fogueira e das danças de rua, como a quadrilha, de linhagem francesa. Mas e este São Marçal, quem era afinal? Marçal teria sido um discípulo de Cristo da

segunda ou terceira geração. Segundo relatos de historiadores, era um menino na altura do milagre dos peixes e teria presenciado a última ceia. Converteu milhares de pessoas ao Cristianismo e operou muitos milagres. Foi batizado por Pedro e morreu quatro décadas após a morte de Cristo.

Digamos que Marçal seja um santo “coadjuvante”. Os outros seriam “protagonistas”. Embora, no nosso imaginário, os “vencedores” sejam sempre protagonistas, estes quase sempre têm a seu lado imprescindíveis coadjuvantes. Desde clássicos da literatura até o moderno repertório da cultura *pop*, quase nenhuma história se conta sem a cooperação de coadjuvantes ilustres. Sancho Pança, Sexta-Feira, Robin, Ringo Starr, Watson, Lothar, Zacarias, Turan, Wilson Grey, Arnaud Rodrigues, Tonto e Kit Carson poderiam encabeçar uma lista interminável, a depender dos critérios de cada um. Mas... será que coadjuvantes interessam ao mundo? Especialmente a este nosso mundo competitivo dos dias de hoje?

O mundo e suas instituições não trabalham para criar pessoas colaborativas. Mas para fazer protagonistas, *very important people*, homens de sucesso. A programação televisiva vive coalhada de *reality shows* onde se podem presenciar, quadro a quadro, as mais mesquinhas disputas pra que seja eleito “o melhor”. Mesmo instrumentos que estariam, em tese, a serviço do conhecimento e da saúde intelectual – como o Enem, por exemplo – tornaram-se símbolos de uma competição acirrada e do jogo de interesses mais tacanho. Somos uma sociedade que cultiva e incensa protagonistas na mesma medida em que repele e despreza coadjuvantes.

Esse papo de botequim me traz à memória um belo poema de Bertolt Brecht:

“O jovem Alexandre conquistou a Índia.

Ele sozinho?

César bateu os gauleses.

Não tinha pelo menos um cozinheiro com ele?”

JUNHO DE 2011

Cabeça

Tudo que eu queria era um chiclete e um jornal de esportes para ler na viagem, mas os títulos dos livros nas prateleiras foram atraindo meu olhar. Primeiro avistei *A Cabeça de Steve Jobs*. E em seguida *A Cabeça de Peter Drucker*, que, perdoem a minha ignorância na matéria, até então eu não sabia que existia. Óbvio que fui investigar no oráculo de nossa era, o Google. Drucker, segundo li, foi um analista financeiro austríaco, morto em 2005. É um dos mais influentes estudiosos de gestão de todos os tempos, guru de executivos e ícone do mundo dos negócios.

Diante dos livros, pensei: que diabo de fetiche seria esse por cabeças de homens brilhantes, meu deus? Sim, sei que isto é literatura para executivos e empresários. Mas será que há algum incauto dentre eles que acredita que, “entrando” na mente de Steve Jobs ou de outro gênio empresarial, terá o mesmo sucesso que ele? Curioso também é notar que, apesar do culto a essas mentes brilhantes, este mundo hipermoderno e ultracapitalista não preza, infelizmente, o que as cabeças têm de mais especial – a própria capacidade de pensar e criar com originalidade e personalidade. O mundo corporativo em geral quer ideias prontas, reconhecidamente bem-sucedidas, não ideias visionárias. Aqui e ali, porém, um pequeno milagre acontece. Aí então o dono da cabeça milagrosa passa a ser objeto de admiração e mesmo adoração (vide os casos de Drucker, Jobs e outros tantos).

Essa divagação sobre cabeças de repente trouxe à minha a memória de algumas cabeças célebres. De imediato me lembrei do hoje clássico filme *Tragam-me a Cabeça de Alfredo Garcia*, do controverso cineasta Sam

Peckinpah, dono de uma filmografia sangrenta e brilhante e objeto de culto de nomes como Quentin Tarantino, Robert Rodriguez e irmãos Coen. No filme, um homem tem a cabeça posta a prêmio depois de engravidar a filha de um rico mexicano. A caçada se dá em ritmo frenético e surreal, com doses fartas de humor negro e violência macabra.

Outra famosa cabeça de que me lembro agora é a do genial compositor paulistano Walter Franco, que incendiou o Festival Internacional da Canção de 1972 com a síntese explosiva dos versos de sua canção batizada de... *Cabeça* – “que é que tem nessa cabeça / saiba que ela pode ou não / que é que tem nessa cabeça / saiba que ela pode explodir, irmão”. “Você viu o cabeção por aí? Eu não, eu não vi não.” Nos anos 70, o Brasil inteiro cantou esse refrão saboroso e engraçado em coro com o grupo Golden Boys. Não é difícil adivinhar o nome do *hit*: *O Cabeção*, claro.

Mais recente é o filme do gótico Tim Burton dedicado à lenda do cavaleiro sem cabeça, uma alegoria fantasmagórica sobre um cavaleiro amaldiçoado. Na cultura popular brasileira há a “mula sem cabeça”, que, segundo o povo, era uma mulher que teria seduzido um padre e foi por isso tornada vítima de maldição. Referências históricas também não faltam – João Batista, Maria Antonieta, Tiradentes, Robespierre, Lampião, Ana Bolena, cujas cabeças tornaram-se troféus nas mãos de seus desafetos.

Agora vejo as cabeças estampadas nas capas dos livros com receitas infalíveis de sucesso e me pergunto: quando é que dedicarão um livro à alma de Steve Jobs? Quando isso acontecer, talvez comece a me interessar por tal literatura.

JULHO DE 2011

2 Pequenas Histórias sobre Nomes

Nelson

Chamava-se Nelson, em homenagem a Nelson Gonçalves e Nelson Rodrigues. Seu pai, um fã entusiasmado do vozeirão do primeiro e das crônicas esportivas do segundo, achou desse modo um jeito de homenagear os dois ídolos de uma só vez. E, embora a geração deste Nelson desconhecesse as canções passionais do Gonçalves e os provocativos textos do Rodrigues, a história de seu nome o enchia de orgulho. Quando lhe perguntavam “qual seu nome?”, respondia com estilo:

– Nelson, em honra de Nelson Gonçalves e em louvor de Nelson Rodrigues.

Nos eventos sociais, nas entrevistas de emprego, nas abordagens amorosas, sempre repetia tal bordão. Um dia, no novo emprego onde estava havia dois meses, conheceu um certo João (o nome João era também fruto de homenagem a dois célebres Joões – João Gilberto e João Saldanha). Sentiram grande afinidade e tornaram-se amigos inseparáveis, unha e carne. Iam a todas as festas juntos, e também ao estádio, à praia, ao bar, ao parque. Chegaram ao cúmulo de namorar duas irmãs, o que os deixou ainda mais unidos.

Mas eis que um dia brigaram. Foi uma briga terrível, a primeira e única. Por pouco não foram às vias de fato. No auge da zanga, Nelson exclamou, inflamado:

– Isso nunca poderia dar certo mesmo. Nelson Gonçalves detestava João Gilberto.

Ao que João respondeu:

– E João Saldanha era inimigo de morte de Nelson Rodrigues.

A última frase era uma mentira histórica. Mas não importava. Deram-se as costas e nunca mais se falaram.

Aurélia

Aurélia vivia no porão dos segundos nomes, esquecida e empoeirada. Sua dona, Márcia Aurélia, a desprezara por anos, adotando para tudo o primeiro nome. Em nenhum lugar era mencionada. Nem nos prontuários de consultórios médicos, nem em cartões de embarque ou de crédito, nem mesmo na conta de luz. Havia se tornado um *A ponto*, sem identidade, sem deferência alguma, vida de puro desprezo.

No porão, Aurélia se deparou com outros segundos nomes com igual sentimento de rejeição. Havia de tudo, desde Carlos inspirados em nomes de cantores até Assis e Chagas que homenageavam santos. E também Cristinas, Marias, Antônio, Jesuses e Robertos às dezenas. Aurélia era na verdade o menos corriqueiro dos segundos nomes ali deixados. Sentia-se um tanto quanto vaidosa disso, especial, apesar do amor-próprio ferido.

Um dia acordou macambúzia. Pensou com seus botões: “Ou fico aqui para sempre e me resigno ou convoco todos a uma rebelião e mudo de vida”. Chamou uma das muitas Cristinas que lá conheceu e lhe contou seu plano: mexer com os brios de todos os segundos nomes ali abandonados e incitá-los a sair para sempre daquele porão escuro esquecido por todos.

Quando se preparava para a convocação geral, eis que surgiu um inesperado Arimateia, recebido por todos com surpresa e, verdade seja dita, com uma ponta de inveja. Arimateia logo se tornou motivo de admiração e desejo. Marias, Cristinas, Reginas e mesmo alguns Carlos se engraçaram pelo raro personagem. Mas o cara encantara-se com Aurélia, só tinha olhos para ela, o que despertava ciúmes loucos no porão. Apaixonaram-se e não largaram mais um do outro. “Aurélia e Arimateia together forever”, pichavam pelos quatro cantos do lugar.

Desde então Aurélia nunca mais teve desejos de motim. Acomodou-se em seu canto e lá ficou-se, feliz e apaixonada. Não lhe importava mais ser esquecida pelo mundo.

AGOSTO DE 2011

A Biblioteca do T-Rex

Tenho me esforçado para não me tornar um Tiranossauro Rex neste mundo digital e conectado, e meu recente ingresso no Twitter, que tanto contestei – ingresso ainda tímido, confesso –, é uma prova considerável do meu esforço. Acontece que sou de uma era (é, nós, os analógicos, sempre falamos num tom saudosista) em que as pessoas cultivavam a leitura, por bem ou por mal. “Era” em que também os suportes que hoje são causadores da dispersão de jovens e adolescentes, tão banais e ao alcance de qualquer criança, eram um tosco esboço ainda – vide os primeiros *games* e programas de texto para computadores.

Acostumei, pois, a ler, tudo e desde sempre, sem muito filtro, pelo prazer de ler e só. Meus pais, professores interioranos, tinham uma pequena biblioteca que fascinava a nós todos, os seis irmãos (sim, *Éramos Seis*). Apesar de ser o mais preguiçoso dentre todos os pequenos leitores, ainda assim, se comparado ao que leem hoje os miúdos escorados em pcs, *laptops*, *tablets* e *smartphones*, o que li seria algo como uma pequena Biblioteca de Alexandria.

Os títulos variavam desde o *Almanaque do Biotônico Fontoura*, publicação que meu pai, dono de farmácia além de professor, sempre recebia, até coleções de Jorge Amado, José de Alencar e Machado de Assis. Clássicos universais como *Crime e Castigo*, do russo Dostoiévski, que a minha irmã Lúcia leu aos 12 anos (hoje um fato improvável), até *best-sellers* infanto-juvenis como *Meu Pé de Laranja-Lima* e *O Menino do Dedo Verde* (sim, sim, *Primeiras Estórias*).

Aos 14 anos, o primeiro choque. O professor Furtado, um incendiário professor de Literatura, recomenda a leitura de *O Estrangeiro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de uma só tacada. “Meu mundo caiu”, como diria Maysa em sua célebre canção. A leitura daqueles livros me transformaria para sempre, embora eu não tivesse as ferramentas intelectuais e afetivas (?) necessárias para alcançá-los. Mas naquele momento entendi que havia formas mais, digamos, “profundas” de pensar o mundo, ou no mínimo diferentes das que eu conhecia até então. A partir daí, continuei a ler desordenada e apaixonadamente tudo que caía em minhas mãos – poesia brasileira, depois a *beatnik* americana; romances regionalistas nordestinos, poesia concreta, “geração mimeógrafo”, autores “malditos” etc. Hoje, apesar de não chegar aos pés do Mindlin (e isto não é um trocadilho), me orgulho de ter em meu currículo (nem isto) um repertório curioso e diversificado.

Estas minhas divagações sobre leituras vêm a reboque de minha participação no projeto “Ilustre Leitor”, no recém-inaugurado Sesc Bom Retiro, em São Paulo, com curadoria de Marcio Debellian, um dos roteiristas de *Palavra (En)Cantada*, premiado documentário da cineasta Helena Soldberg que aborda a relação entre música e poesia no cancionário brasileiro. Seguindo a picada do filme, de associar o universo da canção ao da literatura, o projeto revela as predileções literárias de alguns músicos e compositores. A partir de uma – ingrata e difícil – lista de “os dez mais”, o convidado divaga sobre a magia da leitura, suas influências e referências.

Não acredito que alguém se torne um humano mais especial apenas por gostar de ler. Mas ter uma “cultura literária” qualquer, por mais caótica e despretensiosa que seja, no mínimo dá assunto ao cidadão, empresta interesse, vivência e curiosidade às nossas vidas, rende boas prosas no bar

ou no Facebook (será?), traz alguma poesia ao nosso besta cotidiano (sim, *Alguma Poesia*). Só por esse fugaz encantamento já terá valido se debruçar algumas horas sobre algumas páginas ruminadas com espírito.

SETEMBRO DE 2011

Máquinas Voadoras

O sonho de voar não começa com o compositor e cantor Biafra (“voar, voar, subir, subir, ir por onde for...”). Nem com Santos Dumont ou com os irmãos Wright. Tampouco com o padre Bartolomeu de Gusmão, pioneiro que deu os primeiros passos – digo, voos – no projeto do balão a gás, bem lá atrás, ainda no comecinho do século 18. Nem teve início com Ícaro, personagem da mitologia grega que voou com asas de cera, mas não resistiu à tentação infantil (e demasiadamente humana) de se aproximar do Sol – e por isso teve as asas derretidas. O sonho de voar nasce com o primeiro homem, assim como a ambição da arte, sendo ambos (o voo e a criação) projetos surgidos da insatisfação inerente à raça humana, do desejo de ir além de nosso pequeno destino.

Heróis que voam há às centenas no imaginário *pop* – do Super-Homem ao Homem-Aranha (ok, não voa, mas se pendura em teias no ar), do Homem-Pássaro ao Surfista Prateado (tá bem, não voa, mas surfa no éter). Há ainda os personagens que não voam mas usam apetrechos para tal empreitada, e aqui é quase impossível não lembrar – com inevitável ternura – da família futurista criada nos anos 60 pelos gênios da animação William Hanna e Joseph Barbera – *Os Jetsons*. Sucesso no Brasil entre os anos 60 e 80, o desenho da simpática família foi certo em suas despretensiosas “profecias”. Pois os Jetsons locomoviam-se em esteiras rolantes, tinham um robô como empregada doméstica e andavam em veículos que voavam a uma razoável altura. Todas ideias hoje plausíveis e não tão absurdas assim. Também em *De Volta para o Futuro*, Michael J. Fox subiu aos ares no seu Delorean, varando as eras num voo delirante –

outra fantasia recorrente do homem, esta de se teletransportar de uma época a outra.

Não duvido que estejamos chegando perto de realizar algumas dessas antigas fantasias humanas. E o anúncio do projeto Matternet, um carro que voa, é a prova incontestada do avanço científico nesse departamento. O projeto surge com destinação assistencialista e começa a ser formatado – pasmem! – no Haiti, com apoio da vizinha República Dominicana. Segundo seus idealizadores, o propósito é ter acesso a áreas inóspitas como a área rural africana e lugares devastados por catástrofes (como o próprio Haiti) para levar medicamentos e mantimentos aos necessitados. Prometem para 2012 uma versão aperfeiçoada do atual protótipo, que já tem experimentado seus primeiros rasantes.

Apesar do objetivo nobre, temo que a sanha industrial e consumista absorva o projeto. Já vislumbro assim – não eu exatamente, mas minha porção mais pessimista – um pequeno inferno congestionado a meia altura do chão, com motoristas voadores estressados querendo sair no braço sem pisar o chão. Imagino a cena de cinema americano de quinta: a Marginal Tietê tomada por carros planando a alguns palmos de nossa cabeça, pra lá e pra cá, num caos de arrepiar, ruidoso e ameaçador. Claro que não precisarão disputar espaço com helicópteros e aviões, que ocuparão faixas mais altas do espaço aéreo. E pensar que há cerca de 150 anos o poeta romântico baiano Castro Alves decretara que “a praça é do povo como o céu é do condor”. A praça há tempos não é mais do povo. E o céu parece já ter outros donos.

OUTUBRO DE 2011

Fundamentalistas

Não creio em Deus. Pelo menos não da mesma forma que um cristão ou um muçulmano. Tenho apreço pelos ritos católicos e curiosidade por vidas de santos, isso por ser um amor aprendido na infância – e amores da infância são (quase) eternos. O “Deus” que me interessa é um Deus mais “filosófico” (ou mesmo “teológico”) que um Deus santíssimo. Aí está a grande questão. A filosofia é, *grosso modo*, a possibilidade de relativizar as coisas, e para as religiões não há relativização possível. Ou é céu ou inferno, ou pecado ou virtude, Deus ou diabo, bem ou mal.

Seja como for, religião é um assunto que me interessa. E que ultimamente me preocupa. Porque noto que as religiões estão todas se tornando um tanto fundamentalistas (e não só o Islamismo, como já é sabido). Todo fundamentalismo é perigoso, seja quando se trata de religião, política, economia, nacionalismo, ou até em temas “prosaicos” como futebol e música – conheço alguns “fundamentalistas de mesa de bar”, aqueles sujeitos de opinião irredutível, que têm a convicção dos crentes e a falta de humor dos fanáticos.

Os fundamentalistas querem a volta à barbárie, querem subtrair da humanidade todas as suas conquistas, quando o único futuro possível do mundo – se é que há um – parece ser o culto à civilidade, a busca da democracia (mesmo que esta seja uma busca utópica) e o respeito e a tolerância às escolhas dos outros. Um mundo próximo do ideal seria um mundo onde todos pudessem vivenciar seus credos e convicções sem o barulho insano e cego das turbas, sem a sanha fundamentalista dos grupos e doutrinas. Mas isso parece cada vez mais longe.

Entre os anos 60 e 70, muitas personalidades *pop* se converteram ao Islamismo, como o lutador Classius Clay e o cantor Cat Stevens. Isso ajudou bastante a difundir a doutrina islâmica mundo afora. Era charmoso, com uma certa tinta contracultural até. Naquela altura, ninguém imaginaria que a religião islâmica seria a máquina de morte em que se transformou hoje. Hoje também evangélicos às pencas, dispostos a carregar mais ovelhas para seu rebanho, invadem a internet como pragas no Egito para difundir seu pensamento moral totalitário em comentários nem sempre felizes ao pé de *blogs* e *sites* de notícias. E os católicos buscam, com a Renovação Carismática e sob o comando de um papa sem carisma, a volta dos fiéis pela espetacularização da fé, através da missa-*show* e do sermão-palestra motivacional.

A falência das liturgias e o avanço de uma visão fundamentalista do mundo são sintomas do que Nietzsche, não por acaso um filósofo, decretou bem antes de nós, com a certeza de um crente: “Deus está morto”. Com esses questionamentos acerca da fé, me indago: estarei eu sendo um fundamentalista também?

NOVEMBRO DE 2011

Sobre Hinos

Parava o carro no estacionamento do supermercado quando ouvi um funcionário assoviando uma conhecida melodia. Sim, era o Hino à Bandeira, aquele dos indefectíveis versos: “Salve, lindo pendão da esperança, salve, símbolo augusto da paz!”.

Lembrei-me imediatamente dos tempos de escola, quando éramos obrigados, às vezes sob o sol inclemente do início da tarde, a cantar este e o Hino Nacional (às vezes o Hino do Maranhão também entrava na roda cívica). Eu cantava aqueles versos parnasianos e internamente me perguntava: quem diabos teria sido este “Augusto”? E quem é esse “lindo” que saúdam logo no primeiro verso? Seria o Augusto um homem tão lindo a ponto de merecer homenagem num hino feito em honra da bandeira nacional? – eu pensava. “A verdura sem par destas matas” também me intrigava. Afinal, de que verdura o poeta falava?

Hinos são hinos, odes, “cantos solenes”, segundo o dicionário, ou “cânticos de louvor”. Por isso tantos exageros na lírica. Há que lembrar que todos esses hinos de louvor à pátria são antigos, a maior parte do século 19, o que justifica a verborragia e o quase hermetismo dos versos. Afinal, quem aí sabe o que quer dizer “fúlgidos”, “impávido”, “florão” e “lábaro” contidos na letra do Hino Nacional?

Mas, de um modo ou de outro, por força da obrigação ou não, os hinos sempre estiveram no nosso imaginário cultural. E, mesmo que inevitavelmente eu me lembre do rigor que não nos aliviava caso não cantássemos o hino de mão no peito e olhar compenetrado, tenho a lembrança lúdica daquele momento também. Talvez aquele ritual

aparentemente absurdo aos olhos de nós, crianças, tivesse um papel civilizatório qualquer. Hoje não há nenhum apego a hinos, como de resto a quase nada, nem ao sentido de pátria (banalizado que foi pelo populismo dos anos de regime militar) ou de pertencimento a uma nação.

Lembrando que hinos também são “cultura”, nunca é demais lembrar: o Hino à Bandeira tem letra do poeta Olavo Bilac (sim, ele mesmo, dos clássicos versos “ora direis, ouvir estrelas”...) e música de Francisco Braga. E o “Hino Nacional do Brasil”, cuja melodia julgo a mais bonita dentre os hinos nacionais – só comparável à *Marselhesa* e ao hino americano –, é de autoria de Francisco Manuel da Silva e Osório Duque Estrada.

P.S. 1: Sei que mexi em casa de marimbondo e despertei a fúria de muitos com meu texto anterior, *Fundamentalistas*, sobre os fanáticos religiosos. Quero dizer, em minha defesa – mas não à guisa de desculpa, pois não excluo nem uma vírgula do que escrevi –, que tenho grande respeito por todos os credos e fés. O que contesto é a cegueira do fanatismo e da intolerância, que fez com que numerosos leitores escrevessem, alguns oferecendo orações à minha alma e outros atirando pedras e agressões. A propósito do tema deste mês, me recordo de que foi por causa de um hino – este religioso, da *Harpa Cristã*, hinário protestante (na época não se chamavam evangélicos) – que, aos 14 anos, quase me torno parte do grande rebanho, antes de me tornar esta ovelha perdida e convicta. O (lindo) hino dizia: “Porque Ele vive, posso crer no amanhã, porque Ele vive, temor não há”...

P.S. 2: Minha saudação ao doutor Sócrates, que, para além do grande ídolo que foi, nos últimos anos, tornou-se também um amigo mais que querido. Que a História seja justa e que, nesta era do politicamente

correto, seu “crime” de ser alcoólatra não obscureça a imagem do grande cidadão e artista que ele foi.

DEZEMBRO DE 2011

Ufânio e Contreiras

- O Brasil está eufórico, eu também – disse Ufânio, o otimista.
 - É bom ter cuidado, você sabe o que acontece quando o Brasil fica eufórico – retrucou Contreiras, o do contra.
 - O quê? – perguntou indignado o primeiro.
 - Derrrotas... – respondeu misterioso o segundo.
 - Vira essa boca pra lá! O Brasil está eufórico e tem razões pra estar.
 - O Brasil não precisa de razões pra estar eufórico, ele está sempre, com ou sem razões. Pode ser com a Seleção de Telê ou a de Dunga, o brasileiro vibra... Pode ser no governo Lula ou na ditadura militar, o brasileiro é um bobo alegre sempre.
 - Epa, bobo alegre não! O brasileiro nunca teve tantas razões pra estar otimista, só não vê quem não quer.
 - Pois diga algumas.
 - Tá tudo tão na cara... A Europa caindo aos pedaços, nunca mais será o que foi outrora... Os Estados Unidos numa pindaíba histórica, com uma ressaca política danada pós-Obama...
 - Essas crises passam. Europa e Estados Unidos são civilizados, racionais, não têm essa euforia tropicalista insana e festiva...
 - Esse é um discurso fascista, um discurso contra o Brasil, eu bem que desconfiava de você... Que revistas você anda lendo, meu chapa?
 - E esse é um recurso rasteiro... Basta colocar na roda um argumento que contrarie esse otimismo desvairado do brasileiro que vocês esperneiam e chamam o opositor de fascista, de direita etc. Ninguém te avisou, não? As ideologias morreram.

- O sonho não tem ideologia, rapaz.
- O sonho não me interessa, só a realidade. Ninguém resolverá a fome do Terceiro Mundo com sonhos.
- Mas o sonho é o motor de tudo, da política, da arte, de qualquer ato civilizatório... Quem imaginava 20 anos atrás ver o Brasil entre as seis maiores potências do mundo? Ninguém! Jamais!
- Isso é balela. Só porque o Brasil é um grande produtor, não quer dizer que será uma grande nação um dia. Poucos países têm uma desigualdade social tão chocante... E o germe da corrupção tão forte, tão introjetado na alma do povo.
- Besteira! Inglaterra, Japão, Estados Unidos também têm corrupção.
- Mas em escalas bem diferentes. No Brasil quase todo mundo é corrupto, é do caráter do brasileiro. Do pipoqueiro ao promotor, do empresário do jogador da segunda divisão ao presidente da CBF, todo mundo tem podridão a esconder...
- Você torce contra, não adianta argumentar com você. O Brasil é a nação do futuro... Do futuro não, do presente. Crescemos mais e mais, a economia avança a cada ano, o poder aquisitivo da população só aumenta, nosso futebol é objeto de desejo dos gringos, nossa música também, nosso cinema é forte, geramos milhares de empregos a cada mês, nossos políticos são respeitados como nunca foram, seremos sede da Copa do Mundo, das Olimpíadas... Chegou a nossa vez, cumpriremos nosso destino, ser a grande nação do planeta, a mais rica e fecunda, a mais criativa e alegre.
- Tá bom. Nos falamos daqui a um ano, se o mundo não acabar.
- Viu? Você torce contra.

Sofisticação

A ideia de sofisticação perpassa toda a vida moderna. Em tudo hoje há esse ideal de sofisticação. Pois quando você recebe um telefonema de um operador de *telemarketing* e ele lhe avisa que “vai estar lhe enviando a fatura etc.”, ele está imaginando ser mais sofisticado do que se lhe dissesse simplesmente “vou lhe enviar a fatura...”. Quando o atendente da lanchonete ou da loja se aproxima e diz “meu nome é Carlos, estou aqui para ajudá-lo no que precisar”, é sofisticado o que ele pretende ser. Quando o dono da casa de galletos a batiza de “Galeteria”, é sofisticação o que ele quer sugerir com esse nome. Que suburbano seria se pintasse na fachada “vende-se galletos”, não?

Sim, quase nunca é um ímpeto natural, espontâneo. Há um treino para tornar os prestadores de serviço gentis e, mais que gentis, “sofisticados”. Cardápios de restaurantes são também um bom termômetro desta busca desenfreada (e nem sempre honesta) pelo ideal de sofisticação e *finesse*. Não basta descrever o prato como ele de fato é, há que dourar a pílula, digo, a receita. Não basta ser um filé-mignon. Não, muito básico. Tem que ser um filé orgânico maturado em vinha de alhos hidropônicos colhidos durante a primavera (de preferência por crianças africanas, para que, além de sofisticado, tenhamos um toque humanitário também). A salada também não pode ter um simples tomate plantado em Atibaia. Não. Tem que ser um tomate especial, geneticamente transformado, irrigado por águas da serra, plantado em solo adubado com argila indiana etc. etc. etc.

Também na seara da indústria cultural, há alguns pequenos truques de transformar o “simples” em “chique”. Quando a música dita sertaneja

surgiu com toda força no final dos anos 80, seus ícones exibiam visual *pop* ou *rock'n'roll*. Não parecia ser mera coincidência a semelhança entre os cabelos de duplas como Chitãozinho e Xororó com os cabelos de Siouxsie and the Banshees e outras bandas *new wave* dessa década.

A diva caipira Inezita Barroso declarou, em recente entrevista, que o rótulo *sertanejo* foi adotado por causa da vergonha que as duplas tinham de assumir o termo “caipira”, mais genuíno, diz ela. “Sertanejo remete mais ao Nordeste que ao interior de São Paulo. Ninguém fala ‘vou pro sertão de Jundiá!’”. Grande Inezita!

Depois houve o tempo do forró universitário, febre que assolou o Brasil, especialmente São Paulo. Mais um truque previsível, afinal o forró estava para sempre associado à rudeza nordestina, era música de “baiano”, coisa de “paraíba”, não era música de bacana. Mas eis que um gênio marqueteiro qualquer (há muitos por aí), em sua oficina de truques geniais, deve ter pensado: “Se colarmos uma palavra chique à palavra forró, hummm, deixe-me pensar... *Eureka!*: ‘Forró universitário’, claro!”. E assim a cruzada de Duda Mendonça com André Midani fez o seu golaço.

Há poucos anos, com o surgimento de novas duplas, nem tão “sertanejas” assim, tomou-se emprestada a alcunha e assim surgiu o “sertanejo universitário”, nova febre musical que hoje domina a cena nos quatro cantos do país. Espera-se para breve o “pagode universitário”, a “gafieira acadêmica” e o “brega de vanguarda”, quem sabe.

FEVEREIRO DE 2012

Enquanto Isso, na Sala de Criação

A reunião na sala de criação da tv estava tensa.

– Estamos perdendo terreno, nossa grade está uma b... – bradou o diretor de programação. – Precisamos criar coisas realmente novas – falou enfatizando cada sílaba de *realmente*.

Um silêncio nervoso tomou conta da mesa. Até que um corajoso assistente manifestou-se.

– Senhor, sabe o que é? Temos uma grande limitação aqui. Você sabe, a direção desta tv é religiosa... Não podemos falar de tudo, mostrar tudo...

– Meu filho, aprenda de uma vez por todas: todo negócio é religioso, seja ele uma farmácia, uma agência de modelos ou uma tv. Todos são religião, e seu credo é um só: o lucro.

– Sim, mas...

– Nem mas nem meio mas. Não estamos aqui para filosofar, mas para criar. Pedi a vocês projetos, quero vê-los.

Um a um, os membros da equipe foram mostrando seus vários projetos: um programa de humor temático com o sugestivo nome “Chupa que É de Uva!”; um programa de esporte com um velho ícone polêmico do futebol comentando a rodada, mas apresentado por cinco gatas de arrasar quarteirão, cujo nome o rapaz falou com um sorriso amarelo na boca – “Bolas na Mesa”; uma gincana só com drogados batizada de “Bungee Junkie”; um *talk show* com celebridades apresentado por outra celebridade televisiva, de preferência mulher, chamado “Celebre a Vida” etc.

Dezessete projetos de programas depois, entre o tédio e o desânimo, o diretor falou:

– Agradeço o empenho de vocês, mas nada do que temos aqui nos serve. Precisamos revolucionar a programação. Nada que vocês me mostraram aqui tem pegada pra isso.

Pausa dramática.

– Vocês são muito jovens, talvez não saibam, mas eu era *office-boy* da Globo quando vocês ainda nem eram nascidos. Convivi com Boni...

– Boninho, senhor? – perguntou um estagiário.

– Não, Boni, o pai, o gênio da televisão brasileira.

Falou incisivo, mirando nos olhos do rapaz:

– Espera, você nunca ouviu falar de Boni? Tsc, tsc, não me espanta que seus projetos sejam esta m...

Um clima mais tenso ainda se instalou na sala de reuniões.

– Olha, melhor parar por aqui. Voltem pra casa, amanhã conversamos de novo. Se tiverem tempo, leiam algo, consultem na internet, saibam o que já foi feito antes de vocês existirem. O mundo é mais velho do que vocês, acreditem.

Todos se levantaram e um zunzunzum sem fim teve início. O diretor, abatido depois de reunião tão desgastante, saiu sem falar com ninguém.

Jota Jota (sim, esse era o seu nome “artístico”) era um homem empreendedor. Não era um supercriativo, mas tinha faro e um certo bom senso, além do talento de criar programas de sucesso. Sabia que daquelas pedras não espremeria leite algum. Havia cinco anos começara a beber e tomar antidepressivos, vendo o declínio de sua carreira se aproximando. Aquele era um momento crucial em sua vida. Ou ele tirava um (ótimo) coelho da cartola ou estaria arruinado. Não dormiu naquela noite. Ficou zanzando pra lá e pra cá, anotando ideias no computador, ideias que abortava logo com seu implacável senso crítico.

Ao amanhecer, chegou a fúnebre notícia aos estúdios da tv: Jota Jota se matara, numa overdose de uísque e remédios. Deixou um bilhete curto e grosso para a sua equipe: “Criem, criem!”.

Uma semana depois de sua morte, a tv para a qual trabalhava alcançava picos de audiência com um novo programa, a grande sensação da tv brasileira naquele ano: um *reality show* com profissionais em fim de carreira e deprimidos. Vencia aquele que primeiro se matasse. Prêmio: um milhão de reais para a família do “vencedor”.

MARÇO DE 2012

Jorge Dória

Dia desses acordei com a lembrança de Jorge Dória na cabeça. É, tenho essa mania besta de, vez ou outra, acordar me lembrando de nomes, lugares ou pessoas – sejam elas velhos vizinhos, artistas ou jogadores de futebol esquecidos. Naquela manhã era Jorge Dória o eleito. E a pergunta que não calava era: será que o homem morreu? Afinal, nunca mais ouvi falar dele.

Pra quem está chegando agora, Dória é um grande ator e comediante carioca, que participou de inúmeros filmes, peças, novelas e seriados de tv. Seu maior sucesso no teatro foi como o protagonista de *A Gaiola das Loucas*, peça recentemente remontada por Miguel Falabella e Diogo Vilela. Participou do histórico filme *Assalto ao Trem Pagador*, de Roberto Farias, entre outros tantos. Na tv, foi Lineu na primeira versão de *A Grande Família*, hoje revivido por Marco Nanini no *remake* de sucesso da série.

Eu era menino no início dos anos 70 e o programa, sucesso absoluto, tinha ainda em seu elenco Osmar Prado, Eloísa Mafalda e o (engraçadíssimo e saudoso ator) Luiz Armando Queiroz. Lembro da minha grande família em torno do televisor (sim, quando queríamos parecer mais inteligentes, chamávamos a televisão de “aparelho televisor”) recém-adquirido, às gargalhadas com as trapalhadas da simpática e suburbana família, que se completava com Brandão Filho, Paulo Araújo e Djenane Machado, que depois seria substituída por Maria Cristina Nunes (devo dizer, com certo orgulho, que escrevi este texto até agora sem uma consulta sequer ao Google).

Sim, mas, afinal: Jorge Dória estaria vivo ou morto? – essa pergunta martelava meu juízo naquela manhã. Como saber? (Sim, pode comemorar, caríssimo leitor, agora sim, serei obrigado a consultar o grande oráculo.) Curiosamente, ao teclar “Jorge Dória” para pesquisa no Google, duas “sugestões” apareceram de imediato: “Jorge Dória ator” e “Jorge Dória morreu”, com várias páginas reverberando o rumor sobre sua suposta morte (então a dúvida não é só minha, ufa, que alívio!). O que se conclui, depois de ler as dezenas de páginas sobre o tema, é que Dória está vivo, porém doente, depois de sofrer um AVC em 2004. Tem saúde estável, mas está afastado da atividade artística (*Zorra Total* foi seu último trabalho), pois teve a locomoção comprometida pela doença.

Um dos clichês mais repetidos sobre o Brasil é o de que “é um país sem memória”. Reconheço uma certa falta de carinho para com seus artistas e ícones, embora não me agrade o papel de reclamão rabugento. Quando Luiz Bonfá, grande violonista brasileiro, um dos precursores da bossa nova e autor de alguns clássicos, dentre os quais *Manhã de Carnaval* – uma das mais belas melodias do nosso cancioneiro –, morreu em 2003, o *Jornal Hoje*, da TV Globo, dispensou-lhe mísera matéria que mal durava um minuto. Na mesma edição, mostrou matéria tola e interminável sobre um brasileiro que havia estudado com George W. Bush, na época em campanha para sua reeleição. Também soube da morte de Armando Bógus, um dos maiores atores da televisão brasileira, em nota de pé de página num dos maiores jornais do país. A capa do caderno de cultura daquele dia estampava o surgimento de uma nova banda *pop* cujo nome já deve ter caído no esquecimento até do jornalista que escreveu tal matéria.

Outro clichê repetido à exaustão sobre o Brasil é o de que “é um país colonizado culturalmente, provinciano”, que vira as costas para seus valores enquanto cultua o lixo cultural importado. Também não gosto de

compactuar com esse argumento porque não raro os nacionalistas medíocres e o senso comum idiotizante se apropriam dele perigosamente. Mas que nossos velhos artistas mereciam mais respeito e reverência, disso não resta dúvida. E Jorge Dória, em toda a sua glória, vivo e morto nas mil páginas da net, não me deixa mentir.

P.S.: Certa vez encontrei com Jorge num avião. Ele se sentou perto de mim e dos músicos de minha banda e trocamos gentis “cumprimentos de cabeça”. Foi um voo tenso, com muita turbulência, e o cara, mostrando seu talento inato pro humor, fez um verdadeiro *show* de graça, divertindo os passageiros com suas *gags* e falas delirantes dirigidas ao piloto e aos comissários, arrancando gargalhadas de todos e aliviando a tensão do trajeto. Um gênio!

ABRIL DE 2012

Os Mortos Escrevem

“No antigo Paço da Boa Vista, nas audiências dos sábados, quando recebia toda gente, atendeu D. Pedro II a um negro velho, de carapinha branca, e em cujo rosto, enrugado pelo frio de muitos invernos, se descobria o sinal de muitas penas e muitos maus-tratos.

– Ah, meu senhor grande! – exclamou o infeliz. Como é duro ser escravo!...

O magnânimo imperador encarou suas mãos cansadas no leme da direção do povo e aquelas outras, engelhadas nas excrescências dos calos adquiridos na rude tarefa das senzalas, e tranquilizando-o, comovido:

– Oh, meu filho, tem paciência! Também eu sou escravo dos meus deveres e eles são bem pesados... Teus infortúnios vão diminuir...

E mandou liberar o preto.

Mais tarde, nos primeiros tempos do seu desterro, o bondoso monarca, a bordo do *Alagoas*, recebeu a visita do ex-ministro; às primeiras interpelações de Ouro Preto, respondeu-lhe o grande exilado:

– Em suma, estou satisfeito e tranquilo.

E, aludindo à sua expatriação:

– É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.

A coroa era pesada demais para a cabeça do monarca republicano. Aos que me perguntarem no mundo sobre a minha posição em face da morte, direi que ela teve para mim a fulguração de um Treze de Maio para os filhos de Angola.”

Como o leitor já deve ter percebido, este texto foi escrito por um morto. Não um morto qualquer, mas Humberto de Campos, escritor e

jornalista maranhense que fez grande sucesso a partir da segunda década do século 20. Cronista cheio de verve crítica e humor, seus textos se espalharam por jornais de todo o país, tornando-o um dos escritores mais populares de sua época. O tal texto de Campos teria sido psicografado por Chico Xavier em 1935. Prossegue o finado escriba:

“A morte não veio buscar a minha alma, quando esta se comprazia nas redes douradas da ilusão. A sua tesoura não me cortou fios da mocidade e de sonho, porque eu não possuía senão neves brancas e rígidas à espera do sol para se desfazerem. O gelo dos meus desenganos necessitava desse calor de realidade, que a morte espalha no caminho em que passa com a sua foice derrubadora... Na minha trincheira de sacos de água quente, eu a vi chegar quase todos os dias... E na minha alegria bárbara, sentia-me encurralado no sofrimento, como um lutador romano aureolado de rosas... Adormeci nos seus braços [da morte, sim] como um ébrio nas mãos de uma deusa.”

Humberto de Campos morreu em 1934, aos 48 anos, quase cego e gravemente enfermo. Do além, nesta *Carta aos que Ficaram*, ele sentencia: “E posso acrescentar, como o neto de Marco Aurélio [segundo consta, alcunha dada ao imperador brasileiro por ninguém menos que Victor Hugo, o grande escritor francês], no tocante à morte que me arrebatou da prisão nevoenta da Terra:

– É a minha carta de alforria... Agora posso ir onde quero.

Os amargores do mundo eram pesados demais para o meu coração”.

Seja um texto de Chico Xavier ou escrito por Humberto de Campos através de sua pena – e antena espiritual –, ninguém poderá negar que o relato tem estilo, ainda que abuse das expressões rebuscadas típicas da época. Tempos depois, diante do sucesso dos textos psicografados de Humberto, os familiares do “autor” exigiram *royalties* sobre suas crônicas

d'além-túmulo, o que obrigou Xavier a buscar outras conexões literárias. Ele ainda psicografaria sonetos de Cruz e Sousa, Antero de Quental e Augusto dos Anjos, além de contundentes crônicas póstumas de Eça de Queiroz.

Vida além da morte? Reencarnação? Psicografia? Não creio. Tampouco duvido convictamente. São de Rita Lee os versos sátiro-filosóficos que ora parodio: “Não acredito em nada, só não duvido da fé”.

MAIO DE 2012

Críticos

Oscar Wilde dizia, com seu habitual veneno, que “nos melhores dias da arte não existiam críticos de arte”.

Personagem longo na história das artes, o crítico sempre esteve num lugar próximo ao purgatório, entre o céu e o inferno. Se alguns cumpriram papel importante na História ao fazerem prognósticos certos e relatos ponderados sobre a arte (e os artistas) de seu tempo, outros foram crucificados por conta dos equívocos e maledicência ou gratuidade de seus julgamentos.

Certo é que sempre haverá críticos, seja em revistas, jornais, bares, padarias, *blogs* e – atualmente onde estão os mais implacáveis – nas redes sociais, afinal criticar é da natureza humana. Como compositor popular que sou, alvo tanto de balas maldosas como de salamaleques superficiais de tais personagens, e depois de acurada pesquisa no submundo do *showbiz*, dou meu contributo a este capítulo da arte com uma catalogação moderna deste espécime tão controverso e específico, o crítico de música popular.

Segue lista com alguns tipos emblemáticos que hoje atuam com suas resenhas ora risonhas, ora odiosas:

1. Tipo “erudito de balada” – conhece todos os djs *hype*, viu o último *show* do Kraftwerk no Brasil, mas não tem ideia de como esse negócio de música eletrônica começou. Nem quando.
2. Tipo “fanzineiro da USP” – acha Sidney Magal um artista muito interessante por conta do impacto sociológico. Já leu alguns textos do Tatit, mas diz preferir seus filmes.

3. Tipo “*forever young*” – mais velho e experiente, é no mínimo quarentão. Divide-se em dois subtipos:
 - 3.1 “Autoexilado em Los Angeles” – quer ser único. Para se destacar dos demais, vive à caça de bandas e artistas bizarros ou pouco conhecidos. Seus critérios não se baseiam em “qualidade” ou “atualidade” do trabalho, mas na estranheza, pura e simplesmente. Suas matérias divagam sobre a bandinha australiana que toca num *pub* de Canberra um novo som, o “*punk* aborígene”, ou a nova música do leste europeu, o “*cabaret-rock* esloveno”, que tem influências de Kurt Weill e Kurt Cobain.
 - 3.2 “Coroa antenado do Leblon” – repercute qualquer coisa sobre o artista-revelação do momento, mesmo que nunca tenha ouvido seus discos.
4. Tipo “bastião da pureza do samba” – nunca esteve numa roda de samba, mas acha que o samba é a grande expressão da alma popular brasileira. Considera “música gringa” qualquer música que não contenha pandeiro e cavaquinho, mesmo se feita no Brasil. Defende a criação de uma estátua gigante de Dona Ivone Lara em lugar do Cristo Redentor.
5. Tipo “defensor apaixonado do senso comum” – acha que Michel Teló e Luan Santana são interessantes como fenômenos de massa, embora não goste de sua música. Mas afinal, se o grande público adora, certamente tem alguma magia escondida nisso daí. Defende que música popular tem também relevância antropológica. Considera Roberto Carlos tão importante para a humanidade quanto Freud.
6. Tipo “fundador obsessivo-compulsivo de movimentos imaginários” – este tipo é atualmente muito comum na cena. Nomeia tudo o que vê

pela frente, no afã de entrar para a História como o descobridor/propagador de algum “ismo”, e para isso não economiza desonestidade. Nem cinismo.

7. Tipo “sábio de Facebook” – este não é necessariamente profissional, embora seja sempre implacável. Geralmente encarna o tipo “não ouvi e não gostei”. Acha toda a produção contemporânea um lixo, embora a do passado também não tenha sido grande coisa. Costuma ser do contra, e seu lema é algo como “se dizem que é bom, só pode ser ruim”.

Há ainda outros tipos, óbvio. Mas ficam para um próximo texto.

JUNHO DE 2012

A Vingança dos *Nerds*

Os *nerds* venceram. Sim, são os heróis de nosso tempo. Na minha infância, os heróis eram implacáveis e durões. Tex Willer, Ken Parker, Zorro, Fantasma, Lanterna Verde, todos eram destemidos, viris, fortes e autossuficientes. Ok, podemos considerar que Clark Kent e Peter Parker, respectivas identidades secretas do Super-Homem e do Homem-Aranha, eram tecnicamente dois *nerds*, sendo o último de uma complexidade psicanalítica até. Mas eram exceções.

Espiando literatura ligeira sobre o tema *nerds*, descubro várias e curiosas hipóteses sobre a origem do termo. Uma diz que o nome pode ter surgido da gíria *nurt* (louco), que teria derivado para *nurd* e depois *nerd*. Outra sugere que tenha surgido a partir da sigla de Northern Electric Research and Development (usada nos uniformes dos caras que trabalhavam no laboratório de tecnologia do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Companhia Northern Electric, do Canadá). Há ainda a suspeita de que o nome tenha se originado de um personagem de um livro infantil americano dos anos 50 – um sujeito esquisitão e antissocial chamado... Nerd. Com o passar do tempo, a palavra *nerd* passou a enquadrar pessoas ou grupos de pessoas com interesses ou hábitos muito específicos. Assim, entram nessa classificação desde fãs de gibis e adeptos da série *Jornada nas Estrelas* até colecionadores de discos antigos e filatelistas. Em meados dos anos 80, o termo ganhou força por conta do sucesso do filme *A Vingança dos Nerds*, em que um grupo deles resolve enfrentar os bambambãs da faculdade.

Em outros tempos o *nerd* era apenas o cdf, o cara da turma desprovido de malandragem e malícia, óculos fundo de garrafa, desajeitado com as mulheres e visual demodê. Enfim, um desadaptado social com inteligência acima da média. Mas os tempos mudaram. O *nerd* ficou *pop*. Bill Gates, o poderoso empresário, se confessou *nerd* em palestras que se tornaram célebres mundo afora. Steve Jobs, quase santificado após sua morte, também poderia entrar nesse rol sem maior dificuldade. E mesmo Mark Zuckerberg, o criador do Facebook, também pode ser enquadrado como tal. O *nerd* de hoje é o mesmo personagem que um dia já teve alcunhas como bocó, otário ou mané entre nós, brasucas. Só que o bocó hoje tem uma arma poderosíssima – a *expertise* tecnológica, o domínio das artimanhas digitais. E isso faz dele quase um semideus.

Mas não se alarme se ouvir seu filho adolescente gritando “bazinga!” em lugar de “putzgrila!” ou “yes!” ou “chupa!” por aí. Afinal este é o bordão de triunfo *nerd* do personagem Sheldon Cooper, da série *The Big Bang Theory* (*A Teoria do Big Bang*), sucesso absoluto entre crianças, adolescentes e adultos mundo afora. Sheldon é um *nerd* típico dos anos 2010 – inteligente ao extremo, tecnológico, irônico, rabugento e arrogante. Tripudia dos supostos idiotas que vivem ao seu redor (para um *nerd*, todos ao seu redor são perfeitos idiotas).

Filmes às dezenas têm sido feitos com personagens semelhantes. O próprio Harry Potter poderia ser classificado como um *nerd*, embora o seu temperamento aguerrido e o dom da magia o coloquem noutro nicho. Livros também há aos montes com este tema. Recentemente fui presenteado com um *Piadas Nerds*, cujos autores, Ivan Baroni, Luiz Fernando Giolo e Paulo Pourrat, se confessam integrantes do clube e revelam suas preferências *nerds*, tais como *Arquivo X*, *O Mundo de Beakman* e *Chaves*.

Entre as muitas pérolas deste livro, estão adágios como: “Coração de mãe nerd não se engana, consulta a Wikipédia”. Ou os ótimos epitáfios *nerds*: “Enfim off-line”; “Fui! E sem backup...”. Ou “E agora, Mestre dos Magos, como eu volto para casa?”

Os malandros já eram, os *nerds* venceram.

BAZINGA!

JULHO DE 2012

Clarice e o Senso Comum

Uma vez me vi numa discussão com um amigo inteligente, bem informado e amante do cinema (sim, pessoas assim existem). Ele comparava os geniais Jacques Tati e Charles Chaplin, tomando descarado partido do francês. Eu argumentava que Chaplin era maior porque mais abrangente etc. etc. Discussão inútil, como se vê. Tanto Tati como o pai de Carlitos foram dois gênios da raça indiscutíveis e incomparáveis, acima do bem, do mal e dos críticos de balcão de bar.

Lembro-me do episódio e reflito sobre o senso comum. Na indústria da música há a expressão *crossover* para designar o feito de uma canção arrebatrar o mundo – ouvintes de todas as classes sociais, origens, idades e tribos. E na literatura há os célebres *best-sellers*, livros que vendem como água e se espalham como gringos por Copacabana no verão carioca.

Antes de tudo, faço uma distinção: nem todo *best-seller* é um livro de má qualidade, assim como nem todo artista difícil é um gênio. Van Gogh foi maldito e genial. Vendeu um único quadro em toda a vida. Morreu como um louco fracassado. Arthur Bispo do Rosário era louco e interno de um hospício. Foi diagnosticado como esquizofrênico e foi um artista brilhante, criando uma arte ultraoriginal a partir de trapos e sucatas que via pela frente. Desnecessário dizer que nem todo esquizofrênico será um grande artista, assim como um grande artista, para sê-lo, não precisará ter uma patologia mental.

Sei que parecem primários todos esses argumentos, mas nunca é demais tocar nessas teclas. A aceitação de uma obra de arte a faz parecer menor aos olhos dos cultos e eruditos (ou arrogantes apenas). Assim como

seu fracasso a faz parecer maiúscula aos olhos das Farc culturais (geralmente arrogantes também). Isso faz com que alguns artistas, legitimados pelo gosto médio, sejam julgados como menores do que realmente são.

Para não me estender demais, vou passear apenas pela seara dos poetas brasileiros, território que me interessa como poucos. O senso comum (mas não só) sempre alardeou que o maior poeta brasileiro de todos os tempos é Carlos Drummond de Andrade. Mesmo recitado como um parnasiano em festas de fim de ano, banalizado por *emails* com *power points* e camisetas de feira *hippie*, também concordo que Drummond é o maior e mais abrangente e mais permanente e mais intenso de todos os poetas desta terra, embora a poesia (e a arte em geral) não seja um esporte, e por isso não necessitaria de um *ranking* de “melhores”. Mas listas são uma das obsessões humanas e delas nem os poetas escapam. Sim, concordo, Drummond é “o maior”. Nem a secura agreste de João Cabral, nem o lirismo desbragado de Bandeira, nem o imaginário místico de Jorge de Lima, nem a poesia multifacetada de Murilo Mendes, nem a dicção violenta e densa de Gullar conseguem suplantá-lo. Mas nem Drummond em toda a sua glória é unânime.

Alguns artistas são relegados a um plano menor só por serem acessíveis. Como se o fato de ser ininteligível fosse sinal de qualidade e grandeza. Cecília Meireles, por exemplo, é uma poeta enorme, mas por ter ganho uma aura, digamos, “escolar”, por ser aceita, lida e “entendida”, sempre foi posta num patamar inferior pelos “entendidos”. Já Clarice Lispector, outra escritora imensa, tem aura misteriosa, profunda e filosófica, quase maldita, inalcançável. Mas não quero correr o risco de ser raso. Obviamente a escrita de Clarice é mais enigmática e cheia de signos e subtextos que a de Cecília, muito mais simples e despojada (ainda que

igualmente rica). Mas os lugares que ambas ocupam num suposto *ranking* literário é emblemático disso que explanei acima. Quanto mais difícil, mais maldito. Quanto mais maldito, mais dotado de verniz estético. Quanto mais inteligível, menor.

Agora, redescoberta (e desvirtuada) pelas redes sociais, campeã de textos *fake* no “Face”, Clarice passou de hermética a simplória, rainha da autoajuda, emissária do sentimentalismo mais rasteiro, sacerdotisa do óbvio. É, este mundo é mesmo cheio de ironias.

AGOSTO DE 2012

Apontamentos sobre a Morte

1.

Aos 26 anos, tive um forte flerte com a morte. Desejava, na mesma medida em que temia, morrer antes dos 30, ao modo dos poetas românticos e desregrados ou dos *rock stars* que eu tanto admirava no início da vida adulta. Bem, está claro que não consegui meu intento, como podem atestar sem muito esforço meus leitores, amigos, inimigos e desafetos. Havia outra razão que estimulava meu mórbido projeto: a perda trágica de uma pessoa ainda jovem e muito querida, fato que me deixou catatônico por alguns meses.

Embora não tenha hoje um medo exasperado da morte (a não ser quando entro em aviões, coisa que faço quase com a mesma frequência de um comissário de bordo), tampouco alimento a atração funérea e secreta dos 26 anos – e enquanto escrevo isto, impossível não lembrar de *A Lira dos Vinte Anos*, do poeta Álvares de Azevedo, morto antes mesmo de completar 21 anos. Falo do assunto com naturalidade, mesmo sabendo o quanto isso choca a maior parte das pessoas, que prefere esquecer o desfecho do livro e se concentrar na narrativa de intrigas, romances, medo, torpeza e dor.

O fato é que sobrevivi à fantasia romântica de morrer jovem. Morrer é misterioso, escuro, imponderável. E como não creio no mito cristão da vida eterna, não sinto o mesmo conforto de um crente, de alguém que acha (ou sabe, pois os crentes têm certezas que um descrente não tem) que adentrará o paraíso com pompa e festa e banda de anjos com clarins. Gosto de viver e pretendo lutar, se preciso até a morte (ops!), para prorrogar

minha vida até a velhice, com força, vigor e saúde suficientes para dar bengaladas no primeiro hipócrita politicamente correto que a mim se referir como um ser da “terceira idade” ou, pior, “melhor idade”.

2.

Se meus ídolos de juventude morriam com 20 e poucos anos, causando grande consternação popular, o que dizer dos adolescentes que hoje se matam aos 15, 17, 19 anos? Sintoma de um tempo doente e pleno de solidão, apesar da ilusão de “compartilhamento” que a internet traz.

Amanda Todd, jovem canadense de 15 anos, suicidou-se após ser vítima de um *cyberbullying*, ou seja, um *bullying* virtual, levado a cabo através da net. A razão é a mais insólita possível. Depois de despir os seios a um *voyeur* em sua *webcam* num *chat* de bate-papos, teve as imagens espalhadas pela rede, foi espancada na escola e linchada moralmente por mensagens no Facebook. Várias tentativas frustradas de suicídio depois, deu um fim à vida enforcando-se no último 10 de outubro, na casa em que morava com a mãe. Antes de morrer, a menina Amanda postou vários vídeos no YouTube, com mensagens que eram silenciosos pedidos de socorro. Digo silenciosos porque os vídeos de Amanda não tinham texto, apenas mostravam cartazes escritos a mão, como no antológico clipe de *Subterranean Homesick Blues*, de Bob Dylan, em que o mito *pop* desfraldava versos da canção dispostos em vários pequenos pôsteres, que se sucediam em simultâneo com a música.

O drama da adolescente canadense não é um caso isolado. A “moda” dos cartazes é hoje um pequeno fenômeno na internet. São confissões, autoimolações verbais e relatos dolorosos dos medos e traumas da idade, que carregam títulos como *Confession Cards* ou *My Story* e que circulam às centenas hoje na rede. São filmes amadores com canções *pop* sentimentais como trilha e textos reveladores – há desde meninas que

contam como foram molestadas na infância até garotos que se descobrem homossexuais e não sabem como lidar com a questão sozinhos.

“Parece que estou vivendo um pesadelo, mas não consigo acordar” – postou Olivia Penpraze, australiana de 19 anos que se suicidou em abril deste ano, depois de anos de perseguição dos colegas, que lhe causaram anorexia, depressão e psicose. Campanhas *antibullying* começam a ganhar força nas redes sociais, as mesmas redes onde se vê, com requintes de crueldade, o *cyberbullying* ganhando força, levando jovens instáveis e solitários ao pânico e à solidão da morte – sim, pois, como dizia Nelson Rodrigues, “não há maior solidão que a de um morto”.

Pior de tudo é imaginar um outro adolescente usuário da net postando, ao fim de matéria sobre a morte de Amanda ou Olivia: “Curti!”.

OUTUBRO DE 2012

O Cinéfilo

Encontrei Chabrol na fila do supermercado. Na fila do supermercado? Que surpresa! Se fosse na fila do cinema, vá lá.

– E aí, Chabrol? Como vai?

– Ô, rapaz, quanto tempo!

Conhecia-o desde os tempos da faculdade. Seu nome era Cláudio, mas acostumamos a chamá-lo de Chabrol por causa de sua rala e presunçosa “erudição” de cinéfilo. Leitor tanto assíduo quanto raso de *Cahiers du Cinéma*, que ele lia na versão traduzida (seu francês era sofrível), ele destacava os trechos que julgava mais interessantes para, à noite, no encontro com os amigos no bar, arrotar toda a sua “bagagem” cinematográfica.

– E aí? Tem ido ao cinema?

Essa pergunta podia tardar, mas não falhava. Era o gatilho para Chabrol disparar suas teses suspeitas e opiniões formadas sobre a sétima arte.

– Cara, vi um filme fabuloso, o novo do Tarantino.

– *Django Livre*?

– Isso. Um primor, rapaz, um primor! Viu?

– Só o *trailer*, mas é como se já tivesse visto, pois cada amigo que encontro me conta um pedaço do filme.

– Pois vá ver, é uma obra-prima!

– É?

– Sabe, eu achava aquela estética do Tarantino pura violência gratuita...

– E não acha mais?

- Não. Achei que agora ele acertou no plástico, sabe?
 - No plástico? Mas não é numas latas que o Django atira?
 - Não, rapaz. Falo na plasticidade. A violência dele é plástica.
 - Ah!...
 - Veja: Scorsese também é violento, mas nunca gostei de Scorsese.
 - Nem de *Taxi Driver*?
 - Ah, gosto porque é um clássico, mas... na verdade... não, não gosto.
 - Humm! Acho que entendi.
 - O genial é que é tudo paródico, sabe? Uma paródia e ao mesmo tempo uma homenagem ao cinema, entende?
 - Acho que sim.
 - Provoquei, para ver até onde iria sua cultura de caderno de cultura:
 - Gostou da música do Mancini?
 - Um primor, rapaz, um primor!
 - Mas, espera... Acho que a música é do Morricone, não?
 - Isso, isso mesmo – falou meio sem jeito.
 - Demais também a participação do Franco Dani, o ator que fez o Django no original italiano, não?
 - Pô, que sacada! Não falei? Gênio! Gênio!
 - É, mas espera... Era Franco Nero o nome do ator. Franco Dani era ator de fotonovelas italianas, se não me engano...
 - Putz, é mesmo!... Hoje tô meio desligado, dormi pouco, sabe? – disse quase se desculpando por seus “deslizes”.
 - Sei.
 - Olha, tenho que ir. Foi um prazer te rever.
 - Também. Prazer te ver e conversar sobre nosso assunto predileto.
- Até!
- Tchau!

Já recolhendo seu carrinho de compras quase cheio, do outro lado do caixa, Chabrol ainda gritou:

- Ei, como você sabe tudo isso do filme se ainda nem viu?
- Ora, Chabrol... E precisa?

FEVEREIRO DE 2013

O Mundo Mudou

O mundo mudou. E não estou falando isso porque o papa Bento 16 renunciou. Nem porque o próximo papa talvez seja negro, como dizem, o que seria um claro indício de mudança nos hábitos do mundo. Nem porque o Brasil agora tem como presidente uma mulher, que insistem em chamar feiamente de “presidenta”. Não. “O mundo mudou” porque está sempre mudando. E sempre estará, até que um dia chegue o seu alardeado fim (se é que chegará).

Mas quando um homem de meia-idade (qual será a inteira?) afirma “o mundo mudou”, o que está verdadeiramente querendo dizer? Que assiste ao nascimento de uma outra era, quiçá. Que vê o mundo passando por uma transformação profunda, como há muito não se via, fazendo a distância de uma década parecer um século.

Hoje vivemos protegidos por muitos cuidados e paparicos, sempre sob a forma de “serviços”, e desde que você tenha dinheiro para usá-los, claro. Carro quebrou na marginal? Relaxe, o guincho da seguradora virá em minutos resgatá-lo. Tem dificuldade de locomoção? Espere, a empresa aérea disporá de uma cadeira de rodas para levá-lo ao terminal. Surgiu uma goteira no seu chalé em plenas férias de verão? Calma, o moço que conserta telhados está correndo para lá agora.

Vai ficando para trás um outro mundo – de iniciativas, de gestos solidários, de amizade, de improvisação (sim, “quem não improvisa se inviabiliza”, eu diria, parafraseando Chacrinha). Estamos criando uma geração que não sabe bater um prego na parede, trocar um botijão de gás,

armar uma rede. Tá, o leitor agora se pergunta do outro lado: “Quem precisa disso neste mundo cheio de confortos?”...

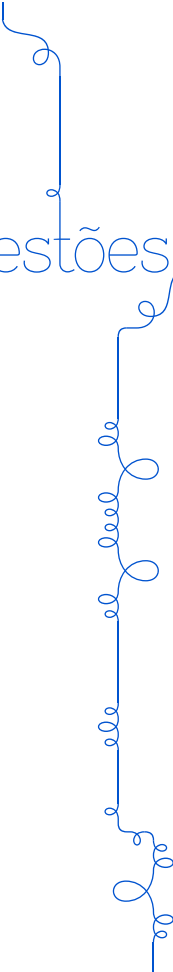
É, talvez ninguém precise de fato. Mas tenho o orgulho e a vaidade bestas de ter em meu “currículo” a habilidade de fazer “boca de lobo”, por exemplo. Explico: quando a rede – rede de dormir, aquela que o pensador italiano Domenico de Masi considera a maior invenção humana – é longa demais, mais longa que o espaço reservado para armá-la, então damos um nó engenhoso que faz com que o punho da rede diminua, fazendo-a caber naquele espaço.

Parece ser de uma inutilidade sem fim estar aqui falando de redes e improvisações e imaginando um amigo indo ao encontro do outro para resgatá-lo no trânsito engarrafado do fim da tarde... Mas, se o homem contemporâneo estivesse tão plenamente realizado com seu modo de viver urbano e confortável, não viveria sonhando com a paz de cabanas e chalés, com férias perfeitas perto do mar azul de Alagoas, onde poderia ver tv a cabo mas sem sair da rede (a de dormir, não a internet); nem viveria maldizendo os prestadores de serviços que lhe impõem castigos e humilhações toda vez que atrasam a entrega ou adiam infinitas vezes a colocação da cortina da sala.

É, o mundo mudou sim. E não adianta dirigir nossas lamúrias a Deus, ocupado demais com as muitas goteiras do mundo e as dezenas de motoboys atropelados na Avenida Rebouças. Só nos resta o telefone do SAC, onde gastaremos nossa bÍlis com impropérios ao vento; ou o site da loja de eletrodomésticos onde ninguém tem nome (que saudade dos Reginaldos, Edmilsons e Velosos!). Ligaremos para falar com a nossa própria solidão, a nossa dependência do mundo dos serviços e a nossa incapacidade de viver com real simplicidade, soterrados por senhas, protocolos e pendências vãs. Nem Kafka poderia sonhar com tal mundo.

P.S.: Me despeço por ora desta coluna, com um agradecimento caloroso e sincero a toda a equipe da revista, aos leitores, entusiastas e detratores. Ainda me constranjo quando ouço me chamarem de “escritor”, alcunha que Machado de Assis, Luis Fernando Verissimo, Ruy Castro e Mario Vargas Llosa, por exemplo, podem carregar sem nenhum prurido. Não eu. De todo modo, reconheço ter me tornado um “escrevinhador” melhor nestes cinco anos como um dos titulares desta página. Até por isso... Até breve, quem sabe!

ABRIL DE 2013



Questões Musicais

“Devagarinho
É que a gente chega lá
Se você não acredita
Você pode tropeçar”

MARTINHO DA VILA, EM “DEVAGAR, DEVAGARINHO”

1973 – O Ano que não Terminou (para a Música Brasileira)

“Mil novecentos e setenta e três / tanto tempo faz que ele morreu / o mundo se modificou / mas ninguém jamais o esqueceu...” Estes versos de uma antiga canção, lidos hoje, podem fazer crer que se trata de uma ode ao fantástico ano de 1973, um ano inesquecível para a discografia brasileira. Mas não, a composição de Claudio Fontana, sucesso na voz de Antonio Marcos, era de cunho religioso e fazia alusão a Cristo, *O Homem de Nazaré*.

Digo “fantástico” pois foi nesse ano que Ednardo, Teti e Rodger Rogério, autointitulados *O Pessoal do Ceará*, lançaram *Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem*, um disco seminal para a geração nordestina que abalaria as estruturas musicais da década. Tal como o primeiro disco de Fagner, *Manera Frufru Manera*, lp primoroso que inaugurava um novo som, climático e agreste.

Nesse ano ainda foram lançados outros discos que virariam clássicos: *Pérola Negra*, de Luiz Melodia, e *Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua*, de Sergio Sampaio, ambos “com seus *blues* de brasileiro, cheios de samba-canção”; *Krig-Ha Bandolo*, de Raul Seixas, antológico tratado *rock’n’roll* do baiano fã de Elvis e Gonzaga; *Secos & Molhados*, do grupo homônimo, outra pérola, e *Ou Não*, do experimentador paulistano Walter Franco.

Artistas surgidos na década anterior, como Milton, Caetano, Gil e Chico, também mandariam seus petardos – *Milagre dos Peixes* (lindo!), *Araçá Azul* (pirado!), *Cidade do Salvador* (só lançado no ano seguinte, mas gerado em 73) e *Calabar*, este com as parcerias censuradas de Chico e

Ruy Guerra, trilha da peça de mesmo nome. Diz a lenda que o disco se chamaria *Chico Canta Calabar*, mas foi vetado por aludir supostamente ao CCC (Comando de Caça aos Comunistas). Claro que há outros anos fundadores e essenciais para nossa música, mas desconfio que igual a esse, jamais.

Links Sugeridos

ednardo e o pessoal do ceará – “ingazeiras”

youtu.be/XJXuPSSEpL8

luiz melodia – “estácio, eu e você”

youtu.be/eUfyAWSkTGE

secos & molhados – “o patrão nosso de cada dia”

youtu.be/7nEf7qDskUc

sergio sampaio – “leros, leros e boleros”

youtu.be/qQpq9PBChxk

walter franco – “cabeça”

youtu.be/ETimzY-nUp0

AGOSTO DE 2013

As Canções Envelhecem?

Diz belo verso de Márcio Borges que “sonhos não envelhecem” (em *Clube da Esquina nº 2*, parceria com Lô Borges e Milton Nascimento). E as canções? Envelhecem?

Há canções que ficam naturalmente datadas, seja pelo tema da letra, pela estrutura harmônica ou por fatores outros, imponderáveis. E há canções que permanecem sempre frescas, passem dez ou cem anos (um mistério apaixonante do universo apaixonante das canções, sem dúvida).

Mas eu quero falar de uma categoria de canção específica: aquela que parece datada ou morta, mas que, quando você a ouve num novo contexto ou revitalizada por um intérprete muito capaz, ganha novo frescor. Como não saberia dizer se há muitas canções que se encaixem nessa “categoria”, vou falar de uma especialmente.

É *Disparada*, a clássica canção de Théo de Barros e Geraldo Vandré. A interpretação magistral de Jair Rodrigues, que fez o público vibrar no Festival da Record de 66, ecoa em nossas cabeças quase como um *jingle* de tão familiar (a canção dividiu o primeiro lugar do festival com *A Banda*, não custa lembrar). Há algo de profundamente sessentista na canção: a atmosfera sertaneja – algo glauberiana –, a letra de caráter contestador, tão em voga naquele momento, e o próprio canto inflamado de Jair a colocam num lugar único no panteão das canções brasileiras, honroso, claro, mas um lugar também congelado pelo tempo, como se ela não fizesse mais sentido nos dias de hoje.

Recentemente ouvi duas novas versões para essa música, ambas ao vivo. Primeiro ouvi Margareth Menezes cantando-a acompanhada do

violão de Diego Figueiredo, num *show* em que ela cantava de tudo, de Vandr  a Jobim, mostrando a sua grande (e ainda mal entendida) versatilidade como cantora. Sua interpretação vinha num crescendo radical e emocionado até explodir em toda a sua intensidade no final. “*Eureka!*”, eu me disse. “Agora ‘entendi’ a música de fato.” Foi como se eu tivesse “lido” corretamente a música pela primeira vez (se á que se pode “ler” uma canção). Depois vi Zizi Possi cantando-a muito elegantemente, mas também com toda fôrça e coração que a canção exige. Novo alumbramento – que canção lírica e linda e intensa e brilhante e... atual.

Links Sugeridos

milton nascimento e lô borges – “clube da esquina nº 2”

youtu.be/-83HCiIbrfWU

jair rodrigues – “disparada”

youtu.be/82dRs2z6iQs

margareth menezes e diego figueiredo – “disparada”

youtu.be/jJFdrH7SHrl

zizi possi – “disparada”

youtu.be/mCSZbP81rs0

AGOSTO DE 2013

O Gênero Brega

Odair José, cujo último disco (último mesmo, segundo o próprio!) eu tive a honra e o prazer de produzir, costuma disparar frases geniais do alto de sua sabedoria de gente do povo. Frases como “brega não é gênero, nunca foi”. Apesar da minha admiração por sua incrível argúcia, neste caso sou obrigado a discordar do amigo poeta.

Para além de sua função de adjetivo que nomeia tudo o que é cafona, *kitsch* ou piegas, acho que brega é gênero sim, mas não um gênero no qual a obra de Odair se enquadre por exemplo. Afinal, este goiano de Morrinhos está mais para um autor de *folk-rock* caboclo, espécie de Willie Nelson, ou quem sabe um Johnny Cash (por que não?) do cerrado, guardadas as devidas proporções. Nem Waldick, mestre bolerista, estaria aqui enquadrado – embora ele deva ser a grande matriz disto que seria o “gênero brega” segundo minha teoria de botequim. Tampouco Fernando Mendes, com seus beguines interioranos, de caráter ora social, ora romântico. Nem Márcio Greyck, baladista primoroso, ou Gilliard, modinheiro dos bons. Nem Nilton César, nem Jerry Adriani, nem Paulo Sérgio, nem Agnaldo Timóteo, todos herdeiros do legado musical da Jovem Guarda.

Refiro-me a uma música que é mistura disso tudo acima citado e que ainda leva em sua receita uma dose de Caribe e muito de Nordeste, quase um gênero nordestino. Uma música um tanto “lupicínica”, cujo tema obsessivo é o amor e suas tormentas – traições, abandono, fugas, casamentos interesseiros, prostituição, porres apaixonados e ressacas

idem. Uma música feita por homens do povo para homens do povo, subcultural até a medula (e em toda a sua glória).

Na linha de frente deste “gênero”, pode-se colocar nomes como Carlos Alexandre (dos *megahits* *Feiticeira* e *A Ciganinha*); o genial Genival Santos, que tem entre seus sucessos a divertida *Flagra*; Carlos André (“eu hoje quebro esta mesa, se meu amor não chegar...”); José Ribeiro (“tens a beleza da rosa, uma das flores mais formosas...”); Maurício Reis, autoproclamado “o poeta do cravo branco”, dono do clássico *Verônica*; e mais Balthazar, Evaldo Freire, Adelino Nascimento, Bartô Galeno etc. (a lista é sem fim).

Mais da tese: o gênero ainda teria gerado um subgênero, o “brega *dance*”, de pegada mais dançante, com temperos do Pará e do Maranhão e até pitadas de *disco music*, cujos arautos são Alípio Martins, Carlos Santos, Raimundo Soldado, José Orlando, Betto Douglas e Beto Barbosa, dentre outros tantos. O som desses caras viria a desembocar na lambada no fim dos anos 80, gerando uma febre cujo maior emblema foi o grupo Kaoma, com seu arrasa-quarteirão *Chorando se Foi*, versão de uma música lançada originalmente pelo grupo boliviano Los Kjarkas. Mas aí já é outro assunto.

Links Sugeridos

genival santos – “eu lhe peguei no flagra”

youtu.be/64R_Z8O9iFQ

maurício reis – “verônica”

youtu.be/TPOEU_2QT48

alípio martins – “onde andará você”

youtu.be/nOx8Un3PIro

betto douglas – “lambada do galo gago”

youtu.be/wmfW5pJqGQg

raimundo soldado – “você gosta de mim”

youtu.be/d0LQ3QOQuyo

AGOSTO DE 2013

O *Marketing* dos Movimentos

Quando conheci Chico César, no começo dos anos 90 em São Paulo, nos divertíamos dizendo aos amigos que iríamos criar um “movimento”, que se chamaria “Decadentismo” ou “Retropicalismo”. Óbvio que isso nunca aconteceu. Nem poderia. Tínhamos (e temos) ambos espíritos muito livres e independentes, indomáveis demais para seguir a “cartilha” de um movimento, ainda que fosse contestador, rebelde e explosivo (como todos ambicionam ser, aliás).

A blague era uma clara alusão ao que há de marqueteiro em todo movimento cultural. Engana-se quem pensar que os movimentos são puro eco dos berros das ruas ou academias. Não. Há muito de cálculo e desejo de ocupação de espaços em todo e qualquer movimento, seja a Semana de Arte Moderna, a Nouvelle Vague, o Tropicalismo, o Dogma ou o Mangue Beat. Ingênuo aquele que pensar que o desejo de “ruptura” embutido em todo movimento é o único combustível dos indivíduos que se agrupam em nome da criação de novos parâmetros estéticos (e comerciais).

Se depois da eclosão do Tropicalismo, seus cabeças não tivessem sido bancados pela indústria e eles não tivessem gravado seus primeiros discos, toda aquela geleia geral teria caído no vazio. Se o mercado fonográfico não comprasse a ideia do Mangue Beat, aquela cena toda seria hoje só um maracatu elétrico ecoando ao longe. Lembro-me de um conceituado jornalista cultural ter escrito, num dos mais importantes jornais do país, meses antes de o disco *Da Lama ao Caos* (Chico Science e Nação Zumbi – Sony Music, 2004) ser lançado, uma matéria tão elogiosa quanto suspeita. Matéria comprada? Vaidade por ser o anunciador da nova cena? Simpatia

ideológica apenas? Desejo de ruptura no coração da mídia impressa?
Nunca saberemos. Como nunca saberemos se o homem pisou de fato na
Lua ou se aquela bandeira fincada no solo lunar era mera ficção.

Links Sugeridos

gilberto gil e os mutantes – “domingo no parque”

youtu.be/Zbv3M-AdxC0

caetano veloso e beat boys – “alegria, alegria”

youtu.be/4tzSETbQcJk

chico science e nação zumbi – “da lama ao caos”

youtu.be/W6yCx_42Icc

AGOSTO DE 2013

Mulheres Autoras

Foi Chiquinha Gonzaga quem puxou o abre-alas da linhagem de mulheres compositoras, no já longínquo século 19. Um hiato de pelo menos meio século a separaria de Dolores Duran e Maysa, compositoras maiúsculas surgidas na década de 50 do século passado (não me recordo de outro nome de relevância nesse período, a não ser a minha conterrânea Dilu Melo, que, apesar de talentosa e dona de clássicos como *Fiz a Cama na Varanda* e *Maravia*, nunca teve o mesmo reconhecimento das primeiras).

Joyce começaria a carreira nos anos 60, embora só fosse ter sua verve feminina notada de fato algumas décadas depois. Rita Lee, mesmo diluída entre Os Mutantes, também nos anos 60 já mostrava suas garras de boa melodista e poeta debochada, feito que ela reiterou nas décadas seguintes, em voo solo ou em parcerias inspiradas com Luiz Sergio Carlini, Paulo Coelho ou Roberto de Carvalho, o mais constante e longo parceiro. Luli e Lucina também formaram dupla pioneira, com seu *pop* megabrasileiro, de raízes fincadas no universo caipira e também nos batuques afros e similares. Enquanto isso, Ivone Lara e Leci Brandão arrombavam a porta do “clube do bolinha” do samba. E Vanusa, aqui e ali, lançava torpedos de viés feminista e libertário, como *Mudanças* e *Manhãs de setembro*.

Parceira do mestre Dominginhos, Anastácia escreveu clássicos definitivos como *Tenho Sede*, *Só Quero um Xodó* e *Contrato de Separação*. Sueli Costa é outra grande criadora, que, em parcerias com Abel Silva, Cacaso, Tite de Lemos e outros poetas, cravou obras-primas como *Jura Secreta*, *Dentro de Mim Mora um Anjo* e *Medo de Amar nº 2*.

Às portas dos anos 80, Fátima Guedes surgiria com suas harmonias sofisticadas e letras de apelo social e/ou romântico, e Marina Lima despontaria com uma música muito pessoal, tanto quanto seu jeito anasalado, *sexy* e quase falado de cantar. À mesma época, Cátia de França mandava da Paraíba as ondas de um som nordestino-psicodélico, suingado e moderno, enquanto Angela Ro Ro já chegou bagunçando o coreto com sua mescla de *blues*, *rock* e canção brasileira, imprimindo sua pegada *hardcore*, na obra como na vida. Do Centro-Oeste viria o sotaque pantaneiro das irmãs Espíndola – primeiro Tetê, depois Alzira (egressas do grupo Lírio Selvagem), ambas com vozes personalíssimas, como cantoras, mas como autoras também. Merecem menção também Sandra de Sá e Joanna, que com o tempo se tornariam mais intérpretes que compositoras.

A estrada estava já pavimentada e até os anos 90 muitas mulheres por ela desfilariam (mesmo que algumas fossem autoras apenas bissextas): Adriana Calcanhotto, Dulce Quental, Paula Toller, Marisa Monte, Laura Finocchiaro, Zélia Duncan, Suely Mesquita, Arícia Mess, Mathilda Kóvak, Fernanda Abreu, Fernanda Takai e Rosa Passos (que, apesar de ter lançado seu primeiro disco ainda nos anos 70, só veio a ganhar alguma notoriedade bastante tempo depois). Agora havia uma porta escancarada, que desenharia uma nova cena, desde o fim dos 90, e que só avançaria anos 2000 afora: mulheres compositoras já não eram minoria e disputariam espaço com os homens pau a pau (em alguns casos literalmente) – Ana Carolina, Vanessa da Mata, Isabella Taviani, Simone Guimarães, Céu, Blubell, Mallu Magalhães, Ana Cañas, Tulipa Ruiz, Pitty, Anelis Assumpção, Tiê, Maria Gadú...

Hoje pode-se dizer que há uma “música feminina” de fato, feita por e para mulheres, com uma abordagem que um homem compositor jamais poderia ter, mesmo que fosse um sensível inveterado e observador

perspicaz. Dos nomes surgidos nas últimas levas, destaco Vanessa Bumagny, Andreia Dias, Nô Stopa e Mylene Areal.

Links Sugeridos

chiquinha gonzaga – “ô, abre alas”

youtu.be/4CTVXdcGyUU

dolores duran – “por causa de você”

youtu.be/Nui89JkwwCw

vanusa – “manhãs de setembro”

youtu.be/SB6Q1XNsBvE

angela ro-ro – “amor, meu grande amor”

youtu.be/HNeoAobIjJI

tetê e o lírio selvagem – “bem-te-vi”

youtu.be/h1LLMxJyna8

blubell – “diva é uma ova”

youtu.be/BE0qcXwhbng

SETEMBRO DE 2013

Futebol e Música 1

O Brasil é o país do futebol, dizem entendidos e comerciais de cerveja. E da música também. E de mil mazelas que nos assombram desde o começo dos tempos. Mas vamos nos concentrar nos dois assuntos iniciais, afinal, como diz a velha canção, “são coisas nossas”, muito nossas.

Sempre achei curioso que, no “país do futebol”, haja tão poucas canções que falem no tema. Digo “poucas” em proporção à importância do assunto, afinal não são tão poucas assim. Só Jorge Benjor, ex-Jorge Ben, que chegou a jogar na base do Flamengo na adolescência, é responsável por mais da metade desse repertório – *Fio Maravilha*, *Umbabaraúma*, *Zagueiro*, *Camisa 10 da Gávea* e *Eu Vou lhe Avisar* são algumas de suas canções/alusões ao esporte bretão.

Mas há outros craques da música que também deixaram sua marca no nosso cancioneiro boleiro. Luiz Américo, santista ferrenho, foi responsável por um dos maiores sucessos de “música de futebol” de todos os tempos, *Camisa 10*, do indefectível refrão: “É camisa 10 na seleção, laiá laiá laiá”. A música, lançada às vésperas da Copa de 74, era uma divertida crítica à duvidosa escalação daquela Seleção. Todo o Brasil cantou: “Desculpe, seu Zagalo, mexe nesse time que está muito fraco...”. Embora Américo tenha imortalizado a canção, ela é de autoria de Luiz Vagner e Hélio Matheus, outros dois craques compositores.

Antes, Jackson do Pandeiro já havia cantado “esse jogo não pode ser um a um, se meu time perder tem zunzunzum”, em *Um a Um*, de Edgar Ferreira. Jackson também foi porta-voz do *Frevo do Bi*, que celebrava a conquista da Seleção de 62. Bela música! Mas nada que se compare à

força de *Pra Frente, Brasil*, do multi-homem Miguel Gustavo, publicitário e autor de alguns sambas de breque impagáveis gravados por Moreira da Silva, o grande Moringueira. “Noventa milhões em ação, pra frente, Brasil, no meu coração”. A música, gravada por Os Incríveis, infelizmente ficou pra sempre tida como propaganda da ditadura militar, o que prejudicou sua justa avaliação, pois é, em minha opinião, o maior “hino de futebol” de todos os tempos. E por falar em hino, impossível não mencionar Lamartine Babo e Lupicínio Rodrigues. O primeiro compôs os hinos de todos os grandes clubes do Rio, e o segundo fez o hino do seu Grêmio de Porto Alegre. Todos gols de placa.

Não posso esquecer de me referir a *A Taça do Mundo É Nossa* (“com o brasileiro, não há quem possa”), feita especialmente para a Copa de 58, que deu o primeiro campeonato ao Brasil na Suécia. A composição, obra de Wagner Maugeri, Maugeri Sobrinho, Lauro Muller e Victor Dagô, quatro publicitários-compositores, até hoje é cantada em vésperas de Copas. Os irmãos Maugeri também são os autores do hino popular do Santos Futebol Clube (*Leão do Mar*), tão conhecido e cantado pela torcida quanto o hino oficial do clube.

Links Sugeridos

jorge ben – “umbabaraúma”

youtu.be/lp9uZKy6H7Y

luiz américo – “camisa 10”

youtu.be/9UyObhycMEM

jackson do pandeiro – “frevo do bi”

youtu.be/uwXcjIQcRbg

coral de joab – “pra frente, brasil”

youtu.be/qsUvFHCT4pQ

SETEMBRO DE 2013

Futebol e Música 2

Mais trovadores cantaram a nossa “pátria de chuteiras”. Luiz Ayrão (“dá-lhe, dá-lhe bola, meu canarinho vai deixar a gaiola”) e Moraes Moreira (“tá lá, tá lá, tá lá, tá no filó, tá na filosofia, quem sabe sabe o craque brasileiro tem sabedoria”) compuseram hinos de incentivo à Seleção Brasileira de 82. Antes, bem antes, o Trio Esperança havia gravado a curiosa *Replay* (“é gol, que felicidade... o meu time é a alegria da cidade”) –, cujo refrão se tornaria prefixo de vários programas esportivos de rádio.

Moacyr Franco fez a tocante *Balada nº 7* para o craque Garrincha, quando este abandonou melancolicamente os gramados. *Na Cadência do Samba* foi um grande sucesso de Ataulfo Alves e nada tinha a ver com futebol. Mas é também o título original de uma canção de Luís Bandeira, mais conhecida como *Que Bonito É*, verso inicial do samba que depois viria a ser prefixo do cinejornal *Canal 100* e viraria item obrigatório em qualquer evento futebolístico. Hoje, é *Uma Partida de Futebol*, parceria de Nando Reis com Samuel Rosa, sucesso com o Skank, o hino do momento, que toca em todos os estádios, entrega de prêmios e festas boleiras.

Sem medo de parecer cabotino, sou obrigado a citar *Canhoteiro*, música que compus a oito mãos – com Fagner, Fausto Nilo e Celso Borges – em homenagem ao ponta-esquerda maranhense, revelado no América do Ceará, que se tornaria ídolo do São Paulo entre os anos 50 e 60. Craque driblador, arisco e boêmio, Canhoteiro tem entre seus muitos fãs Chico Buarque, autor de *O Futebol*, resenha filosófica sobre o ludopédio, em que o compositor cria a linha de ataque (e a troca de passes) dos sonhos –

“para Mané, para Didi, para Mané, Mané para Didi, para Mané, para Didi, para Pagão, para Pelé... e Canhotoiro”.

Jogadores de futebol também se lançaram na música – Pelé teve músicas gravadas por Sérgio Mendes, Moacyr Franco, Jair Rodrigues e Elis Regina. O saudoso doutor Sócrates gravou, em 1980, um lp com clássicos da música caipira, como *Chuí, Chuá* e *Casa de Caboclo*, além de uma inesperada versão para *Peguei um Ita no Norte*, de Dorival Caymmi, homenagem à sua origem paraense. Às portas da Copa de 82, Zico, estrela maior daquela Seleção, gravaria um compacto em dueto com seu compadre Fagner, com *Batuquê de Praia* e *Cantos do Rio*, ambas de autoria de Petrúcio Maia. E Júnior, lateral-esquerdo do Flamengo e da mesma Seleção, entoou o samba *Povo Feliz* (“voa, canarinho, voa, faz lá na Espanha o que já sei”), um *superhit* que ultrapassou a marca de 600 mil cópias vendidas, um fenômeno do mercado de discos da época – e de todas as épocas.

Links Sugeridos

luiz ayrão – “meu canarinho”

youtu.be/h3P96j5yRPs

waldir calmon e orquestra – “na cadência do samba”

youtu.be/IZRI9zgGX_s

pelé e sérgio mendes – “meu mundo é uma bola”

youtu.be/e1H4Ccs5aXY

sócrates – “casa de caboclo”

youtu.be/tf8Xrd7pBuU

júnior – “povo feliz (voa, canarinho, voa)”

youtu.be/KSTWYajMGMc

SETEMBRO DE 2013

Versão Brasileira 1

Versões são um capítulo à parte da música brasileira. Nossos compositores e letristas já verteram músicas de quase todos os idiomas, incluindo o obscuro romeno, caso de *Festa no Apê*, originalmente um “bundalelê” oriundo do país do Conde Drácula, tornado *megahit* na voz do cantor Latino (simpática ironia, já que o romeno é uma das várias línguas originárias do latim).

Mas quero falar de grandes versões e de alguns casos em que a versão se iguala ou até mesmo supera o original – sim, são raros os casos, mas que há, há. Versões como as maravilhosas *Luzes da Ribalta* e *Sorri*, feitas pelo gênio Braguinha, vulgo João de Barro, para as clássicas *Limelight* e *Smile*, do multiartista (e exímio compositor) Charles Chaplin.

Caso bem curioso é o de *Fascinação*, originalmente uma canção francesa, de autoria de F. Marchetti e Maurice de Feraudy, vertida para o inglês depois de longo anonimato (consta que foi composta nos primeiros anos do século 20). Depois, o brasileiro Armando Louzada acertaria em cheio ao criar, a partir da versão inglesa, os versos: “Os sonhos mais lindos sonhei / de quimeras mil um castelo ergui...”). Gravada na década de 40 por Carlos Galhardo, a canção viraria um sucesso de todos os tempos, regravação mil e uma vezes, por Elis Regina, Nana Caymmi, José Augusto e dezenas de vozes de gerações e estilos diferentes.

Em 41, Francisco Alves lançaria *Perfídia*, versão do homônimo bolero do mexicano Alberto Domínguez, feita por ninguém menos que... Lamartine Babo. O sucesso da música (e de outros boleros tantos) geraria uma febre de versões de boleros e similares, que duraria até a década

seguinte. *O Relógio, Noite de Ronda, Foi Somente uma Vez e Beija-me Muito* são algumas das inúmeras versões feitas na mesma época por nomes que iam desde o famoso compositor e jornalista David Nasser até a pouco conhecida Nely Pinto – em alguns destes casos a versão brasileira não superou o sucesso das originais, e os canários tupiniquins seguiram cantando, em às vezes duvidoso castelhano, “besame, besame mucho, como si fuera esta noche la última vez” ou “solamente una vez, amé en la vida”.

José Fortuna é um paulista de Itápolis, que tem no currículo versões várias, de boleros inclusive. Mas foi sua versão para *Índia*, na década de 50, sucesso com a dupla Cascatinha e Inhana, que fez surgir outra pequena febre musical, a das guarânias paraguaias, gênero cujo maior nome foi José Assunción Flores, um dos autores da referida canção.

Lejanía, cá entre nós mais conhecida como *Meu Primeiro Amor*, foi outro golaço de Fortuna, em cujo patrimônio criativo constam ainda versões como *Anahí, Pombinha Branca e A Andorinha*, todas sucessos eternos, com intérpretes que vão de Trio Irakitan a Gal Costa, passando por Chitãozinho e Xororó, Nara Leão, Angela Maria, Irmãs Galvão, Caetano Veloso, Maria Bethania, Tetê Espíndola e Alzira E.

O assunto não se esgota aqui. Continua no próximo capítulo.

Links Sugeridos

djavan – “sorri”

youtu.be/UhIc-xIHLyY

elis regina – “fascinação”

youtu.be/cjNFHV2mxAg

trio irakitan – “foi somente uma vez”

youtu.be/jmT-9N1jAGo

cascatinha e inhana – “meu primeiro amor”

youtu.be/j8xjygtTq2g

gal costa – “índia”

youtu.be/izYVpP-38YU

SETEMBRO DE 2013

Versão Brasileira 2

Depois, já na infância do *rock* brasileiro, as versões quase que viram monopólio no mercado musical tupiniquim. Craques como Erasmo Carlos, Getúlio Côrtes e Fernando César (autor da versão de *Marcianita*, um dos maiores arrasa-quarteirões da Jovem Guarda), mas sobretudo Rossini Pinto e Fred Jorge, dominaram a cena entre o final dos anos 50 e os 70. O primeiro fez ousadas versões do francês, do italiano, do espanhol e do inglês, e de autores como Lennon e McCartney e Nino Rota, entre tantos – são dele *Ternura*, *Fale Baixinho*, *Mar de Rosas*, *Domingo Feliz* e mais um balaio de sucessos inquestionáveis –, e o segundo, versionista de Neil Sedaka e Paul Anka, é dono de *hits* como *Banho de Lua*, *Estúpido Cupido*, *Oh Carol* e *Diana*. Na mesma época, Brancato Jr., então empresário da banda Os Incríveis, acertou na mosca ao escrever a versão em português para a canção italiana *C’Era un Ragazzo che come me Amava i Beatles e i Rolling Stones*, de M. Luzini e F. Migliacci.

Gilberto Gil se aventurou poucas vezes, mas sempre com êxito, na difícil seara das versões. *Não Chore Mais* (*No, Woman, no Cry*) e *Só Chamei Porque te Amo* (*I Just Called to Say I Love You*) são casos exemplares de versões bem urdidas (e, no segundo caso, superior à original, na minha modesta mas vaidosa opinião). Chico Buarque também verteu com maestria canções italianas (*Gesù Bambino*, de Lucio Dalla, e as canções de *Os Saltimbancos*, do bardo Sergio Bardotti) e cubanas (*Yolanda e De Qué Callada Manera*, de Pablo Milanés).

Ronaldo Bastos é outro mestre das versões. Entre seus grandes acertos, estão *Quando te Vi*, versão para *Till There Was You*, de Meredith Wilson e

gravada pelos Beatles, e *Nada Mais*, para *Lately*, de Stevie Wonder. Bob Dylan seria um autor “difícil de verter”, segundo os entendidos, por causa da poesia densa e engenhosa de seus versos. Mas Caetano Veloso e Péricles Cavalcanti fizeram cair por terra esta máxima de botequim ao escreverem a linda *Negro Amor*, a partir de *It’s All Over Now, Baby Blue*. Dylan também ganharia versão de outro poeta messiânico como ele, o paraibano Zé Ramalho, em *Batendo na Porta do Céu*, que consegue resultado curioso ao trocar corajosamente o mítico refrão “knock knock knockin’ on heaven’s door” pelo literal “bate, bate, bate na porta do céu”.

Há dois casos dignos de nota, que se encaixam naquela categoria “versões que superam o original”: *Eu Vou Ter Sempre Você*, que Antonio Marcos escreveu a partir de *You’ll Never Know*, de M. Gordan e H. Warren, e *Bem que se Quis*, feita por Nelson Motta para *E Po’ Que Fà*, do compositor napolitano Pino Daniele.

Naturalmente, há os casos das versões infelizes ou declaradamente infames, e este assunto renderia outro longo texto. Pra não me estender demais, focarei um caso recente, a versão que Ana Carolina e Seu Jorge fizeram para a canção do irlandês Damien Rice – *The Blower’s Daughter*, trilha do filme *Closer*. Em português, o verso “and so it is” transformou-se no pra lá de coloquial “é isso aí”, e o belo refrão “I can’t take my eyes off you”, que em inglês soa lírico e ultrassonoroso, virou o inimaginável “Eu não sei parar de te olhar”.

Este meu texto tem lapsos, é óbvio. “Versões brasileiras” é um assunto que renderia uma pequena bíblia. Paro por aqui. Deixo a função para os pesquisadores de plantão.

Links Sugeridos

sergio murilo – “marcianita”

youtu.be/KrxEtqb-bHg

celly campelo – “banho de lua” / “estúpido cupido”

youtu.be/GJpCfGewtfU

gilberto gil – “só chamei porque te amo”

youtu.be/qCM0zaj_9aM

beto guedes – “quando te vi”

youtu.be/FfBZ2cEU9Ko

antonio marcos – “eu vou ter sempre você”

youtu.be/TBaDEyqcD_I

SETEMBRO DE 2013

Poetas da Canção

“Puxa, então você tem um rosto?!” A mesma blague usei quando conheci Fausto Nilo e Sérgio Natureza, em diferentes ocasiões. Eu fazia piada óbvia com o fato de os letristas de canções serem famosos porém anônimos, já que não sobem ao palco nem mostram a cara nas capas de discos. E olha que já foram até mais famosos, pois houve um tempo em que as rádios faziam questão de dizer o nome da música, do intérprete e dos autores – melodista e letrista, quando era parceria –, luxo que foi dizimado nos nossos tempos apressados, para darem lugar a cada vez mais anunciantes.

Mas vamos aos fatos, ou melhor, às letras. Há uma legião de grandes poetas devotados à canção. Uma lista que pode abranger desde Humberto Teixeira e Zé Dantas até Orestes Barbosa, Paulo Sergio Valle, Paulo César Pinheiro, Abel Silva e Aldir Blanc. Alguns dos quais nunca lançaram livros, ou nem talvez sequer tenham escrito um poema com ambições “literárias”. Poetas da canção, única e exclusivamente.

Há um conversê recorrente de que Vinicius teria sido o grande responsável por “elevar” o nível das letras de canções, ou pelo menos por chamar a atenção da alta cultura para as letras de canções. Nem de toda verdade nem de toda mentira. Marcus Vinicius de Moraes, homem culto que era poeta e diplomata bem relacionado, de fato fez uma ponte inaugural e essencial entre o beco escuro, boêmio e (ainda) malvisto da música popular e o círculo intelectual elegante dos homens de letras. Mas, antes dele, outros bardos muito bem reputados, como Manuel Bandeira – que fez canções com Heitor Villa-Lobos e Jaime Ovalle (e com este último

compôs nada menos que a obra-prima *Azulão*) – e Mário de Andrade, escritor, poeta, músico e pesquisador, que se aventurara muitos anos antes em suas missões de redescobrimento do Brasil cultural, tendo feito recolhas musicais fantásticas, como a bela moda *Viola Quebrada* (há rumores de que Mário a teria composto parodiando trechos melódicos de várias outras modas e criado nova letra para a colagem de melodias, fato que, se comprovado, faria dele um compositor à vera, ainda que paródico), já haviam chafurdado na lama lírica do cancionero popular.

Lendas à parte, fato é que a música brasileira é pródiga em poesia, talvez mais que qualquer outra – ok, os americanos têm Ira Gershwin, Cole Porter, Bob Dylan e Lou Reed; os franceses têm Serge Gainsbourg; os cubanos têm Pablo Milanés e Silvio Rodríguez; os portugueses têm Sérgio Godinho e Fausto Bordalo, e os sul-americanos têm Félix Luna e Víctor Jara, mas nada que se compare à grande plêiade musical brasuca, fabulosa e inesgotável.

Links Sugeridos

nara leão – “azulão”

youtu.be/JZAcsXx1V4Y

olívia byington e turíbio santos – “viola quebrada”

youtu.be/c52dADgtV50

OUTUBRO DE 2013

Esta Dona Prosódia

Prosódia, segundo dicionários, quer dizer: “parte da gramática normativa que trata da correta acentuação dos vocábulos e, ainda, dos fenômenos de entoação; estudo da pronúncia e acentuação correta das palavras, de acordo com a norma culta”.

Trocando em miúdos, seria a forma como as palavras são encaixadas rítmica e melodicamente num texto (ou fala), seja a frase de um romance ou o verso de um poema ou canção. Sim, há a prosódia musical, relação entre a acentuação silábica das palavras e os acentos da estrutura musical. Pois é sobre esta prosódia, a das canções, que me interessa falar aqui. Conheço compositores, alguns dos quais amigos e/ou parceiros, que têm verdadeira obsessão com a “correção” da prosódia. Eu não. Me agrada a barafunda infinita das palavras de nosso idioma pródigo e gosto de me perder em suas mil e uma possibilidades de entoação e divisão. Em meu favor, uso o argumento de que a prosódia da canção é próxima à da fala (semelhante, não igual) e, assim como esta, é imperfeita, torta e sem regras muito claras. Portanto, não acho que se possa falar em “correção” quando o assunto é língua falada, e a canção é, *grosso modo*, uma extensão da coloquialidade da fala. Poderia mesmo dizer que um dos grandes baratos da canção é poder ouvir palavras às vezes ressignificadas pelo ritmo proposto pelo compositor.

Você pode considerar “incorreto” quando ouve João Gilberto cantando “pois há milhões de abraços apertado assim, colado assim, calado assim...” (em *Chega de Saudade*, de Tom Jobim e Vinícius de Moraes). Ora, se é de abraços que ele fala, então o “correto” seria dizer “apertados” e não

“apertado”. Mas, na sua *expertise* de letrista coloquial (e cheio de pecadinhos prosódicos), Vinicius sacou que ficaria formal demais, além de “incabível” no verso. Também roubaria o efeito de ritmo e rima que se completa com a sequência “colado assim, calado assim”.

Se o sertanejo é antes de tudo um forte, como cunhou Euclides, o compositor brasileiro é antes de tudo um malandro. Malandragem foi o que fez o novo baiano Moraes Moreira acentuar sílaba em que não havia acento, em *Lá Vem o Brasil Descendo a Ladeira* – “e toda cidade que andava quieta, naquela ma-drú-ga-da acordou mais cedo”. Também o bardo Belchior subverteu a acentuação em *Divina Comédia Humana*, criando belo efeito rítmico ao cantar: “Deixando a pro-fun-dí-da-de de lado...”. Em *Kriptônia*, Zé Ramalho também abusa da “reacentuação” quando canta “um asteroide pequeno que todos chamam de Ter-rá”.

O cantor Nilton César, ídolo popular nos anos 70, cantava a plenos pulmões seu grande sucesso radiofônico: “À Índia fui em férias passear, tornar realidade um sonho meu”. Aos meus ouvidos de menino, aquilo soava como historinha infantil, do tipo: “A índia foi em férias passear...”, embora agora entenda não parecer nada razoável uma índia que se dava ao luxo burguês de passear nas férias (férias de quê, cara-pálida?). O maior sucesso do inglês carioca Ritchie foi a indefectível *Menina Veneno* (música dele em parceria com Bernardo Vilhena), que varreu as rádios brasileiras no início dos 80. Até duas semanas atrás eu cantei convictamente (eu e o Brasil inteiro) “um abajur cor de carne”, verso polêmico desde a origem, pois um abajur *cor de carne* é um tanto inimaginável, inusitado mesmo. Pois bem, fui alertado por um amigo músico: o abajur da menina veneno nunca teve a surreal cor de carne, mas sim “cor de carmim”, cantada “cor de cár-mim”, muito mais palatável e digerível, até porque carmim é cor “rodada” em canções – de bocas a

lençóis, não faltam elementos carmins no nosso cancionário. Verdade ou não, continuei a ouvir – e a cantar – “cor de carne” (só há pouco tempo conheci o Ritchie pessoalmente, e é óbvio que lhe perguntei sobre a pendenga prosódica. Ele me confirmou ser de carne o estranho abajur, para pôr definitivamente um fim na minha dúvida atroz).

“Ideologia, eu queruma pra viver.” Assim soava um dos grandes *hits* de Cazuza, já em carreira solo. Fosse ele articular cuidadosamente a frase, ela não teria o mesmo impacto e a força de refrão *rock’n’roll* que pretendia ter (e tinha). Experimente cantar “corretamente” e verá. Djavan é um dos compositores mais contestados em termos de prosódia. O que pra muitos, como eu, é sinal de genialidade e personalidade artística, para outros é mero desleixo com a língua-mãe. Acontece que a sua poesia é calcada no ritmo das palavras e este está acima de tudo em sua música. É isso que justifica certos aparentes absurdos, como “fez a via-láctea, fez os di-nos-sau-rôs” (em *Eu te Devoro*), ou “mais fácil a-prên-der japonês em braille” (em *Se*). Não à toa, suas músicas são das mais parodiadas (“aprender japonês hebraico” e “ao sair do avião, zumbi, besouro, um limão, branco é às três da manhã” são piadas usuais em rodas de músicos). Essa mesma falta de medo dos sons e das palavras, típica dos bons poetas, gerou versos primorosos como: “Marelou, candomblé, Oxum, zamburar pra tirar Egum, o que não se vê tá aí como tudo que há” (em *Luz*) ou “místico clã de sereia” (na parodiável *Açaí*).

Considero este recurso (trapacear nas acentuações silábicas em prol do ritmo ou simplesmente da magia de inventar um novo som) algo bem inteligente, embora vez ou outra possa ser só fruto de desatenção ou mesmo falta de engenho. Esses casos ficam para outra empreita.

Links Sugeridos

joão gilberto – “chega de saudade”

youtu.be/yUuJrpP0Mak

belchior – “divina comédia humana”

youtu.be/W-PdPlvyex4

ritchie – “menina veneno”

youtu.be/_Kv1EtRHDnk

cazuza – “ideologia”

youtu.be/AuZ6ubVXOoo

djavan – “luz”

youtu.be/BLHpWjqUTRQ

OUTUBRO DE 2013

Música Jovem

O mundo infantilizou-se, isso é notório. E a indústria cultural, reflexo e refletor da sociedade, adoleceu. Hoje, na cena da música *pop* internacional, por exemplo, proliferam astros *teens* às dezenas – Justin Bieber, Miley Cyrus, Demi Lovato, Bruno Mars, Selena Gomez, Colbie Caillat, Avril Lavigne etc., todos atirados bem cedo à arena do *showbiz*, alguns dos quais iniciaram a carreira ainda crianças, como o fenômeno canadense Bieber e o havaiano Mars.

Até os anos 50, música era coisa de adulto. No Brasil, a criança e o adolescente até podiam se encantar com a marchinha maliciosa ou o baião brejeiro, mas não havia uma produção dirigida a eles. Só a partir do advento do *rock'n'roll* é que começa a haver um real foco da indústria para a demanda juvenil – e infantil. Não saberia dizer com exatidão, mas penso que o primeiro artista a gravar músicas destinadas ao público mirim por estas bandas foi o pioneiro da tv George Savalla Gomes, conhecido no mundo do picadeiro como palhaço Carequinha, que começa a mandar seus primeiros recados em disco a partir de 1957. Depois, em 60, surge a famosa coleção *Disquinho*, criada pelo compositor Braguinha com adaptação de contos de fadas clássicos e histórias infantis diversas, com arranjos e orquestrações do mítico maestro Radamés Gnattali.

Com precoces 15 anos, a paulista de Taubaté Celly Campello grava em 1958 seu primeiro compacto, dividido com o irmão Tony Campello. No ano seguinte, lançaria seu maior sucesso, *Estúpido Cupido*, tornando-se a primeira grande estrela da música jovem no Brasil e abrindo portas para o movimento que mudaria definitivamente os ares da música brasileira, a

Jovem Guarda. O sucesso foi tamanho que a gravadora Continental resolveu lançar concorrente: uma menina-prodígio gaúcha, recém-chegada ao Rio, então com 16 anos. O título do disco? *Viva a Brotolândia*. O nome da moça? Elis Regina, que, depois de estrear na esteira da onda *mezzo rock*, *mezzo* calipso que começava a emplacar nos bailes e rádios do país, mudaria radicalmente de leme para se tornar uma das maiores cantoras brasileiras. A Jovem Guarda, como era de se esperar, seduziu a juventude com seus embalos, minissaias, brotos legais e carrões envenenados, embora a parte mais engajada e/ou universitária dessa juventude optasse por uma música mais culta e politizada – é quando surge a sigla MPB, clube de elite do qual a jovem Elis será uma das mais importantes e aguerridas “sócias”.

Afora os citados volumes da coleção *Disquinho*, que continuavam a ser lançados nos anos 70, e eventuais discos com cantigas de roda tradicionais, geralmente cantadas por corais, pouco ou nada era feito dirigido a crianças e adolescentes. Mas em 77 é lançado um disco que vai se tornar um marco no segmento ainda incipiente da música para crianças – *Os Saltimbancos*, trilha do musical infantil homônimo composta pelos italianos Sergio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov e vertida para o português por Chico Buarque. A história, inspirada no conto *Os Músicos de Bremen*, dos Irmãos Grimm, torna-se um grande sucesso teatral e discográfico – Miúcha, Nara Leão e MPB-4 emprestam suas vozes para os divertidos personagens da peça.

Depois, em 80, outro marco da produção musical para crianças: *A Arca de Noé*, de Vinicius de Moraes, com participação de elenco estrelado (Marina, Fagner, Milton Nascimento, Walter Franco, Moraes Moreira, Alceu Valença, Boca Livre etc.), que seria lançado poucos meses depois da morte do poeta. O disco, criado a partir de poemas lançados em livro dez

anos antes, ganhou especial da TV Globo e virou referência para toda uma geração (um ano depois sairia o volume 2).

Digníssimos de nota também são os discos com as trilhas do programa *Vila Sésamo* (composta por Marcos Valle, Paulo Sérgio Valle e Nelson Motta) e da série *Sítio do Picapau Amarelo*, com autores diversos (Gilberto Gil, Dori Caymmi, Geraldo Azevedo, Ronaldo Malta e Sergio Ricardo, entre outros), ambos lançados nos anos 70 – o primeiro no início e o segundo no fim da década.

Então começa um novo momento, no início dos 80, com o surgimento de grupos como A Turma do Balão Mágico e Trem da Alegria. E a partir de 1986 um furacão chamado Xuxa chega para varrer a cena discográfica infantil com seus *Xou da Xuxa 1*, *Xegundo Xou da Xuxa* e *Xou da Xuxa 3*, não deixando pedrinha sobre pedrinha. No seu rastro vem Angélica, mais uma apresentadora/cantora a fazer uso do *sex appeal* e da popularidade dos auditórios para emplacar canções-chicletes, como a inolvidável *Vou de Táxi*.

Em paralelo, a cena Rock Brasil se fortalece, quase como um renascimento da Jovem Guarda (parece ser mais que coincidência que o ídolo de sua geração Renato Russo tenha voz similar à de Jerry Adriani, ídolo jovem sessentista). Só que agora os temas das composições de Barão Vermelho, Lobão e os Ronaldos, Gang 90, Legião Urbana, Titãs e Ultraje a Rigor serão um pouco menos inocentes que as da turma do iê-iê-iê. “Sexo, drogas e *rock’n’roll*” será um lema legítimo para os adolescentes da “geração coca-cola”.

Links Sugeridos

carequinha – “o bom menino”

youtu.be/wgGmcqxnac

elis regina – “garoto último tipo”

youtu.be/kRFG5hq2Enw

nara leão, mpb-4 e miúcha – “a história de uma gata”

youtu.be/53D_gK90-Hc

alceu valença – “a foca”

youtu.be/rcBcKLiD95Y

turma do balão mágico e djavan – “superfantástico”

youtu.be/Pia8EBfzhF8

xuxa – “ilariê”

youtu.be/3D6ogu8NwP4

ultraje a rigor – “marylou”

youtu.be/8Qqs0eIp6Mg

OUTUBRO DE 2013

Era uma Vez uma Discoteca

Quem hoje ouve minhas canções de acento *pop* tocarem no rádio não imagina algumas de minhas preferências musicais no começo da adolescência, naquela fase em que o sujeito de certo modo forja sua persona estética (ou a forjam por ele), torne-se ele um jogador de beisebol, um ortodontista, um criador de pássaros canoros ou um músico profissional.

Como um *rapper* militante que bate no peito quando diz “sou da periferia”, também digo. Sou da periferia. Da periferia do Brasil, do estado do Maranhão. Vivi em São Luís dos 8 aos 19 anos, então caí no mundo e depois voltei para viver mais alguns anos da vida adulta lá (tempos de sexo, drogas, bumba meu boi e *reggae*) até sair de novo e de vez aos 25, para tocar a vida – literalmente.

Nesse largo e prolífico tempo em que lá vivi, compus muitas canções (desde os 14 componho) e comprei – e fiz escambos e o escambau para obter – discos de toda natureza. Tínhamos (eu e minha turma de amigos, alguns aspirantes a músicos e compositores, como eu, outros poetas e protointelectuais e outros ainda consumidores de arte e incentivadores apenas) uma curiosidade sem fim, o que nos fez acumular uma bagagem cultural – e musical especialmente – que seria inimaginável pra um jovem de hoje (e falo isso sem presunção alguma, falo até com certo pesar, por notar como, nesses 30 anos passados, essa curiosidade se diluiu em meio ao apelo difuso e agressivo da indústria cultural e ao imediatismo das novas mídias, como YouTube, redes sociais em geral, iTunes e traquitanas digitais diversas).

Voltando ao início: morando numa ilha, apartada do resto do Nordeste (para os espirituosos, São Luís era “a primeira ilha do Caribe”), sendo estudante classe média, duro como todo estudante, como fazer para comprar discos, e mais, discos especiais, incomuns, raros, que eram nossa preferência – e necessidade – naquele momento de afirmação pessoal e artística? Eu me lembro de ir sempre ao Feirão do Disco, loja grande e especializada, que ficava na Praça João Lisboa, no centro da cidade, e barganhar com o vendedor para olhar o saldão da loja, as sobras e os discos para devolução, num puxadinho nos fundos. Lá, consegui preciosidades como *We Want Miles*, de Miles Davis, *Cérebro Magnético*, de Hermeto Pascoal, *Fantasia*, de Egberto Gismonti (um clássico esquecido, que eu ouvi por vários verões), ou *Asas da América*, projeto do compositor pernambucano Carlos Fernando, que visava modernizar e popularizar o frevo, numa série de vários volumes, juntando intérpretes pernambucanos e “estrangeiros”, de Teca Calazans a Luiz Caldas, de Geraldo Azevedo a Frenéticas.

Isso não significa dizer que não comprávamos também discos das paradas, clássicos da MPB e do *rock* brasuca emergente, pedradas do *reggae* e lançamentos do *pop* internacional. Conte a um adolescente da era YouTube que você comprava discos por reembolso postal – e explique o que é, claro! – e certamente você ouvirá uma retumbante gargalhada. Pois eu sou do tempo do reembolso, sim senhor. Comprava discos em gravadoras alternativas como a lendária Som da Gente (dos compositores Walter Santos e Teresa Souza, pais da hoje cantora Luciana Souza) e esperava ansioso como uma virgem a notificação dos Correios. Então lá ia eu, na mesma Praça João Lisboa, pegar as “encomendas”, sem caber em mim de tanta felicidade. Lembro-me de, em certa ocasião, ter pedido de uma só tacada quatro títulos raros e preciosos que virariam clássicos na

minha discoteca dos 16 anos: *Pássaros na Garganta*, de Tetê Espíndola, *Hermeto Pascoal & Grupo*, *Jane Duboc* (82) e *D'Alma* (81), do Trio D'Alma. Ela (a discoteca) nunca mais seria a mesma. Nem eu.

Links Sugeridos

gilberto gil e jackson do pandeiro – “sou eu teu amor”

youtu.be/uEPhdi3TyK4

hermeto pascoal e grupo – “novena”

youtu.be/V5M64Gc1GAA

egberto gismonti – “fado”

youtu.be/W7_CvGXGZjM

tetê espíndola – “amor e guavira”

youtu.be/115PZ4uiPhg

jane duboc e caetano veloso – “mansidão”

youtu.be/0CJg1dJGLos

OUTUBRO DE 2013



“Deus jamais teria alcançado
o grande público sem a ajuda
do diabo”

JEAN COCTEAU

O Dia em que Exu Caveira Baixou no Planalto

Na Rodoviária

Conheci Aderaldo na rodoviária. Vi que ele fumava e me aproximei pra lhe pedir fogo. Foi então que o surpreendi aplicando um velho conto do vigário numa senhora ruiva, de riso largo. Era um golpe aparentemente simples, embora exigisse certo engenho para ser posto em prática. Vi o sujeito abordar a velha senhora e pedir gentilmente que ela trocasse uma nota de 20 reais. A dona, amistosa e receptiva, se dispôs à troca. Muitos toma lá dá cá depois, escarcéu armado, vi perplexo a coitada consentir em levar uma nota menor e ainda dar de ombros feliz por ter feito sua boa ação do dia.

Aderaldo vendia bugigangas havia anos naquele lugar – capas de celular, brinquedinhos eletrônicos baratos, pulseiras de relógio coloridas, sombrinhas, “de um tudo”, como ele me diria depois. Nas horas vagas, aplicava pequenos golpes como esse nos incautos que passavam. Então me aproximei para lhe pedir fogo, ele viu que eu o flagrara em pleno delito, deixou escapar um sorriso cúmplice, e a partir daí deu-se entre nós uma estranha afinidade.

– Aderaldo, seu criado...

– Aderaldo?! Nome curioso...

– É uma homenagem ao cego Aderaldo, já ouviu falar? Um poeta, um cantador do Cariri, meu pai é de lá.

Devagarinho, com terna malandragem, ele foi me contando sua vida: tinha dois filhos, Juscelino e Niemaier (escrevia assim mesmo, “culpa do escrivão ignorante”!), também uma homenagem, dessa vez à cidade que o acolhera. Em poucos minutos, Aderaldo me abriu o coração, como se fôssemos grandes e velhos amigos. Ele me falou do sonho de ser pontadireita da Seleção Brasileira quando menino. Até que ele foi um esforçado atacante do 11 Estrelas, time de Estância, lá no interior do Sergipe, que chegou a terceiro lugar no Torneio Municipal.

Era um apaixonado por Brasília, chegara à cidade havia mais de 20 anos. Conhecera um rapaz que trabalhava de olheiro pro Gama Futebol Clube, um time recém-criado à época. Foi indicado para um teste. Era bem jovem, então. Não agradou, resolveu ficar. Teve que se virar. Trabalhou como feirante, contínuo, hoje vende coisas na rodoviária.

– Não consigo entender Brasília – eu falei.

– E quem disse que precisa entender Brasília? Tem que tentar entender é cabeça de mulher e discurso de político. Cidade não, cidade tem é que tirar o melhor dela, só isso!...

Não entendi muito bem o que ele quis dizer, mas continuamos a conversar entre longas baforadas.

– Aqui é o melhor lugar pra se viver, pra ganhar a vida, a rodoviária...

– Por quê? – perguntei abobalhado.

– Essa gente não pode fazer outra coisa enquanto espera, só comprar... Por mais pobre que seja, vai comprar alguma coisa, comprar faz passar o tempo...

Tive que reconhecer que Aderaldo tinha um modo muito particular de pensar, uma tosca sabedoria. Homem rude, de poucas letras e muita lábia, era de tal maneira apaixonado pela cidade que sabia de cor datas históricas, narrava acontecimentos políticos com a destreza de um

comentarista de tv, frases, discursos, tudo escorria da boca de Aderaldo com fluência, naturalidade e uma ponta de vaidade, claro.

Lá pelas tantas, eu o vi conversando inflamado com um rapaz de outra banca.

– Essa gente ignorante, hipócrita, vai pra tv, vai pro jornal e começa a falar de ética, ética daqui, ética dacolá... Ética, o que é que eles sabem sobre ética? Vou falar uma coisa pra você: nunca faltou comida lá em casa, isso pra mim é ética...

Eu via as meninas com cheiro suburbano indo e vindo, algumas falando ao celular, banho tomado... Vi passar um homem sério com uma gravata de Mickey sobre a camisa bordô, achei a combinação engraçada... Rodoviária é um lugar engraçado, pensei.

– O que você faz aqui em Brasília?

– Tô tentando descobrir, falei cabisbaixo.

O rádio do baleiro ao lado tocava uma velha canção popular – “eu vou tirar você desse lugar, eu vou levar você pra ficar comigo...”. Lembrei-me das rádios de minha infância, lá em Arari, no ermo do Maranhão, e pensei: – Nunca vou ter esse amor, esse apego a uma cidade. As cidades sempre foram pra mim apenas um lugar, um lugar a mais, um vale de sobrevivência, não havia nenhuma ternura na minha relação com as cidades onde havia morado. Por um instante, tive quase inveja dele.

– Quero morrer em Brasília – disparou Aderaldo, me fazendo despertar do meu devaneio geográfico, minha canção do exílio íntima.

– Passa aqui mais tarde, hoje eu fecho mais cedo. Quero te mostrar umas coisas.

Dei-lhe as costas, desci a escada rolante, parei na Pastelaria Viçosa, pedi um pastel de queijo. Haviam me falado daquele pastel com tanto fervor que era como se falassem da Catedral, me senti quase obrigado a

experimentá-lo. Também senti uma vontade danada de beber uma cerveja, mas segurei o impulso.

No Coniq

Passei mais tarde, como combinado. Aderaldo estava guardando seus teréns, a tarde azulada já se dobrava no horizonte, o frenesi dos ônibus e do metrô agora era mais intenso, mais gente perambulava pra lá e pra cá. Aderaldo me conduziu até o Coniq, perto da rodoviária, um lugar indescritível, um aglomerado mundano de bares, igrejas, lojas, teatros e até cinema pornô. Gostei do lugar, gosto de lugares barulhentos. Uma fauna soberba circulava ali, barulhos ressoavam de todos os lados.

Paramos num bar, pedimos enfim uma cerveja. Enquanto bebíamos, Aderaldo falava pelos cotovelos, vez por outra cumprimentava alguém que passava. Ao fim da primeira cerveja, ele parecia já bastante alterado, diferente, seus olhos tinham outro brilho. Falava com mais ansiedade, mais urgência, quase gritava. Pedi mais uma. Estava sedento como um caubói de faroeste italiano.

Pelas tantas, sentou-se à nossa mesa uma moça gorda, cabelos encaracolados, olhos pintados de negro:

– Oi, Aderaldo, não trabalha mais?

– Que é isso, Estela, também sou filho de Deus! – respondeu na lata Aderaldo. – Quer uma cerveja? Fiiiii – assobiou para o garçom. – Cerveja pra dona! Essa é Estela – me falou com certa malícia no olhar.

– Prazer, Estela! – falei respeitoso.

Depois fui saber, Estela era um caso, um “cacho” de Aderaldo, segundo o próprio me segredaria dali a pouco. De dia vendia confecção na feira de Guará, de noite fazia bico no cinema, recrutava as meninas que faziam *strip*.

– Mais cerveja, Genésio – pedia inflamado Aderaldo.

Não sabia, mas o cara era um bom copo e, à medida que bebia, mais e mais falava, com aspecto cada vez mais febril, até que algo inesperado se deu. Lá pela sétima cerveja, Aderaldo subiu na mesa e, com os olhos cravejados de uma quase demência, começou a gritar como um pastor ensandecido.

No Vale do Amanhecer

– Entre os paralelos 15 graus e 20 graus, havia um leito muito extenso, que partia de um ponto que formava um lago. É onde aparecerá a grande civilização, a terra prometida, onde jorrará leite e mel, dizem as santas palavras de Dom Bosco no distante ano de 1883. Agora quem fala sou eu, jaguar medianeiro dos céus e da terra, com os poderes de Olorum, sob os olhos do pai Seta Branca, eu, primeiro comandante do trino Aranã, na captação das energias cósmicas...

Aderaldo seguiu falando como que em dialeto desconhecido, enquanto as pessoas se aglomeravam no bar para vê-lo em seu delírio místico.

Estela então sussurrou no meu ouvido:

– Ele é médium, o Aderaldo. Incorpora de tudo, esse aí deve ser um Exu Caveira...

Duvidei, cético.

– E essas coisas que ele tá falando?

– Ah, ele sabe tudo de religião, meu filho. Já foi evangélico, da Igreja Pentecostal Nova Vida, já foi membro do Vale do Amanhecer...

– Vale do Amanhecer?

– É, também frequenta mesa branca, é amigo de pai Eusébio, lá de Planaltina, sabe de coisa esse homem!... – falou sem esconder um certo orgulho.

– E o que a gente faz?

– Nada, espera, só.

Aderaldo em pele de Exu Caveira continuava em sua ascensão caótica e particular.

– Invoco os poderes deste amanhecer, por meu plexo iniciático,
latitude 32 graus...

Uma multidão já se amontoava para ver aquele espetáculo gratuito,
tragicômico. Fui saindo de fininho, meio envergonhado, com uma
inevitável compaixão por meu “amigo” Aderaldo, ali, palhaço de todos,
cavalo da própria loucura.

– Salve Galdino, mártir da raça, cordeiro de Deus sacrificado para a
redenção dos ímpios, salve Juscelino, herói assassinado, saravá Niemeyer,
arquiteto do éter, ungido pela graça, coroado pelo santo nome de Deus,
Oxalá e Seta Branca, misericórdia à dor dos pobres e desamparados, e o
enxofre dos infernos aos usurários, os miseráveis de espírito...

Foram as últimas palavras que ouvi da boca de Aderaldo, em plena
febre dos sentidos, enquanto me afastava dali, sob o eco dos gritos dos
populares à volta. Saí à rua, acendi um cigarro, me deixei ficar envolto na
fumaça por alguns segundos, até caminhar pra lugar nenhum.

Noite escura, nenhum sinal daquele céu azul-Brasília que há pouco me
cegava.

Escrito para o Correio Braziliense por ocasião do aniversário de 43 anos de Brasília.
ABRIL DE 2003

Refrigerante de Tamarindo

Fui menino criado no interior do Maranhão. No meu tempo de menino, carro na rua era um evento e asfalto, só na estrada. Televisão só fui conhecer aos 6 anos. Um privilégio, pois tenho amigos que só viram uma telinha com 10 anos ou mais. Vivia na rua, onde não havia maiores ameaças, a não ser os moleques maiores e arruaceiros, que adoravam dar umas “cacholetas” nos menores, entre os quais eu me incluía. Pra quem não sabe, “cacholeta” é aquele peteleco vigoroso que se dá com os dedos na orelha alheia e faz ver estrelas.

Meus pais cultivavam uma horta no fundo do grande quintal. Na verdade era um misto de horta e pomar, mas pomar não era uma palavra do nosso vocabulário. Lá proliferavam legumes, verduras e frutas que nos eram servidos à mesa diariamente. Não comprávamos essas coisas em mercados, tínhamos em casa, e que luxo era isso, penso hoje. Uma memória nostálgica que carrego comigo é a de frutas que só vi na infância, frutas silvestres de que não tive mais notícia, mesmo nas minhas voltas ao interior. Uma de que me lembro com imensa saudade é a condessa, que eu e meus irmãos adorávamos comer, sempre lambuzada com açúcar. Sempre a associei à ata, ou pinha, ou fruta-do-conde (quantos nomes para uma só fruta!), como se fosse um feminino desta, embora sua aparência lembrasse mais a romã. Mas não devia ser à toa, pois seu sabor remetia mesmo ao sabor da ata, e um pouco ao da graviola, que nós chamávamos de jacama. Nunca mais vi uma condessa na vida, mas seu gosto permanece na memória, menos do meu paladar e mais da minha alma, como uma fruta

de sabor selvagem, misterioso e familiar, sempre ali, ao alcance da mão, no quintal de casa.

Do outro lado do rio Mearim, que ficava a uns 20 metros de casa, havia uma mata cerrada onde, dizia o povo, havia onças e cobras, e onde também se podia topar com o Saci, o Curupira e o Boitatá. Isso nunca nos intimidou. Pelo contrário, nos excitava e não hesitávamos em, escondidos do nosso pai, pegar uma canoa e atravessar o extenso rio só para passar algumas horas de alumbramento, susto e deleite na outra margem. Lá, nunca topamos com nenhum saci, mas encontramos frutas deliciosas como camapu, maracujazinho e outra que chamávamos de azeitona – não sem razão, pois tinha a mesma forma da azeitona e uma cor entre o roxo e o preto, mas com uma diferença essencial: era doce, dulcíssima. Comíamos de baciada e ficávamos inevitavelmente de língua e dedos roxos, prova inexorável do crime, o que nos obrigava a despistes requintados como mexer com tinta roxa na volta pra casa ou passar violeta genciana simulando algum ferimento (só muito tempo depois vim a saber que essa fruta é a mesma que atende pelo nome de jamelão em outras regiões do país).

O maracujazinho ou maracujá-do-mato era uma fruta amarela, quase do tamanho de uma seriguela. A forma de comê-la já era em si uma brincadeira. Fazia-se um furo pequeno na ponta e sugavam-se os caroços, que eram idênticos às sementes de maracujá. Só que, ao contrário da fruta-mãe, azedinha, este filhote era incrivelmente doce. Comíamos às dezenas e desenvolvíamos técnicas as mais sofisticadas de sucção. O maior desafio era sugar todas as sementes de uma tragada só, para o que chegávamos até a organizar torneios.

O camapu (ou camapum) era uma frutinha de beira de rio, verde-clara, envolvida por uma flor também verde. A fruta era sacada para fora a um

leve toque na sua extremidade encoberta pela flor. Mais lúdico impossível. Fico imaginando uma criança de hoje travando contato com essas frutas do passado, que estranheza que seria. Será que se encantariam? Talvez sim, ou talvez não dessem a mínima.

O certo é que há arrebatamentos que só se pode experimentar no ambiente rude da natureza, que uma criança urbana desconhece e que são matéria-prima imensa para a imaginação. Se eu, menino interiorano que fui, houvesse descoberto o refrigerante desde muito cedo, não poderia ter me encantado com a experiência que meu pai fazia, ao colocar uma colherinha de bicarbonato de sódio no refresco de tamarindo, também colhido no quintal. Depois de sacolejá-lo como a um coquetel, o copo fazia um mar de espuma, e então nos refrescávamos do calor tomados de felicidade, à espera da próxima mágica.

Escrito para a revista Globo Rural.
JUNHO DE 2006

Ilha de Maré

Desde que saí de São Luís, há já remotos 20 e poucos anos, a cidade mudou bastante. Cresceu, verticalizou-se e muita gente migrou dos bairros e do centro para a região das praias. Isso não fez com que o belo centro histórico da cidade, outrora efervescente de boemia, música e personagens surreais, perdesse toda a sua magia com tal debandada. Encantos não faltam. E encantados pela mística de cidade de poetas, de *Atenas brasileira* – como a cidade ficou conhecida no fim do século 19 por conta de sua vasta e alta produção literária –, é que costumávamos sair, eu e alguns amigos adolescentes, músicos, poetas e beberrões, andando (andando mesmo, a pé) pelas ruas estreitas do centro, desvelando os mistérios da noite e à espera de alumbramentos poéticos que nos aproximassem de um Baudelaire, um Rimbaud, um Kerouac. Alumbramentos que nunca vinham, mas foi por conta desse ímpeto boêmio que experimentamos porres homéricos e muitas histórias pitorescas, líricas e mesmo hilárias.

Hoje ainda há redutos em que remanesce a aura mítica da noite ludovicense, como a Praia Grande, um conjunto arquitetônico colonial revitalizado, que agrega bares e restaurantes pra todos os gostos, vendedores ambulantes nas ruas de pedra, lojas de artesanato e teatros. Do lado está a feira da Praia Grande, onde se encontram figuraças como seu Riba, vendedor de cachaças e outros teréns, e dona Amélia, em cujo quiosque se come o melhor mocotó da cidade (que em outros cantos do Nordeste é conhecido como “panelada”), comida para espíritos fortes, sempre acompanhado de uma boa e suada cerveja. Nas quebradas da feira,

o turista desavisado achará produtos os mais diversos, desde patos e galinhas vivinhos da silva até cachaças típicas como a afrodisíaca catuaba e a matadora tiquira.

Cavalos sem Cabeça

A ilha de São Luís, também conhecida por *Ilha do Amor* ou *Ilha Maravilha*, tem um vasto histórico de lendas e superstições, como toda ilha. Uma das mais perenes e sedutoras é a história de Ana Jansen, comerciante rica e com forte influência política no século 19, que seria implacável com seus escravos, aplicando-lhes castigos os mais cruéis. Reza a lenda que a carruagem de Donana Jansen, puxada por dois cavalos brancos sem cabeça, ainda hoje desfila nas madrugadas escuras pelas ruas da cidade, algumas das quais mantêm seus velhos paralelepípedos intactos. Sua casa ficava próxima ao Largo dos Amores, hoje Praça Gonçalves Dias, uma das praças mais charmosas da cidade, de onde se tem uma bela visão panorâmica da cidade, às margens do rio Anil. Nessa praça há também a Igreja dos Remédios, de linhas góticas, uma das muitas igrejas de bela arquitetura da cidade. Praça e igreja merecem uma visita.

Um dos mais bonitos teatros do país, o Arthur Azevedo fica na Rua do Sol, paralela à Rua dos Afogados, que faz esquina com a Rua do Ribeirão. Nesta esquina está a Fonte do Ribeirão, construída em 1796 para abastecer a cidade. Revestida de pedras de cantaria, a água da fonte jorra de carrancas assustadoras, de espantar qualquer “ziquizira”. Diz outra lenda que os subterrâneos da fonte seriam um esconderijo para os frades durante as invasões inimigas. Ou que seria rota de fuga de escravos. Fontes, igrejas e praças, além das lendas, existem às pencas na cidade. Outra majestosa praça é a Dom Pedro II, onde está localizado o Palácio dos Leões, sede do governo, um antigo forte erguido pelos franceses em 1612. Na mesma praça vê-se a Igreja de Nossa Senhora da Vitória, que guarda um grande tesouro do barroco brasileiro, seu altar-mor, todo talhado em ouro.

Pira, Doido!

Ir a São Luís e não ver as praias é como ir a Roma e não ver as romanas. Há praias para gente de todas as praias. A de que mais gosto é a de Araçagi, distante uns 20 a 30 minutos do centro e um pouco mais deserta. Mas há outras boas praias mais perto da cidade, como Calhau, São Marcos e Olho d'Água. E a mais urbana e popular de todas, a praia da Ponta d'Areia. Em todas elas há bares ou barracas onde se pode degustar um bom peixe frito, de preferência o apetitoso e peculiar peixe-pedra, um camarão ou um caranguejo, este para comer de baciada, todos (bem) acompanhados de *farinha-d'água*, uma farinha amarela mais carocuda – e mais saborosa – que a branca.

Uma boa época para visitar São Luís é junho, quando os grupos de bumba meu boi saem aos “arraiais” da cidade mostrando sua dança vigorosa, lindas roupas coloridas e música de fazer bater o coração mais rápido, com seus pandeirões, matracas e zabumbas (quem quiser escapar da sanha turística que tomou a cidade de assalto nos últimos anos pode visitar a brincadeira do boi no seu próprio terreiro. Basta ir aos ensaios um pouco antes dos festejos juninos).

Para voltar devidamente batizado da ilha, com a bênção de Jah, é imperativo passar por uma boa casa de *reggae* – Chama-Maré, Ladeira, Creole ou Bar do Nelson, entre tantas. E entrar na *vibe* regueira com o bordão popularizado pelo dj Andrezinho Vibration: “Pira, doido!”.

Escrito para a revista Serafina (Folha de S.Paulo).
ABRIL DE 2009

A Música e o Silêncio

Adoro o silêncio, mas prefiro a música.

Não apenas porque me tornei um músico profissional, mas porque desde sempre minha vida foi permeada por música. Nas ruas da infância primeiramente, entre cantigas de roda e festas populares – o São João e seus grupos de bumba meu boi, o carnaval e seus blocos de rua.

Cantigas de roda foram a grande poesia da minha primeira idade. Cantávamos desde as mais tradicionais e nacionalmente conhecidas, como *Samba Lelê* e *A Linda Rosa Juvenil*, até as mais regionais e obscuras, como *Lindo Eu*, *Parafuso* e *O Feioso*. De linhagem portuguesa, as cantigas de roda tinham tudo o que hoje os educadores buscam em suas aulas de recreação – música, dança coreografada e interação.

Este texto é sobre música, mas permitam-me parêntese. Havia algumas brincadeiras “proibidas” para meninos, como a cantiga da *Formiguinha da Roça*, cuja letra diz: “Formiguinha da roça enlouqueceu / de uma dor de cabeça que ela deu / arrocha, arrocha, arrocha, formiguinha / bota as mãos nas cadeiras e faz assim”. Quando as crianças cantavam a parte do “arrocha”, então a criança no centro da roda, sempre uma menina, tinha que pôr de fato as mãos nas cadeiras e requebrar até o chão, manobra que requeria grande habilidade e soltura dos quadris.

Mas um dia resolvi que ia “arrochar” e, vencendo o medo da discriminação masculina, entrei na roda. Fui até o fim, ainda que tímido e amedrontado pelas vaias dos moleques. Fiquei uns dias sendo posto de lado nas brincadeiras de homem, mas ganhei uma certa moral com as

meninas. Além do que, devo confessar, foi algo libertador (vejam vocês quanta serventia tinham as cantigas de roda...).

Depois veio o rádio. Ligado desde o amanhecer até o começo da noite, era um espaço lúdico onde tomávamos conhecimento do mundo, suas notícias políticas e esportivas – que ainda não eram dadas com o frenesi de hoje – e, claro, música, música e mais música. Naquele tempo, início dos 70, os rádios valvulados faziam a festa nas casas do interior, pois, além das rádios do estado e do país, vez por outra sintonizavam rádios do Caribe, onde ouvi os primeiros *reggaes* e calipsos, e até mesmo rádios russas, com vozes e sons que pareciam saídos de um filme de ficção científica.

Meus pais e irmãos mais velhos eram vorazes consumidores de discos também. Secos & Molhados, Chico Buarque, Benito de Paula, Jair Rodrigues, Mercedes Sosa, Luiz Gonzaga, Waldick Soriano e Elton John eram alguns itens da vasta discoteca que foi caoticamente sendo criada.

Meus dois irmãos mais velhos tocavam violão, as irmãs cantavam, e as rodas de viola eram bastante comuns, sempre com os sucessos da época na ponta da língua. Isso tudo fez com que eu criasse um amor e enorme interesse pela música, especialmente a popular. Não só pelo prazer em si que a música proporciona, mas por tudo que está em seu redor – relações sociais e afetivas, memória sentimental, contexto político e cultural e outros etcéteras.

Mas a música, de uns tempos pra cá, virou ruído. E não estou falando das escolas vanguardistas que usavam o barulho, o atrito e a atonalidade como elemento estético, tal como fez a chamada Segunda Escola de Viena na primeira metade do século 20. Falo do massacre ruidoso da música popular e de sua onipresença em nossa vida hoje – em bares, restaurantes,

hotéis, aeroportos, rodoviárias, táxis, ônibus, trens, supermercados, lojas, consultórios...

É como se o silêncio incomodasse, como se o vazio precisasse ser sempre preenchido por som, por música, por barulho. Talvez porque o silêncio seja mesmo algo incômodo, por induzir à reflexão e à interiorização, e isso, nestes nossos apressados tempos digitais, é coisa de fato indesejável. Melhor se perder no mar de ruídos, na fácil evasão, no parque de diversões sonoras em que o mundo se transformou.

Houve um tempo em que a música teve importância crucial na vida das pessoas. Servia tanto à diversão e à dança como ao encantamento e à reflexão, através de seus versos, ritmo e melodias. Recentemente andaram alardeando “o fim da canção”, o que gerou uma discussão sem fim. Não foi a canção que morreu, mas a sensibilidade para ouvi-la que se transformou, como de resto a capacidade humana de sentir e entender a vida e a arte (prova disso é a ascensão de uma música mais sensorial e evasiva, como a eletrônica, em detrimento de uma música mais emocional ou orgânica).

Ainda adoro a música, mas, pensando bem, acho mesmo que prefiro o silêncio.

Escrito para a revista virtual Estação Ponto de Luz, do Hotel Ponto de Luz.
MARÇO DE 2011

Marly – o Som que Mudou o Mundo

Quando Robert Nesta Marley nasceu, sob o signo zodiacal de Aquário, a 6 de fevereiro de 1945, nem dona Cedella, negra da pequena Nine Miles, cidadezinha do interior da Jamaica, nem o senhor Norval, militar branco de sangue inglês, poderiam imaginar que aquele menino faria parte de uma seleta galeria de gênios musicais que mudariam a música do mundo – alguns dos quais também se chamavam Robert.

Febril como Mr. Plant, rebelde como Mr. Johnson, messiânico como Mr. Zimmerman e ultramusical como Mr. McFerrin, o garoto Bob não só seria um dos maiores artistas do século 20 como ainda espalharia pelos quatro cantos do mundo o *reggae* e a filosofia rastafári, anunciadores de uma nova era para a nação africana dispersa pelo mundo.

Foi no Maranhão dos anos 70, dominado por forças políticas obscuras – triste história feudal que perdura até os dias de hoje –, que ouvi pela primeira vez sua música e quedei-me entorpecido. Mal sabíamos o que dizia aquele inglês cheio de sotaque, mas a magia e o calor de sua voz, o baixo gravíssimo fazendo o coração acelerar, as melodias que ecoavam no oco mais fundo da alma, aquilo tudo era como um grito de guerra, algo que nos enchia de entusiasmo e vontade de viver.

Groove Afiado

Bob Marley tornou-se o maior ícone de uma saborosa música de cadência leve, dançante e mântica, grito social e político contra as injustiças do mundo cruel. Aliados ao som contagiante e versos de boa cepa, havia os preceitos de uma vida natural ornada por anéis de fumaça de *marijuana* e mergulho espiritual.

De Nine Miles para Trench Town, a célebre favela de Kingston. Foi lá que o jovem Bob começou a fazer um som com os amigos Bunny Livingstone e Peter McIntosh, influenciado pelos ídolos negros do *rock*, do *soul* e do *rhythm'n'blues* que ouvia no rádio e pelo *ska*, ritmo em alta na Jamaica dos anos 60. Assim nasceriam The Wailing Wailers, que depois se tornariam os legendários The Wailers, cuja excelência nos estúdios moldaria algumas pérolas inquestionáveis (e eternas) do gênero.

Para o êxito do grupo muito contribuiu a parceria com o gênio produtor Lee Perry. *Catch a Fire*, o primeiro álbum internacional da trupe *rasta*, anunciava um novo som, um *reggae* de *groove* afiado, *riffs* mortais e letras combativas, e fez grande barulho na mídia especializada.

A gravação de *I Shot the Sheriff* pelo deus branco da guitarra Eric Clapton, que em 1974 esteve no topo das paradas musicais americanas, fez o mundo ajoelhar-se aos pés deste jamaicano mestiço apaixonado por música e futebol. Até maio de 1981, há exatos 30 anos, quando morreu vitimado por um câncer com poucos e intensos 36 anos, Marley produziu incansavelmente canções e discos que se tornariam clássicos universais.

Meses atrás fui presenteado com a audição da sessão aberta de *Is This Love*, ou seja, pude ouvir, canal por canal, todos os instrumentos tocados na gravação original da música (febre destes tempos tecnológicos e

piratas, rolam por aí sessões de Beatles, Led Zeppelin etc.). Ouvido isoladamente, cada instrumento parecia meio desafinado, algo precário – guitarra, vocais, metais, baixo...

Mas, ao ouvirmos tudo junto, dava-se então o milagre. A música soava bela, fluente, íntegra, como se ninguém a houvesse feito, como se ela estivesse ali desde que o mundo foi criado, como se fosse obra de Deus. Obra do deus Robert Nesta Marley.

Escrito para a revista Serafina (Folha de S.Paulo) por ocasião dos 30 anos da morte de Bob Marley.
ABRIL DE 2011

Canção do Interior

feito índio na canoa
bicho-de-pé carrapato
tamarindo fruta boa
picada aberta no mato
futebol no sol a pino
felicidade era fato
tosse gripe passa unguento
saci não usa sapato
vida de menino bento
bento monteiro lobato
minha arca de noé
eram bichos nos quintais
porco marreco cabrito
como já não se vê mais
jacaré fugiu do rio
corre que lá vem zás-trás
“tô fraco” grita a galinha-
d’angola nhambus guarás
meu quintal faria inveja
a vinicius de Moraes

Poema escrito para o caderno Folhinha, da Folha de S.Paulo.
OUTUBRO DE 2010

A Cantilena do Fim da Canção

Anos atrás, quando o compositor Chico Buarque falou (e a meu ver – e ouvir – falou sem maiores pretensões de polemizar) sobre o “fim da canção”, certamente não imaginou que mexia numa casa de marimbondos delicada, perigosa e interminável. O que Chico falou é semelhante, em raciocínio, ao que o pensador nipo-americano Francis Fukuyama falara anos antes sobre o “fim da História”.

Em ambos os casos o fim não é fim exatamente, mas passagem, mudança de era. A favor do meu argumento existe o fato de que o mundo (ainda) não acabou. Na tese de Fukuyama, não existiria mais hipótese de evolução, nem haveria um projeto futuro para a humanidade. Ora, só seria plenamente justificável falar que “a História acabou” se o mundo e a vida humana também tivessem acabado. Mas não, a História permanece, com *status* modificado, num tempo em que a necessidade de documentação e registro, que justifica em parte o conceito de “História”, foi volatizada pelas modernas tecnologias e pela pressa do mundo hipermoderno.

Assim também se dá com a canção. Vivemos uma nova era da canção, mas não vimos (tampouco acho que veremos) seu fim – e o fato de o próprio autor da célebre frase ter lançado dois discos de inéditas nos últimos seis anos é prova incontestável disso. Enquanto houver vida, haverá formas de expressão artística, ainda que novas formas surjam e em alguns casos até tomem postos. Enquanto houver vida, haverá necessidade de o mortal cantar seus amores, dores, traumas e delícias – seu desejo vão de eternidade e a certeza apavorada da própria finitude.

Mas, deixando de lado esta poesia de botequim, a canção, com seus aproximados 100 anos de idade, tal como se conhece, em forma, peso e cânones, é uma manifestação muito recente, e uma das formas mais diretas e eficazes de crônica dos costumes, épocas e afetividades. E porque zanza pelo universo afetivo dos ouvintes (afora as experimentações que sempre há e que nem sempre ambicionam esse contato afetivo) é assim tão permanente, onipresente, definitiva.

Pode-se argumentar, isso sim, que a canção hoje tem outro peso e medida na sociedade moderna, diferente do que teve outrora; pode-se dizer que a audição não é o sentido mais estimulado pelas artes hoje em dia (barulho de trânsito, *rave* e tv ligada não contam); podem-se listar algumas formas contemporâneas de música que excluem o caráter sentimental da canção – o *rap* e a música eletrônica têm outras ambições – ou mesmo que prescindem da necessidade de poesia, tão essencial ao formato canção desde sua origem.

Outros argumentos bons de pôr na roda: 1) a canção, na origem, não prezava tanto a poesia, coisa só valorizada por volta dos anos 20 do século passado, com o surgimento de bambas como Braguinha e Noel Rosa no Brasil, e Cole Porter e Ira Gershwin, nos Estados Unidos, por exemplo; 2) já havia, antes da música eletrônica, gêneros dançantes de música, como o *soul*, o *rhythm'n'blues* e o *funk* (o americano de James Brown, não o carioca de Tati Quebra-Barraco), e estes podiam ser enquadrados no escopo generoso da canção, embora, porque tivessem outros apelos, nem sempre fossem considerados como tal.

Ok, quem assim argumentasse teria parcial razão. A poesia de fato, digna de ser chamada de poesia, na canção não era um acontecimento obrigatório na origem. Bastavam um bom refrão e uma letra com certa cadência rítmica e razoavelmente bem urdida, e o cordão andava – e bem,

vide as marchinhas carnavalescas que reinaram no Brasil até os anos 50, quando o samba-enredo começou a tomar seu lugar entre os foliões. E músicas dançantes, ou, digamos, músicas mais “sensoriais”, já havia desde sempre (e ninguém há de negar que *Sexual Healing*, de Marvin Gaye, *We Will Rock You*, do Queen, ou *Não Quero Dinheiro*, de Tim Maia, sejam canções com C maiúsculo). Mas a música eletrônica levou isso bem mais longe, abolindo a letra – ou no máximo reduzindo-a a mero refrão – e supervalorizando o *groove*, criando um novo gênero, uma música extremamente funcional cuja “função” é clara e incontestável: fazer dançar – música essa que, nem com imensa boa vontade, poderia ser caracterizada como “canção”.

De volta ao começo: quando eu era menino e a família comprava um lp, ouvia-se o disco por inteiro, quase como um ritual, ainda que algumas pessoas continuassem seus afazeres domésticos ou escolares. A audição de um disco era uma fruição coletiva, familiar, gerava emoções, debates sobre preferências, às vezes brigas... Lembro quando chegou à casa dos meus pais o disco do Jair Rodrigues *Orgulho de um Sambista*, hoje um clássico. Eu, com 7 ou 8 anos, exultava com os sambas *Tristeza*, *Folia*, *Carnaval e Cinzas* e o samba-título, e Juca, um primo que morava longe e sempre nos visitava, ia às lágrimas com *O Menino da Porteira*, triste e antológica moda de viola.

Hoje, quem se dispõe a gastar 40 minutos de seu precioso tempo para ouvir detidamente um disco, lendo suas letras, informações técnicas contidas no encarte, conferindo os músicos desta ou daquela faixa etc.? Hoje, por força da velocidade de nossa época, ouve-se música mais fortuitamente que antes, de modo expresso, no carro, na festa, no almoço com amigos, no churrasco, na viagem de carro, enquanto se trabalha no computador... Mas quem é que para e degusta um disco como se fosse um

manjar divino nos dias que correm (literalmente correm)? Antes, que artista produz um disco para ser este manjar hoje em dia?

Engana-se quem pensar que, com estas minhas indagações sem resposta, eu compactue com a cantilena de que “a canção acabou” (até porque, a crer nisso, o que seria feito deste pobre compositor popular que ora vos escreve este mísero texto?). Não, não concordo que a canção acabou, vejo inúmeros bons compositores surgindo ano após ano, todos, ainda que com suas particularidades, rendendo tributos em sua obra ao formato clássico da canção – com mais ou menos reverência. Mas é inegável que a importância da música popular na vida dos mortais diminuiu com o tempo.

O próprio conceito de canção transformou-se. Antes, podia-se falar que a canção era composta basicamente de letra e melodia. Com o advento do *jazz* e, no Brasil, da bossa nova, a harmonia passou a ter importância extrema. Com o passar do tempo, arranjo e concepção sonora começaram a constar como itens básicos da canção. E hoje, com o surgimento dos modernos *softwares* de música e o uso cada vez mais frequente dos recursos eletrônicos na música popular, novos elementos foram sendo incorporados. Hoje, não há resenha de disco que não mencione palavras outrora estranhas ao universo da música, tais como “texturas”, “recheios” e “camadas” (o sujeito desavisado que entrasse numa máquina do tempo nos anos 70 e caísse no século 21, e se deparasse com a resenha de um crítico musical sobre um disco destes tempos, poderia por um minuto pensar tratar-se de um comentário sobre bolos confeitados).

A poesia merece uma reflexão à parte. Superestimada por uns, desprezada por outros, não há canção que se sustente sem o aporte de uma letra bem urdida. E quando falo “bem urdida”, isso exclui categorias, gêneros e julgamentos preconcebidos, tais como “música de má

qualidade” ou “boa música”, “música elitista” ou “música popularesca”. A música em questão pode ser do repertório de João Donato, Jota Quest, Bruno e Marrone ou Tom Jobim. Há ilustres que escorregam e há “banidos” que acertam.

E assim segue o bonde da canção, entre profecias apocalípticas e promessas de redenção. Bem provável que o seu apogeu já tenha passado. Mesmo assim, os fazedores de canções prosseguem, “por destino, ofício ou paixão” – como diz antiga canção do compositor cearense Ednardo –, em sua empreitada *gauche* de encantar serpentes, ainda que tenham que engolir cobras, lagartos e o eterno anúncio do fim.

Escrito para a revista E, publicação do Sesc SP
SETEMBRO DE 2012

Sobre Chorão

Uma das coisas que mais abomino no circo de horrores do *showbiz* é a capacidade que algumas pessoas têm, artistas ou não, de capitalizar a desgraça (ou pior, a morte) alheia. “Fulano morreu? Hmmm, vou preparar um *tweet* bem bacana!...” Ou: “Vou ensaiar um depoimento bem lacrimoso pra dar à tv ou ao jornal”...

Quando Chorão morreu, fui procurado por jornais e tvs para dar o meu depoimento lacrimoso, afinal todos (ou quase todos) sabiam da nossa proximidade. Mas evitei. Não estou no time dos que capitalizam a desgraça alheia, como há aos montes por aí. Nem havia risco de eu ser confundido com tal espécie. Mas às vezes é preciso, de um modo quase militante, deixar bem claras as diferenças entre você e o mundo, por mais presunçosa que esta afirmação possa parecer. “Não basta que a mulher de César seja honesta, ela precisa parecer honesta”, diz sábio ditado popular.

Sim, éramos próximos. E sim, poderia dizer que fomos amigos, mesmo pertencendo a mundos tão distantes, e mesmo nos vendo tão poucas vezes na vida. Mas o sentido de “amizade” é algo que independe da frequência com que as pessoas se veem, penso eu. Tem mais a ver talvez com uma certa “afinidade”, palavra de sentido vago, mas que talvez explique a empatia que sempre senti com Alexandre, digo, Chorão. Ele gostava de dizer: “Você foi o primeiro cara da MPB a dar moral pra gente”. E eu retrucava: “Não sou MPB, pô, sou *rock* também. Só que de outra espécie”. Ele ria.

Desde que gravei *Proibida por Mim*, há 12 anos, e dei seguidos depoimentos elogiando a banda e suas sacadas poéticas, estivemos juntos

em várias ocasiões. Primeiro pra uma matéria do programa *Video Show*, mostrando o encontro inusitado entre uma banda de *hard rock* e um compositor da “MPB” (“deixe que digam, que pensem, que falem”...). Depois em várias canjas por festivais Brasil afora – Planeta Atlântida, em Floripa, Lupaluna, em Curitiba (na última vez que canjeei com a banda, na edição de 2012 deste festival, subi totalmente “borracho” no palco e por pouco não dei vexame – esqueci letra e tudo o mais. Quando saí, Chorão falou: “Vocês acham que a turma do *rock* é louca, né? Mas essa galera da MPB é muito mais, olha aí...”).

Quando CBJ lançou o disco *Nadando com os Tubarões*, em 2000, fui convocado a escrever o *release* de imprensa. Fiquei lisonjeado. Era fã da banda desde o primeiro cd. Tinha o que dizer. E disse. Que a banda era original nas composições e que Chorão era dotado de uma verve muito especial, de poeta da rua, malandro, debochado, mas também romântico, sedutor, lírico – por que não? Nesse disco, o terceiro da trupe, me chamaram a atenção – além da mistura boa e esperta de *hardcore*, *rap*, *ska*, *reggae* e até pitadas de bossa, e do espírito sempre gaiato e irreverente do grupo, como pede o bom *rock’n’roll* –, alguns achados nas letras, como: “Eu nunca paguei pra sonhar” (em *Pra mais Tarde Fazermos a Cabeça*); ou: “Todo mundo para para ver o caos... O batuque e o massacre, o batuque e o crack, o batuque e a bola, o pobre sempre é a bola” (em *Ouvir se Falar*). Novos discos vieram, e, com a maturidade da banda, vieram também canções que podem já ser consideradas clássicos dos anos 2000 – *Dias de Luta*, *Dias de Glória*, *Papo Reto*, *Céu Azul* e *Só os Loucos Sabem*, entre tantas.

Ah, não podia esquecer um detalhe pra lá de importante. Chorão também me convidou a tocar *Proibida* na cerimônia do seu casamento. Justificativa: sua noiva, Graziela, musa da canção, preferia a minha

versão, mais delicada, à versão *podreira* da banda. Dizia isso aos risos, tirando onda de enciumado. Nunca havia tocado em casamento algum, mas... como negar um pedido dessa natureza vindo do homem?

Por trás do personagem *rock'n'roll*, genuíno até a medula, havia também um cara doce e amoroso, camarada e gentil com os amigos. “Magrelo, vou gravar um dvd dos 15 anos da banda e quero você lá. Vamos fazer um mix do seu arranjo com o nosso em *Proibida pra Mim*, topa?” “Claro, velho, tô dentro.” E lá fui eu pra Santos. Incrível dividir o palco com ele e a banda (em formação quase original, faltando apenas o Pelado na bateria). Que vigor, que *punch*, que porrada! Não me lembro de ter ouvido antes uma banda brasuca com *performance* tão impressionante e volume tão ensurdecedor – deliciosamente ensurdecedor. Noite memorável, quase dez mil pessoas vibrando alucinadas com o *show* (lembro que subi ao palco às 5 da manhã), cantando em coro com a banda, repetindo os bordões que o seu controverso e carismático *frontman* ordenava. Sim, digo “ordenava” porque a plateia comia na sua mão, outro talento indiscutível do cara... E sim, digo “carismático”, porque, por mais que não se saiba definir claramente o que é uma pessoa com carisma, sabemos identificar quando vemos uma.

Depois retribuí o convite chamando-o para gravar *O Desejo* no meu *O Disco do Ano*, lançado ano passado. A música é um *rap* de refrão melódico, cujo personagem é um sujeito angustiado, dividido entre o desejo insaciável de consumir e a consciência da morte dos sonhos (em suma, esse cara somos nós). Chorão arrasou, com seu jeito muito particular de “rimar”. Mandou um improviso tão bom que não tive como não incluí-lo na faixa já quilométrica. Na ocasião, junto com o seu filho Alexandre, no estúdio Mega, em Higienópolis, ele me contou que estava entrando numa nova fase, ouvindo mais música brasileira – Jorge Benjor,

Gil, Tim Maia... Também me mostrou, ao violão, três pedaços de canções à espera de um desfecho, que gravei no meu iPhone. Finalizei uma delas e a batizei por conta própria de *Um Dia Você Vai*, um *rock*-balada sentimental e doído. Gravei uma versão de violão e voz em janeiro deste ano e desejava enviá-la pro novo parceiro pra ele dar o seu parecer, como faço sempre que componho a quatro mãos. Infelizmente não fui ágil o suficiente. Pudera! Jamais podia imaginar que aconteceria o que aconteceu. Na parte da letra escrita por ele, ele diz: “Reaprendendo a viver com as coisas / Sem olhar pra trás pela primeira vez”. É vero. Chorão estava tentando reaprender a viver. Pena que não houve tempo. Sim, o destino roteirista é às vezes implacável.

Escrito especialmente para O Globo por ocasião da morte de Chorão, líder da banda Charlie Brown Jr.
MARÇO DE 2013

Brevíssimas
Reflexões e
Memórias
Longínquas

“Enfim curado da insônia”

MEU EPITÁFIO

Brevíssima Reflexão sobre Arte e Loucura

Sempre houve uma grande confusão entre a arte e a loucura. Ou entre a loucura e a genialidade. Quantas vezes você ouviu alguém exclamar “fulano é genial!”, e a tecla sap da sua mente traduziu automaticamente para “fulano é louco!”? Considero essa confusão até certo ponto natural. Talvez herança de um ideal romântico, em que os artistas tinham que ser “loucos”, ou de um ideal *hippie*, quando os artistas tinham que ser “muito loucos”, essa tese popular vigora até os nossos dias.

Mas é preciso saber fazer a distinção: há/houve artistas geniais que têm/tiveram patologias mentais de fato, e há os que não tiveram/terão nenhum problema “psiquiátrico” e também construíram/construirão obras geniais. Uma pessoa com depressão, por exemplo, ou algum tipo de fobia, muito provavelmente será uma pessoa desadaptada ao mundo social, o mundo dos “normais”. E nunca houve maior e melhor refúgio para os desadaptados sociais que a arte. Isso não significa dizer que toda pessoa deprimida ou depressiva será um grande artista, mas a possibilidade de ela se expressar através de algum modo artístico, seja a música, a pintura ou a poesia, é imensa.

Não é todo dia que nasce um Artaud ou um Arthur Bispo do Rosário, mas qualquer pessoa diagnosticada com esquizofrenia pode escrever um poema ou compor uma canção. Mas o que me interessa debater aqui é: por que a genialidade está tão associada à loucura em nosso imaginário, às vezes morbidamente até? Conheço gente que baba – literalmente – por um louco genial e que mostra decepção quando constata que o louco não era

tão louco assim (há uma outra loucura em questão, e aqui talvez fosse melhor falar de “excentricidade”, que é a loucura socialmente aceita, por vezes admirada, invejada até).

Por estar de braços dados com a arte e os artistas, a loucura ganhou charme, verniz, glamour (exceto para o parente de um louco de fato por certo). Um grande crítico da “glamorização” da loucura é o psicanalista britânico Adam Phillips, autor do livro *Louco para Ser Normal*. É dele a frase lapidar: “Pessoas que parecem ser normais podem ser mais loucas que os loucos”. Genial!

Francisquinho

Na infância, morei numa rua que ficava próxima de um hospício, a Colônia Nina Rodrigues, à qual nos acostumamos a chamar apenas de “colônia”. A bem da verdade, a palavra “hospício” só entraria no meu vocabulário muitos anos mais tarde. Por todo aquele tempo, o lugar onde os loucos ficavam se chamaria colônia para a molecada da rua.

Vez ou outra topávamos com um louco que de lá fugia. Houve a vez em que, a caminho da escola, eu e minha irmã demos de cara com uma moça nua, desfilando como uma Iemanjá do asfalto, seguida por cães, crianças gritando e adultos curiosos, num cortejo delirante, uma cena de Fellini. Noutra ocasião, nós dois, que tínhamos que obrigatoriamente passar por detrás da “colônia” para chegarmos à escola, nos deparamos com um negro sentado no alto muro, de calção e a se masturbar. Corremos apavorados até chegarmos à escola, próxima dali.

Mas o personagem mais curioso de todos os internos que conheci foi Francisquinho. Não se sabe se ele fugia ou se tinha permissões eventuais para sair. O certo é que ele sempre passava na nossa rua, com um único intuito: participar da nossa pelada, louco que era por futebol. Corria meio estabanadamente, como um pato em piso escorregadio, mas vez ou outra fazia um gol ou jogada impetuosa. Era o bastante para ele nos abraçar com a sua impossível alegria, comovente de tão intensa. Sabíamos que Francisquinho “não batia bem da bola”. Tinha a cabeça raspada como um louco de filme. Mas nunca presenciei um gesto descontrolado ou agressivo de sua parte, e a memória que guardo dele é de um “doido” afetuoso e carente, que precisava sair à rua para fazer amigos. Contava tristes episódios de sua vida de interno e ficávamos ao seu redor, impressionados

com suas histórias e com seu vocabulário rebuscado, seu modo ativo de contar os casos, suas falas enigmáticas, sua filosofia vã (e distante de nós).

Até que houve um dia em que ele não veio. E desde então nunca mais o vimos. Numa coisa todos concordávamos: as peladas eram muito mais divertidas com Francisquinho e sua doce loucura.

FEVEREIRO DE 2014

Brevíssima Reflexão sobre a Riqueza

A riqueza sem propósito é triste. Quase tanto quanto a pobreza. Sei que o suspeito pressuposto parece cínico à primeira vista, mas é de fato como penso. O mortal que tem como grande ambição na vida apenas “ser rico” é mais desgraçado que o mais desgraçado dos seres.

“Dinheiro compra tudo, menos felicidade”, diz ditado popular (e cristão). Há variações irreverentes, como “dinheiro compra tudo, até felicidade”. A minha versão é esta: “Dinheiro compra tudo, menos sentido”. Sim, sentido de viver. A vida sem um sentido para além da fortuna material (pode ser um sentido inventado, já que não nos foram dadas muitas opções), um motivo que transite em alguma medida pelo sonho ou pela poesia, é uma vida definitivamente vã.

Engana-se quem julga ingênuas estas minhas mal traçadas linhas. Senão vejamos: um dos homens mais ricos do mundo constrói um parque de diversões particular na sua imensa e milionária propriedade. Esta história lhe parece familiar, não? Ou: o grande magnata da construção, dono de meia cidade, torna-se apresentador de um programa de tv, em busca de um tolo e essencial sonho – brincar de fazer tv. Esta também, certo?

Digo e repito: a fortuna só se legitima se em sua busca o afortunado roçar as franjas da fantasia e do sonho, e aqui pouco importa o meio – se com o Baú da Felicidade ou *E.T.*, o filme.

Cabeças Cortadas

Num rico e remoto reino, havia um rei que cultivava mórbida diversão: colecionava cabeças de velhos escravos mortos. Bastava que ficassem velhos e ele mandava executá-los. Os velhos escravos eram decapitados e suas cabeças, embalsamadas e guardadas num móvel semelhante a uma cristaleira.

Exibia sua coleção com orgulho a quem o visitava. Até que um dia recebeu o rei de uma terra vizinha, que não disfarçou seu desconforto ao se deparar com tão cruel coleção. Dias depois, o rei perverso recebeu um grande embrulho em seu castelo. Abriu curioso. Era uma caixa com bonecos feitos de cera, coloridos e ricos em detalhes, algo jamais visto naquelas bandas. O rei vizinho o presenteara com aquelas miniaturas produzidas em seu reino, algo moderníssimo para aqueles tempos.

O rei colecionador sentiu-se constrangido e envergonhado com o próprio atraso. Como podia cultivar hábito tão bárbaro se na terra vizinha o rei tinha o hobby tão refinado de colecionar pequenos bonecos de cera? Indignado, mandou juntar todas as cabeças que guardava para queimá-las numa grande fogueira em praça pública – serviria como um ritual onde mostraria que não era um bárbaro como o julgavam ser. Assim o fez. No dia seguinte foi até o outro reino e pediu ao rei amigo para ver a sua coleção de bonecos. Este atendeu seu pedido, amigavelmente. O rei rico ficou encantado com a variedade de cores e modelos. Num ímpeto, fez uma oferta: queria comprar aquela coleção, custasse o valor que custasse. Era rico, dinheiro não seria problema.

O rei vizinho disse não. Explicou que aquilo tinha um valor afetivo inestimável para ele, afinal havia sido seu pai, já morto, o iniciador da

produção de bonecos. O rei colecionador de cabeças voltou para o seu castelo enfurecido. Perdera a cabeça. Dois dias depois declararia guerra ao reino dos bonecos.

FEVEREIRO DE 2014

Brevíssima Reflexão sobre o Fanatismo

Todo fanático é perigoso. Seja no amor, no futebol, na política, no plano da ideologia ou da religião, todo gesto movido pelo fanatismo é temerário. A palavra “fanatismo” tem origem no latim *fanaticus*, algo como “inspirado pelos deuses” ou “tomado de grande entusiasmo” ou “que pertence ao templo”.

Gosto de conviver com pessoas “entusiasmadas”, gente que vive exaltadamente ou que trabalha com paixão. Mas daí para o fanatismo ainda há uma grande distância. O fanático não conhece a liberdade. Está preso ao seu modo estreito de pensar o mundo. E liberdade sugere permissão para mudar – mudar de pensamento, de ideia, de opinião, de gosto até (o distinto leitor pode até apelar para o argumento da “coerência”, mas, convenhamos, nem toda coerência é tão coerente assim). Quem tem liberdade para mudar provavelmente vive com mais leveza. Afinal, deve ser uma escravidão estar sempre de braços dados com a razão.

Quando se fala em fanatismo, pensa-se instintivamente em religião e/ou política. Mas a postura fanática pode ser uma postura de vida. Não há só os fanáticos religiosos ou políticos. Tristes dos que se agarram a verdades e valores absolutos, pois vivem de ilusão, da ilusão de que algo de absoluto possa existir. Bem-aventurados os pensadores promíscuos, os que negligenciam sua opinião e seu voto, os que reveem quaisquer posições, por mais sólidas que sejam (o que haverá de tão sólido que não possa ruir?) e por mais volúveis que eles possam parecer.

Quiçá um dia esses tais serão ungidos com a suprema sabedoria, ainda que transitória. A certeza, quem a tem? Lançar dardos no futuro, como alardeava o compositor Liszt sobre sua “missão” de artista, lançar dardos erráticos rumo a um futuro incerto e escuro, eis nosso papel, se é que existe um.

O Homem Salvo

Eu era adolescente e estava em férias no interior, numa roda de amigos, quando conheci um senhor que se aproximou do grupo e nos contou sua vida com a serenidade de um ancião de conto de fadas. Ele havia se convertido a uma nova religião e, como todo convertido, queria nos convencer das benesses de seu ingresso no paraíso – quem sabe não nos levaria a reboque?

Narrou como havia sido um pervertido e degenerado antes de cair nos braços do Senhor: “Eu era um perdido... Matei, roubei, bebi, usei drogas, traí os amigos ... Tive relações com mulheres e homens, fiz toda sorte de impiedade. Mas fui salvo pela misericórdia de Deus. Remi meus pecados”.

Eu era apenas um garoto à época, mas essas histórias de fé e suposta redenção estranhamente já me causavam imensa atração. Não que eu cresse cegamente no que o homem falava. Embora não fosse cético como sou agora, já tinha àquela altura o hábito de duvidar das convicções alheias.

Ouvi a confissão do sujeito junto a alguns amigos, mais por compaixão e curiosidade que por empatia. Não podia entender como alguém, num passe de mágica, podia mudar da água para o vinho ou, especificamente neste caso, do vinho para a água.

Sim, acredito em redenções e presenciei algumas. Mas intuí que aquele homem era só mais um fanático, e pra sempre o seria. Fora fanático pelo pecado no passado, e agora seu fanatismo se voltava para a salvação. Nunca seria ele próprio, mas um morto-vivo escravizado, fosse pelo instinto ou pela negação deste.

Brevíssima Reflexão sobre a Sofisticação

Sei que parece obsessão voltar a este tema, mas, como diria Nelson Rodrigues, “o que seria de um homem sem três ou quatro ideias fixas?”. É dos assuntos que mais me inquietam hoje, algo que, penso, está mudando a cara do mundo, e que tem ligação direta com o fortalecimento do ideário capitalista (irreversível nesta hora) – a sofisticação *fake*, a sedução (sedução consumista, não sexual, bom frisar) através de um jogo de cena baseado nas ideias de requinte, exclusividade e mimo ao consumidor.

Esse comportamento (ou procedimento) não trai sua rala origem. Ele nasce no seio do autoconfiante e soberbo novo-riquismo propiciado pelas políticas neoliberais que tomaram de assalto o mundo nas últimas décadas. E hoje constitui-se num império – de regalias, confortos e luxos, mas também (pelo menos aos olhos de quem quer ver) de precariedade maldisfarçada, de cafonice sem limites e de certo (outra vez Nelson) “complexo de vira-latas” transmutado em autossuficiência.

Os gestos medidos, os textos ensaiados, a postura ora impessoal, ora de espontaneidade forjada, tudo faz parte de um plano geral (não, não é uma conspiração, é só a maré do senso comum afogando – de novo e sempre – o indivíduo e suas particularidades). Portanto, não se espante quando falar sobre o tempo com o atendente de uma empresa de telefonia e ele fingir que não o ouve porque tem ordens estritas de parecer um autômato, com frases bem ensaiadas como: “Bom dia, senhor, em que posso ajudá-lo?”. Mas aqui vai uma dica – um truque, um “teste de humanidade” a que nem o mais domesticado “replicante” pode resistir: mude de assunto como se fosse um louco aluado e cordial. “Müller é seu nome? É homenagem ao

jogador?” – falei certa vez a um rapaz que me atendia na troca de um celular. Sua feição de robô não se abalou, mas sua alma com réstias de humanidade bradou cúmplice e queixosa: “É, mas não gosto nada disso, sabia?”. *Touché!*

O Último Frango da Rua Paris

Nos primeiros anos em que vivi em São Paulo, morei no bairro do Sumaré. Minha casa ficava próxima à Rua Paris, onde havia uma padaria com ares suburbanos que aos domingos vendia galletos na brasa, aqueles expostos na clássica “televisão de cachorro”. Quantos domingos solitários e sem inspiração aquela padaria salvou, penso agora, mais de 20 anos depois.

Depois mudei-me para outra casa, no mesmo bairro, e continuei a recorrer ao expediente fácil, saboroso e relativamente barato de comer galletos aos domingos, acompanhados da indefectível farofa. Mas houve um dia em que lá passei e não achei mais a tal padaria. Achei outra, maior e mais sofisticada, mais que uma padaria – era também bar, restaurante, lanchonete e minimercado. Com o passar do tempo, essa “nova padaria” virou uma quase instituição paulistana – e se alastrou pelos quatro cantos da cidade. Ainda há botecos e padarias pé-sujo, mas já escasseiam, diante da emergente necessidade de a classe média buscar um lugar multiuso e, claro, com o requinte e o conforto que são a ela devidos – a classe média, já não tão média assim.

Depois, muitos domingos depois, vaguei num dia solitário e sem inspiração em busca de um galeto no bairro onde morava então. Andei, andei e... nem sinal do tal galeto, que, poderia afirmar, é também uma instituição nacional, só que suburbana. Então deparei-me com um lugar que enfim vendia frangos assados na brasa. Não era uma padaria de subúrbio ou boteco de esquina, mas uma... tchan, tchan, tchan, tchan: “gale-te-ria”. Sim, uma casa especializada em galletos, como não?! Achei aquilo curioso. Era sem dúvida um nome charmoso. E denunciava algo (ou algos): a atividade de vender galletos estaria em alta (a fila na porta

atestava isso) e, o mais importante – era preciso renomear com refinamento o que era de estirpe menos nobre ou, sendo direto e reto, o que era “coisa de pobre” (óbvio que, se em vez de galeteria, houvesse uma faixa capenga na porta com o letreiro “vende-se galletos”, muita gente que naquele momento suportava a fila com bom humor e excitação não estaria nela).

Com o tempo passou o estranhamento. Aceitei a “galeteria”, sem rancores. Fácil entender o recurso – o sufixo “ria” confere aura europeia ao negócio (italiana, espanhola?), gourmet até (vide forneria, paneria, panaderia, gelateria, osteria, trattoria etc.). Ok, aceitável. De lá até hoje, tenho topado em minhas andanças com “esmalteria”, “shorteria”, “cuscuzeria”, “carneria” e “brigaderia” – esta última com a formidável legenda: “emotional food”. Então tá.

MARÇO DE 2014

Brevíssima Reflexão sobre a Ausência

O mal do século 19 foi a tuberculose. O mal do século passado, controvérsias à parte, parece ter sido o câncer e suas terríveis variações, como a aids. Em minha opinião, o grande mal do mundo neste século é a ausência. Ok, você pode listar certos males notórios que tomaram a humanidade de assalto desde o fim do Novecentos até hoje – estresse, depressão, fobias mil, síndromes do pânico e afins.

Concordo. No quesito saúde, que é inevitavelmente um grande termômetro – sem trocadilho – das eras, não há dúvida de que os males psíquicos (ou psicológicos ou mesmo psiquiátricos) têm um grande peso no “desenho” deste novo tempo. Mas falo de um mal maior, que afeta tudo, todos e a saúde, não dos indivíduos, mas do mundo, e compromete o funcionamento de sua engrenagem.

Sei que assim falando pensam que estou em defesa de um modo de viver utilitário e rentável, um anti-di Masi apregoando funcionalidade e eficácia em detrimento do lirismo e da poesia. Mas não. O que falo tem outro viés. Falo do fato de as pessoas não terem mais a concentração necessária e devida para os grandes (e mesmo pequenos) afazeres, exceto artistas obstinados, esportistas idem, religiosos convictos e uns poucos gênios cientistas espalhados em laboratórios de pesquisa pelo mundo talvez.

Tudo no mundo de hoje induz à dispersão – apetrechos tecnológicos a reclamar nossa atenção o tempo todo, amigos de redes sociais a nos cutucar a todo instante, nem sempre (ou quase nunca) por razões essenciais, poluição visual e sonora (nunca houve tanto barulho no

mundo), e os mil estímulos de toda natureza (e aqui faço um parêntese abrupto para o absurdo de Ionesco que é o “*marketing* olfativo”, prática de mau gosto que consiste em “perfumar” lojas com aromas doces e convidativos – mais uma aberração engendrada em salas de reunião refrigeradas para seduzir o potencial e incauto consumidor). Ou seja, há que ser forte para estar inteiro no que se faz.

Vejo o mundo futuro feito de não cidadãos, apenas de consumidores ou fiéis, todos ausentes, dispersos, afeitos a causa nenhuma, só à mais vil e comezinha sobrevivência, sejam pobres, ricos, gênios ou idiotas (se é que haverá gênios no futuro).

A Empacotadora Mágica

Certa vez, estando em Vila Real de Santo António, no Algarve, em Portugal, para tocar num festival, fomos, eu e alguns músicos da minha banda, até uma doceria do outro lado da praça, ao fim de um ensaio no teatro da cidade. Tínhamos tempo – o show só aconteceria tarde da noite, na vizinha cidade de Castro Marim, e lá fomos nós, ávidos por um café naquele fim de tarde de verão.

Lá chegando, vimos outros “artigos” além de café e doces – havia licores em divertidas garrafas, pequenos suvenires locais e miudezas várias. Nos sentamos, tomamos nosso café e compramos alguns regalos pra amigos e famílias.

Na hora de pagar, havia dois casais na nossa frente. Eles, turistas certamente, haviam comprado várias coisinhas e a moça dos pacotes estava a embalar os mimos. Paramos no balcão e ficamos observando, meio que hipnotizados, o ritual da moça embalando as compras. Ela o fazia com tanto empenho e concentração que aquilo foi se tornando um espetáculo a que assistíamos sem sair do lugar – nem ousar reclamar da imensa espera.

Eram tão encantadores seu balé de gestos e sua habilidade para tal que nos quedamos paralisados com sua proeza, trocando olhares, admirados com os belos pacotes feitos com domínio jamais visto. Se havia alguém com pressa de voltar ao hotel, essa pressa se dissipou em segundos.

Naquele dia, aquela moça anônima transformou a mera função de embalar mercadorias num quase rito, num ato espiritual, eu diria. Ela estava ali, de corpo e espírito, completamente presente, detida, conectada

*consigo – logo conectada com o que os crédulos chamam de “Deus”.
Aquilo pra mim equivaleu a uma oração.*

MARÇO DE 2014

Agradecimentos

Adriana Bueno

Chico César

Deco Gedeon

Ivan Claudio

Léo Nogueira

Luciano Suassuna

Mauro Finazzi

Mara Fernandes

Renato Terra

e

Rossana Decelso

Copyright @2014 Zeca Baleiro

EDITORES

Marcelo Nocelli

Rennan Martens

REVISÃO

Ricardo Jensen de Oliveira

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Paula Astiz

PRODUÇÃO DE EBOOK

Laura Lotufo / Paula Astiz Design

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7- 5880

B183r Baleiro, Zeca.

A rede idiota : e outros textos / Zeca Baleiro . – São Paulo : Reformatório, 2014.

ISBN: 978-85-66887-13-6

Textos originalmente publicados em revistas: Isto é, Piauí, Correio Brasiliense, Folha de São Paulo, Globo Rural.

1. Crônicas brasileiras. 2. Editorias – Brasil. 3. Música popular – Brasil – Textos.

CDD B869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras
2. Editorias – Brasil
3. Música popular – Brasil – Textos

Todos os direitos desta edição reservados à:

EDITORA REFORMATÓRIO LTDA

São Paulo SP